

AMADOR ANJOS

CENTENÁRIO DA OBRA SALESIANA EM PORTUGAL

1894 - 1994

AO SERVIÇO DA JUVENTUDE E DO POVO



LISBOA

1995

Ao P. Custódio
oferece com um abraço de amizade
Lisboa, Abril 1995

A. Augusto



S. JOÃO BOSCO

Fundador da Sociedade Salesiana

AMADOR ANJOS

**CENTENÁRIO
DA OBRA SALESIANA EM PORTUGAL
1894 - 1994**

AO SERVIÇO DA JUVENTUDE E DO POVO

Província Portuguesa da Sociedade Salesiana

Lisboa
1995

APRESENTAÇÃO

Esta publicação, que evoca os cem anos de presença salesiana em Portugal ao serviço da juventude e do povo (1894-1994), é o resumo de uma outra mais desenvolvida, a sair mais tarde.

Embora se trate de um trabalho de carácter divulgativo, houve a preocupação de o fundamentar na documentação existente nos arquivos da província portuguesa, em particular no de Lisboa (Casa Provincial), no "Archivio Salesiano Centrale" de Roma (ASC) e nos documentos normativos da Congregação, bem como em documentos de outra origem, quando acessíveis. Estes, infelizmente, são escassos, como escassos são também os testemunhos salesianos chegados até nós por via não oficial, o que pode tornar - reconhecemo-lo - a interpretação de determinados factos menos segura. E dado que não foi possível consultar toda a documentação existente nos diversos arquivos, o presente trabalho mais não pretende ser que uma primeira abordagem da história (resumida) dos salesianos em Portugal.

Na introdução delinea-se a figura e acção de S. João Bosco (ou simplesmente D. Bosco, como universalmente é conhecido), bem como a natureza e expansão do instituto religioso por ele fundado: a Sociedade de S. Francisco de Sales ou Sociedade Salesiana.

Na Iª e IIª partes mostra-se a maneira como esta se inseriu e foi desenvolvendo no meio português, privilegiando a princípio (primórdios e restauração) as instituições educacionais ligadas ao mundo do trabalho e aos rapazes da rua (escolas de artes e ofícios e oratórios festivos), e voltando-se depois (a partir de meados do século XX) para o sector colegial, por força das transformações operadas na sociedade e no âmbito escolar (unificação do ensino).

Na IIIª e última parte indicam-se alguns desafios que se põem hoje à missão salesiana em geral e particularmente no nosso país, sobretudo no que respeita ao dinamismo interno da Família Salesiana, à participação dos leigos, à comunicação social, ao mundo do trabalho e à pastoral juvenil.

Na transcrição dos textos em português é sempre actualizada a ortografia. A tradução dos textos para português, italianos na quase totalidade, é da exclusiva responsabilidade do autor. Na citação dos documentos nem sempre se indica a localização que estes ocupam nos respectivos arquivos, ou por ainda não estarem devidamente catalogados, como é o caso do arquivo da província portuguesa (Lisboa), ou porque a mesma localização nem sempre figura nas fotocópias realizadas, como no caso do "Archivio Salesiano Centrale". Adverte-se, no entanto, que neste último arquivo - no qual se conservam os mais numerosos e importantes documentos relativos à província portuguesa, ainda por informatizar - a maior parte dos mesmos estão contidos em seis caixas ('scatole'), de F001 a F006, secção Portugal.

Uma palavra de agradecimento a todos aqueles que de algum modo contribuíram para a elaboração e aperfeiçoamento destas páginas, que

abordam um dos aspectos - ainda na sombra - da história contemporânea da Igreja em Portugal. Um agradecimento particular aos que participaram, em maior ou menor escala, na redacção dos capítulos: III, sector das escolas (Delfim Santos); V, orientação vocacional e formação (José Valinho); VI, Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (Ir. Maria Isabel Azevedo Coutinho [Peniche]) e outros ramos da Família Salesiana (Ramiro Pereira Galhispo); VII, desafios à Família Salesiana hoje (José Rogério de Almeida), e aos que acompanharam de perto o trabalho com as suas sugestões, achegas ou observações críticas: Armando Monteiro, Joaquim Teixeira, Luciano Miguel, J. Adolfo Duro... O aspecto técnico-artístico fica a dever-se à colaboração de José Augusto Fernandes, Elias de Jesus, Orlando Camacho e David Bernardo.

SIGLAS OU ABREVIATURAS

- AP Arquivo da Província Portuguesa Salesiana (Lisboa)
- APC Arquivo da Província Portuguesa da Companhia de Jesus (Lisboa)
- ASC Archivio Salesiano Centrale (Roma)
- CG Capítulo Geral
- Const.* Constituições da Sociedade Salesiana
- FMA Filhas de Maria Auxiliadora ou salesianas
- SDB Salesianos de D. Bosco (Sociedade Salesiana)

INTRODUÇÃO

***O FUNDADOR
DA SOCIEDADE SALESIANA***

1. D. Bosco e o mundo dos jovens

João Bosco nasceu a 16 de Agosto de 1815, num lugarejo do Piemonte (Becchi) que passou a ter o seu nome, *Colle Don Bosco*, pertencente ao município de Castelnuovo d'Asti, hoje também *Castelnuovo Don Bosco*. Foram seus pais Francisco Bosco e Margarida Occhiena, humildes camponeses que viviam do trabalho quotidiano. Com dois irmãos mais velhos - António (filho das primeiras núpcias de Francisco Bosco) e José -, fica órfão de pai aos dois anos de idade. Margarida assume então sozinha, corajosamente e com êxito, a direcção da casa e a educação dos filhos.

Entregue às tarefas do campo desde a meninice, João inicia-se nas primeiras letras aos nove anos, alternando o estudo com trabalhos de variados ofícios (moço de lavoura, alfaiate, carpinteiro, serralheiro, empregado de café) até à entrada no seminário de Chieri em 1835, para os estudos filosófico-teológicos. A sua ordenação sacerdotal em 1841 é seguida de um triénio de formação e prática pastoral no Colégio Eclesiástico de Turim.

Ao iniciar este triénio, inicia também a sua missão de educador entre os rapazes socialmente desprotegidos com a obra dos "oratórios festivos", à qual voltaremos mais adiante. O oratório primitivo tem uma vida atribulada e errante até se fixar num terreno adquirido *ad hoc* no bairro de Valdocco, donde irradia para outros bairros da capital piemontesa e em seguida para outros lugares da Itália e do estrangeiro. Colocado sob o patrocínio de S. Francisco de Sales, vai-se transformando pouco a pouco num centro complexo de actividades, todas elas tendentes a dar assistência, instrução e qualificação profissional a um número crescente de rapazes abandonados: encontros

dominicais vividos em ambiente de alegria (jogos, divertimentos, sessões culturais e recreativas) e vivência religiosa, aulas nocturnas, aprendizagem de ofícios, cursos de ensino primário e secundário, prática da música vocal e instrumental. Ao externato inicial vem acrescentar-se o internato para albergar os sem-tecto. Com o andar do tempo o Oratório de S. Francisco de Sales - ou o Oratório por antonomásia, com maiúscula - torna-se uma instituição onde aprendizes (de vários ramos profissionais) e estudantes (que seguem os estudos clássicos) convivem harmoniosamente, havendo entre os últimos um grupo orientado para a vida sacerdotal e religiosa.

D. Bosco torna-se a alma de todo este complexo mundo juvenil, rodeando-se de colaboradores, cujo número vai aumentando, muitos dos quais são jovens por ele próprio formados. Alguns, entre os mais afeiçoados ao seu mestre e educador, acabam por se ligar a ele de tal modo que vêm a constituir um núcleo de voluntários, cuja promessa inicial de ficar com D. Bosco se torna cada vez mais vinculativa até atingir a forma de vida consagrada. Foi assim que nasceu a Sociedade de S. Francisco de Sales ou Sociedade Salesiana (composta de eclesiásticos e de leigos), voltada prioritariamente para a educação da juventude, especialmente da mais pobre e desprotegida, não apenas através dos oratórios, cuja actividade se concentra nos domingos e dias santos, mas também de outras instituições, dentre as quais se destacam as escolas de artes e ofícios. Os colégios abertos à classe média vêm completar o quadro educativo que D. Bosco legou aos seus filhos e que ele próprio conseguiu concentrar no espaço ocupado pelo Oratório de Valdocco.

2. Acção multiforme

Educador inteiramente dedicado aos rapazes, D. Bosco encontra ainda tempo para promover missões populares por toda a Itália, dirigir espiritualmente muitas almas e satisfazer uma outra grande vocação: a de escritor, publicando diversos livros ou opúsculos, cujos destinatários são os jovens e as pessoas humildes do povo. Mas em tudo o que escreve é sempre o educador que se evidencia. A imprensa (e a comunicação em geral) constituirá precisamente uma das dimensões mais importantes da missão salesiana no mundo. As ideias de D. Bosco sobre educação encontram-se dispersas pelo conjunto dos seus escritos, sendo todavia poucos aqueles em que os problemas educativos são abordados *ex professo* (e mesmo estes últimos não chegam a revestir a forma sistemática). É o caso, por exemplo, dos dois escritos tidos por mais significativos: *O sistema preventivo na educação da juventude* (1877) e a *Carta de Roma* (1884).

A fim de completar a acção desenvolvida pelos salesianos entre a juventude, inspira e apoia Maria Mazzarello na fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora para a juventude feminina (1872). Entretanto hoje as duas congregações (SDB e FMA) acolhem indistintamente os dois sectores juvenis nas suas instituições educativas. Para alargar o influxo do seu espírito às pessoas inseridas no mundo e atraídas pelo ideal de formação da juventude, D. Bosco funda a *Associação dos Cooperadores Salesianos* (1876), que é uma espécie de ordem terceira em moldes modernos, e estimula o movimento de antigos alunos e a organização dos mais empenhados em viver e promover os valores assimilados em ambiente salesiano.

O zelo apostólico de D. Bosco cedo se alarga ao campo das missões, imprimindo à sua Congregação um cunho marcadamente missionário. Em 1875 parte o primeiro grupo de missionários para a Argentina e, a partir desta data, as expedições missionárias para os diver-

sos continentes multiplicam-se a breves intervalos. Mas o ritmo de expansão dos Salesianos de D. Bosco, dentro e fora da Itália, já começara a acentuar-se a partir de 1869, data da aprovação canónica da Sociedade de S. Francisco de Sales, fundada dez anos antes.

3. Um homem plenamente do seu tempo

D. Bosco é um homem plenamente inserido na sociedade do seu país e do seu tempo. Como poucos intui os problemas sociais que a agitam, especialmente no mundo do trabalho, fundando escolas profissionais que proporcionem aos aprendizes meios adequados de formação intelectual e técnica e dando-lhes ao mesmo tempo uma visão cristã da vida. Discordando embora da acção violenta, desencadeada pelos movimentos revolucionários, pensa convictamente que as reivindicações dos trabalhadores correspondem, no seu conjunto, a uma exigência irreprimível de justiça e de respeito pela dignidade humana. Solidário com o seu povo e vivendo, com certa ansiedade, mas ao mesmo tempo com realismo, o momento crítico do *Risorgimento*, procura manter-se fiel aos princípios do Evangelho e à sua condição de católico, sem secundarizar os deveres de cidadão. Num dos momentos mais delicados do processo de relações entre o governo italiano e a Santa Sé (1867-1878), serve empenhadamente de intermediário oficioso para uma aproximação e entendimento entre ambas as partes.

A congregação religiosa por ele fundada, e à qual deu S. Francisco de Sales por patrono e modelo (daí o apelativo “salesianos”), conta à sua morte 64 casas e 773 membros, incluindo noviços. O número foi sempre crescendo ano após ano até atingir o ponto máximo em 1970: 21.905. A partir daí este número vai baixando, com oscilações, até aos nossos dias: 17.497 em 1994. O decréscimo verificado corresponde, aliás, ao fenómeno universal da quebra de vocações nas últimas décadas.

4. D. Bosco e Portugal

As relações de D. Bosco com Portugal começam em 1844, através da família portuguesa Rademaker, fixada em Turim entre 1829 e 1848. O Pe. Daniel Rademaker, um dos seus amigos íntimos e colaborador assíduo no Oratório de Turim, continuou a corresponder-se com ele após o regresso à pátria. Mas a figura que mais fortemente ligou D. Bosco a Portugal foi indubitavelmente o Pe. Sebastião Leite de Vasconcelos que, desde 1880, manteve com Turim intensa correspondência em ordem a conseguir os salesianos para o Porto. Em 1882 foi mesmo seu hóspede em Turim e tornou-se um dos seus grandes admiradores e imitadores. Aconselhado por ele e apoiado pelo cardeal D. Américo Ferreira da Silva, empreendeu a fundação da Oficina de S. José do Porto em 1883, que só muitos anos mais tarde passaria para as mãos dos salesianos (1909).

Várias outras figuras do nosso país contactaram com o educador italiano. Eugénia Teles da Gama, dama de honor da rainha D. Maria Pia, visita-o por duas vezes (1868 e 1883), saindo da sua presença profundamente

compenetrada de ter encontrado um santo. O grande jornalista católico Manuel Frutuoso da Fonseca entrevista-o, segundo parece em 1878, e sente-se honrado em ter recebido dele uma preciosa lembrança. O cardeal D. José Neto escreve-lhe em 1884 a solicitar-lhe uma fundação salesiana em Lisboa. D. Teotónio Vieira de Castro, terminados os estudos em Roma (1885), procura-o para lhe pedir a bênção. O Pe. João Marques Simões, atraído pela sua fama, parte para a Itália em 1885 (já com 40 anos de idade) e professa nas mãos do santo fundador no ano seguinte. Depois de ter desenvolvido o seu apostolado em Roma, o Pe. Marques Simões vem a falecer perto de Turim em 1894. Foi o primeiro sacerdote salesiano português. Dois padres jesuítas, Joaquim Campo Santo e Luís Gonzaga Cabral, têm um encontro com D. Bosco em 1886 sobre problemas de educação. Em 1887 o sacerdote português António Joaquim Pereira, por ocasião da última visita do homem de Deus a Roma, consegue trocar umas palavras com ele e pedir-lhe a bênção para si e para o seu país. Apesar das instantes diligências, levadas a cabo ainda em vida de D. Bosco, para a implantação dos salesianos no nosso país, estes só chegam em 1894, sendo então superior geral o Pe. Miguel Rua.

5. Duas cronologias

D. Bosco e a Sociedade Salesiana

- 1815 Nascimento de D. Bosco (16/8): Castelnuovo d'Asti (hoje *Castelnuovo Don Bosco*).
- 1817 Morte do pai.
- 1824 Primeiras letras.
- 1825 Sonho profético dos 9 anos sobre a futura missão juvenil.
- 1826 Primeira comunhão.
- 1826-28 Moço de lavoura.
- 1829 Encontro com o Pe. Calosso, com quem prossegue os estudos.
- 1830-31 Frequenta a escola primária de Castelnuovo d'Asti.
- 1831-35 Liceu de Chieri (gramática, humanidades, retórica).
- 1835-41 Seminário de Chieri (filosofia e teologia).
- 1837 Nascimento de Maria Mazzarello, co-fundadora das FMA.

D. Bosco e a Província Portuguesa da Sociedade Salesiana

- 1841 **Ordenação sacerdotal em Turim (5/6).** Encontro com o jovem Bartolomeu Garelli, servente de pedreiro: início do **oratório festivo (8/12)**
- 1841-44 Colégio Eclesiástico de Turim: triénio pastoral sob a orientação de S. José Cafasso.
- 1842 Nascimento de Domingos Sávio (2/4).
- 1844 Resolve continuar a sua vida apostólica em Turim. Capelão de um orfanato feminino, dirigido pela marquesa Barolo, durante um ano (oratório festivo nos anexos).
- 1845-46 Oratório ambulante. Início das aulas nocturnas.
- 1846 **Fixação do oratório em Valdocco (casa Pinardi),** com o nome de Oratório de S. Francisco de Sales. Margarida associa-se à missão do filho, passando a viver com ele em Turim.
- 1847 Início do internato no Oratório de Valdocco (Oratório com maiúscula). 2º oratório em Turim.
- 1848 Periódico “O Amigo da Juventude” (de breve duração). D. Bosco considerado louco.
- 1849 3º oratório em Turim.
- 1850 “Sociedade de Socorros Mútuos”, entre os jovens operários do Oratório.
- 1851 Primeiros contactos de trabalho a favor dos jovens operários do Oratório.
- 1852 Inauguração da igreja de S. Francisco de Sales no Oratório.
- 1852-54 Plano de regulamento para o Oratório.
- 1853 **Embrião das escolas profissionais:** oficinas de sapataria e alfaiataria. Primeira banda de música. “Leituras católicas” (coleção de leituras para o povo): 432 fascículos até 1888, sendo uns 70 da autoria de D. Bosco.
- 1854 **Embrião da Sociedade Salesiana:** D. Bosco dá o nome de ‘salesianos’ a um grupo de jovens colaboradores, dispostos a ficar com ele.
- 1855 Primeiros votos privados de Miguel Rua. Associação religiosa que dá origem ao Instituto das FMA.
- 1856 Oficina de carpintaria. Morte de Margarida, mãe de D. Bosco e 1ª cooperadora salesiana.
- 1857 Morte de Domingos Sávio. 1ª conferência (juvenil) de S. Vicente de Paulo no Oratório.
- 1858 1ª viagem a Roma: 1º esboço das Constituições apresentado ao Papa.
- 1859 **Nascimento da Sociedade de S. Francisco de Sales (18/12):** carácter privado (2 presbíteros e 15 escolásticos).
- 1860 1º leigo admitido na Congregação: Giuseppe Rossi. Morte de S. José Cafasso, mestre e di-
- 1844 A família portuguesa Rademaker, fixada em Turim desde 1829, entra em contacto com D. Bosco.

- reitor espiritual de D. Bosco. Miguel Rua ordenado presbítero. Seminário de Giaveno (1860-62).
- 1861 Oficina de tipografia.
- 1862 Oficina de serralharia. Profissão dos 22 primeiros salesianos.
- 1863 1ª casa fora de Turim: Colégio de Mirabello Monferrato (director, Miguel Rua: lembranças confidenciais). 1ª pedra da Basílica de Maria Auxiliadora em Turim.
- 1864 **Reconhecimento, pela S. Sé, da Sociedade de S. Francisco de Sales** (“decretum laudis”).
- 1865 Primeiras profissões perpétuas. “Biblioteca dos escritores latinos”.
- 1868 **Aprovação diocesana da Sociedade de S. Francisco de Sales.** Consagração da Basílica de Maria Auxiliadora.
- 1869 **Aprovação definitiva, pela S. Sé, da Sociedade de S. Francisco de Sales.** Associação Devotos de Maria Auxiliadora.
- 1870 1ª casa fora do Piemonte: Colégio de Alassio. Associação Antigos Alunos.
- 1871 Escola de Artes e Ofícios de Marassi (Génova) (transferida para Sampierdarena em 1872).
- 1872 **Fundação do Instituto das FMA: Maria Mazzarello e D. Bosco.**
- 1874 **Aprovação definitiva, pela S. Sé, das Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales (3/4).**
- 1875 **Expansão dos salesianos fora da Itália: Argentina, 1ª expedição missionária (11/11); França - Nice (21/11).**
- 1876 **Associação Cooperadores Salesianos, aprovada pela S. Sé.** Uruguai: 2ª expedição missionária.
- 1877 3ª expedição missionária (Argentina e Uruguai). 1º CG dos salesianos. FMA: 1ª casa fora da Itália (França-Nice); 1ª expedição missionária (Argentina). “Bollettino Salesiano”. Opúsculo sobre o “sistema preventivo”.
- 1879 Patagónia: primeiros contactos com os índios.
- 1881 Morte de Maria Mazzarello. Espanha.
- 1883 Viagem a Paris. Brasil.
- 1885 “Leituras Dramáticas”.
- 1868 Eugénia Teles da Gama, dama de honor da rainha D. Maria Pia, encontra-se com D. Bosco em Turim (segundo encontro: 1883).
- 1877 D. Bosco escreve ao patriarca de Lisboa, D. Inácio Cardoso, a pedir-lhe alojamento para um grupo de missionários salesianos, de passagem por Lisboa rumo à Argentina.
- 1878(?) O grande jornalista católico, Manuel Frutuoso da Fonseca, entrevista D. Bosco em Turim, segundo parece em 1878.
- 1881 O Pe. Giovanni Cagliero visita Portugal e encontra-se com o Pe. Sebastião Leite de Vasconcelos no Porto.
- 1882 O Pe. Vasconcelos, mais tarde bispo de Beja, vai a Turim apresentar a D. Bosco o projecto de uma escola-oficina a ser dirigida pelos salesianos.
- 1883 Aconselhado por D. Bosco, que promete enviar mais tarde os seus filhos, o Pe. Vascon-

			celos funda a Oficina de S. José do Porto.
		1885	O Pe. Teotónio Vieira de Castro, mais tarde bispo de Meliapor, encontra-se com D. Bosco no colégio salesiano de Matti. O Pe. João Marques Simões, atraído pela figura de D. Bosco, parte para a Itália e entra no noviciado salesiano, professando em 1886.
1886	Estruturação das escolas profissionais. Viagem à Espanha (Barcelona). Terra do Fogo.	1886	Os dois padres jesuítas Joaquim Campo Santo e Luís Gonzaga Cabral têm um encontro com D. Bosco sobre problemas de educação.
1887	Consagração da Basílica do S. Coração de Jesus em Roma. Trento (então território austríaco), Chile, Grã Bretanha.	1887	O Pe. António Joaquim Pereira, estudante na Gregoriana, encontra-se com D. Bosco em Roma e recebe dele a bênção.
1888	Equador.		
1888	Morte de D. Bosco (31/1). Total de efectivos na Congregação, incluindo noviços: 773 (irmãos leigos: 284). FMA: 393.		
1889	Suíça: Cantão Ticino. "Apóstolas da Sagrada Família": Messina (card. José Guarino, cooperador salesiano).		
1890	Colômbia. Total de efectivos na Congregação: 1299. Sacerdotes: 29,63%; leigos: 29,94%. ¹		
1890-97	Processo ordinário de canonização: Cúria de Turim.		
1891	Argélia (Orão), Bélgica, Terra Santa (Belém), Peru.		
1892	México.		
1893	Polónia: experiência de Markiewicz, que acaba em ruptura com a Congregação.		
1894	Portugal , Tunísia, Venezuela.	1894	Os salesianos entram em Portugal: Colégio de S. Caetano de Braga.
1895	1º Congresso Internacional Cooperadores Salesianos: Bolonha.		
1896	Bolívia, Egipto, Paraguai, África do Sul (Cabo), Estados Unidos.	1896	Os salesianos assumem a direcção das Oficinas de S. José de Lisboa.
1897	América Central.	1897	Casa de formação em Pinheiro de Cima, às Laranjeiras (Lisboa).
1898-1939	Publicação de <i>Memórias Biográficas de D. Bosco</i> em 19 vols. (MB) - G.B.LEMOYNE (I-IX); A.AMADEI (X); E.CERIA (XI-XIX).		
1899	El Salvador.	1899	Constituição da Província Portuguesa da Sociedade Salesiana (erecção canónica: 1902). 1ª visita do superior geral, Pe. Miguel Rua.
1900	Total de efectivos na Congregação: 3526. Sacerdotes: 25,32%; leigos: 30,09%.		
1901	Jamaica, Iugoslávia, Áustria (Viena).		
1902	3º Congresso Internacional Cooperadores Salesianos.	1902	Início da publicação do <i>Boletim Salesiano</i> em língua portuguesa.
1903	Malta, Turquia (Istambul), Açores.	1903	Angra do Heroísmo (Açores): Orfanato João Baptista Machado.

¹ Os dados estatísticos inseridos nesta cronologia foram extraídos de P. STELLA, "I Coadiutori salesiani (1854-1974)", in *Atti Convegno mondiale Salesiano Coadiutore*, Roma, 1975, 63-65, 78.

- 1905 “Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria”: Colômbia (Luís Variara SDB).
- 1906 Honduras, Macau, Índia (Tanjor).
- 1907 D. Bosco declarado Venerável. Costa Rica, Panamá, Moçambique (1ª fase).
- 1908 Confederação Mundial dos Antigos Alunos de D. Bosco (Filipe Rinaldi). “Società Editrice Internazionale” (SEI).
- 1910 Total de efectivos na Congregação: 4372. Sacerdotes: 38,51%; leigos: 26,68%.
- 1911 Aprovação pontifícia do Instituto das FMA. 1º Congresso Internacional Antigos Alunos de D. Bosco: Turim. Nicarágua, Zaire.
- 1913 Hungria.
- 1915 4º Congresso Internacional Cooperadores Salesianos: São Paulo. 1º cardeal salesiano: Giovanni Cagliero.
- 1916 Alemanha.
- 1917 Associação laical que dá origem ao instituto secular “Voluntárias de D. Bosco” (Filipe Rinaldi). Cuba, China (Kwantung).
- 1919 Irlanda (Eire).
- 1920 Total de efectivos na Congregação: 4916. Sacerdotes: 46,39%; leigos: 26,44%.
- 1922 Austrália, S. Marino.
- 1924 Canadá, Checoslováquia, Lituânia.
- 1926 Japão. Erecção canónica da província chinesa, com sede em Macau.
- 1927 Hong Kong, Tailândia, Timor (1ª fase).
- 1928 Holanda.
- 1929 **Beatificação de D. Bosco (2/6)**. Trasladação dos restos mortais de Valsalice para a Basílica de Maria Auxiliadora (Turim). Guatemala, Marrocos.
- 1930 Suécia. Total de efectivos na Congregação: 8493. Sacerdotes: 46,39%; leigos: 24,70%.
- 1933 “Salesianas Oblatas do S. Coração”: Calábria (mons. José Cognata SDB).
- 1934 **Canonização de D. Bosco (1/4)**. Ucrânia, República Dominicana.
- 1904 Viana do Castelo: Oficina de S. José.
- 1906 Tanjor (Índia): Orfanato de S. Francisco Xavier, para indígenas. Macau: Orfanato da Imaculada Conceição, para chineses. 2ª visita do superior geral, Pe. Miguel Rua.
- 1907 Ilha de Moçambique: Escola de Artes e Ofícios, para indígenas.
- 1908 1º Congresso Pedagógico de Lisboa: confere às Oficinas de S. José o Diploma de Benemerência.
- 1909 Porto: Oficina de S. José entregue aos salesianos. Meliapor (Índia): Orfanato de S. Tomé Apóstolo, para eurasiáticos.
- 1910 Suspensão da obra salesiana em Portugal e colónias (implantação da República).
- 1912 Reabertura da casa de Macau. Reabertura das Oficinas de S. José de Lisboa (encerramento forçado após alguns meses).
- 1920 **Restauração da obra salesiana em Portugal** (Oficinas de S. José de Lisboa).
- 1922 Reabertura da Oficina de S. José do Porto (encerramento: 1951).
- 1923 É constituída a “visitadoria” salesiana de Portugal.
- 1924 Poiares da Régua: Seminário Sagrado Coração de Jesus (aspirantado).
- 1926 Évora: Oratório de S. José. O Concílio Plenário português recomenda os oratórios festivos (decr.129).
- 1927-29 Timor (1ª fase).
- 1932 Estoril: Asilo de S.º António (Escola primária. Início das aulas: Janeiro de 1933).
- 1933 Estoril: casa de formação (noviciado e filosofia), anexa à escola. Paróquia de Poiares da Régua.
- 1934 Reconhecimento oficial da “visitadoria” portuguesa como corporação missionária.

- 1935 Haiti.
- 1936 Festa litúrgica de S. João Bosco, estendida a toda a Igreja. Irão.
- 1937 Cidade do Vaticano (tipografia). “Irmãs da Caridade de Miyazaki”: Japão (António Cavoli SDB). “Servas do Coração Imaculado de Maria: Tailândia (mons. Caetano Pasotti SDB).
- 1938 **Beatificação de Maria Mazzarello**, co-fundadora das FMA. “Centro Catequético Salesiano”: Itália. “Irmãs de Jesus Adolescente”: Campo Grande, Brasil (Vicente Priante SDB). Birmânia.
- 1939 Líbia.
- 1940 **Pontifício Ateneu Salesiano** (hoje Universidade Pontifícia Salesiana) e **Instituto Superior de Pedagogia**. Albânia.
- 1941 Editorial “Livreria da Doutrina Cristã” (LDC). Laos, Vietname.
- 1942 “Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora”: Índia (mons. Estêvão Ferrando SDB).
- 1943 **Cabo Verde**.
- 1946 D. Bosco é declarado patrono dos editores católicos. Goa, Timor (2ª fase).
- 1950 **Beatificação de Domingos Sávio**.
- 1951 **Canonização de Maria Mazzarello**. Filipinas.
- 1952 Líbano, Moçambique (2ª fase).
- 1953 Ruanda, Suazilândia.
- 1954 **Canonização de Domingos Sávio**.
- 1955 Coreia do Sul.
- 1956 Sri Lanka (Ceilão). “Filhas do Divino Salvador”: El Salvador (mons. Pedro Aparício).
- 1958 D. Bosco é declarado patrono dos aprendizes de Itália.
- 1959 Congo: Brazzaville.
- 1960 Os irmãos leigos atingem o número de 4.055 (21,01%).
- 1938 Reconhecimento canónico da Província Portuguesa (restaurada) da Sociedade Salesiana. Mogofores: Instituto S. João Bosco (noviciado). Semide: escola agrícola (1938-47).
- 1940 **As Filhas de Maria Auxiliadora entram em Portugal**: Casa Pia Feminina de Évora.
- 1941 Évora: Casa Pia Masculina (1941-50). Aspirantado em Mogofores.
- 1943 S. Nicolau de Cabo Verde.
- 1944 Vila do Conde: Escola Profissional de Santa Clara (reeducação). Cinquentenário da obra salesiana em Portugal.
- 1946 Goa. Timor (2ª fase).
- 1947 Porto: Casa Maria Auxiliadora (Edições Salesianas). Vendas Novas: oratório festivo. Paróquia de Mogofores.
- 1949 Funchal: Escola de Artes e Ofícios. Macau: Colégio Dom Bosco para macaenses.
- 1951 Porto: Colégio dos Órfãos. Viana do Castelo: Oratório Padre Miguel Rua (1951-71).
- 1952 Moçambique (Namaacha): Instituto Mouzinho de Albuquerque (entregue aos salesianos) e Instituto João de Deus (entregue às FMA). Setúbal: oratório festivo (1953-54).
- 1953 Manique de Baixo: Instituto Missionário Salesiano (transferido do Estoril). Visita do superior geral, Pe. Renato Ziggotti.
- 1954 S. Vicente de Cabo Verde (os salesianos deixam S. Nicolau 1 ano depois). Erecção canónica da província das FMA.
- 1955 Porto: Escola da Imaculada Conceição. Moçambique: Missão de S. José de Lhanguene.
- 1956 Vendas Novas: Colégio S. Domingos Sávio (1956-74).
- 1960 Arouca: Colégio Salesiano (aspirantado até 1975; noviciado: 1976-82). Izeda (Bragança):

- 1963 Taiwan (Formosa).
- 1965 19º CG: coincide com a última fase do Concílio Vaticano II. 1º Congresso Europeu Antigos Alunos de D. Bosco. Butão.
- 1966 Andorra.
- 1968 “Associação Damas Salesianas”: Venezuela (Miguel Gonzalez SDB).
- 1969 Luxemburgo.
- 1970 Total de efectivos na Congregação: 21.905 (máximo atingido). Burundi.
- 1970-71 20º CG (Especial): Capítulo da renovação (novas Constituições ‘ad experimentum’).
- 1971 Gabão.
- 1972 **Beatificação de Miguel Rua**, 1º sucessor de D. Bosco (29/10). Casa Generalícia transferida de Turim para Roma. Baamas (Carábas), Guiné Equatorial (1ª fase).
- 1975 1º Congresso Mundial Salesiano Coadjutor: Roma.
- 1976 Etiópia.
- 1978 “Voluntárias de D. Bosco”: reconhecidas como instituto secular de direito pontifício. “Projecto África”.
- 1979 Camarões, Libéria.
- 1980 Quénia, Lesoto, Senegal, Tanzânia, Guiné Equatorial (2ª fase).
- 1981 Benim, Costa do Marfim, Madagáscar, Mali, Papuásia (Nova Guiné), Samoa, Angola.
- 1982 Nigéria, Togo, Sudão.
- 1983 **Beatificação de Luís Versiglia e Calisto Caravário** (mártires). Zâmbia.
- 1984 22º CG: aprovação definitiva das Constituições renovadas (promulgação:8/12).
- 1985 Indonésia.
- 1986 Aprovação pontifícia do regulamento renovado dos cooperadores salesianos. Guiné Conakri, Serra Leoa.
- 1988 **Centenário da morte de D. Bosco. Beatificação de Laura Vicuña**. Uganda, Bielorrússia, Geórgia.
- 1989 D. Bosco é proclamado por João Paulo II “Pai e Mestre da Juventude”.
- Escola Profissional de S.º António (reeducação) (1960-77). Inauguração da estátua de S. João Bosco no Santuário de Fátima (junto à escadaria).
- 1963 Baixa da Banheira: oratório festivo (1963-64).
- 1964 Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres (Lisboa).
- 1966 Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora (Évora). Paróquia de S. Domingos Sávio (Vendas Novas).
- 1967 Maputo (então Lourenço Marques): Colégio Dom Bosco.
- 1969 Lisboa: Casa Dom Bosco.
- 1973 Visita do superior geral, Pe. Luís Ricceri.
- 1975 Moçambique: Moatize (1ª fase). Paróquia Nossa Senhora de Fátima (Funchal). Paróquia Nossa Senhora da Luz (S. Vicente de Cabo Verde).
- 1981 Primeiras profissões das Voluntárias de D. Bosco em Portugal. Timor: noviciado em Fatumaca.
- 1982 Vilarinho (Vila do Conde): noviciado. Em Lisboa a Parada dos Prazeres toma o nome de Praça S. João Bosco. 1ª visita do superior geral P. Egídio Viganò.
- 1983 Mirandela: Paróquia e Centro Juvenil S. João Bosco. Paróquias de S.º António de Vendas Novas e Landeira. Moçambique: Moatize (2ª fase), Catembe (noviciado).
- 1987 Moçambique (Maputo): Casa S. Domingos Sávio.
- 1988 Lisboa: monumento a S. João Bosco, na Praça do mesmo nome.

- 1990** **Beatificação de Filipe Rinaldi, 3º sucessor de D. Bosco.**
- 1991** Rússia.
- 1992** Gana.
- 1993** Burkina Faso.
- 1994** Instituto secular Voluntários com D. Bosco (VCDB). Total de efectivos na Congregação: 17.820.
- 1993** Moçambique (Moamba).
- 1994** **Centenário da obra salesiana em Portugal (8/11). 2ª visita do superior geral, Pe. Egidio Viganò (para o centenário).**

GRÁFICO 1

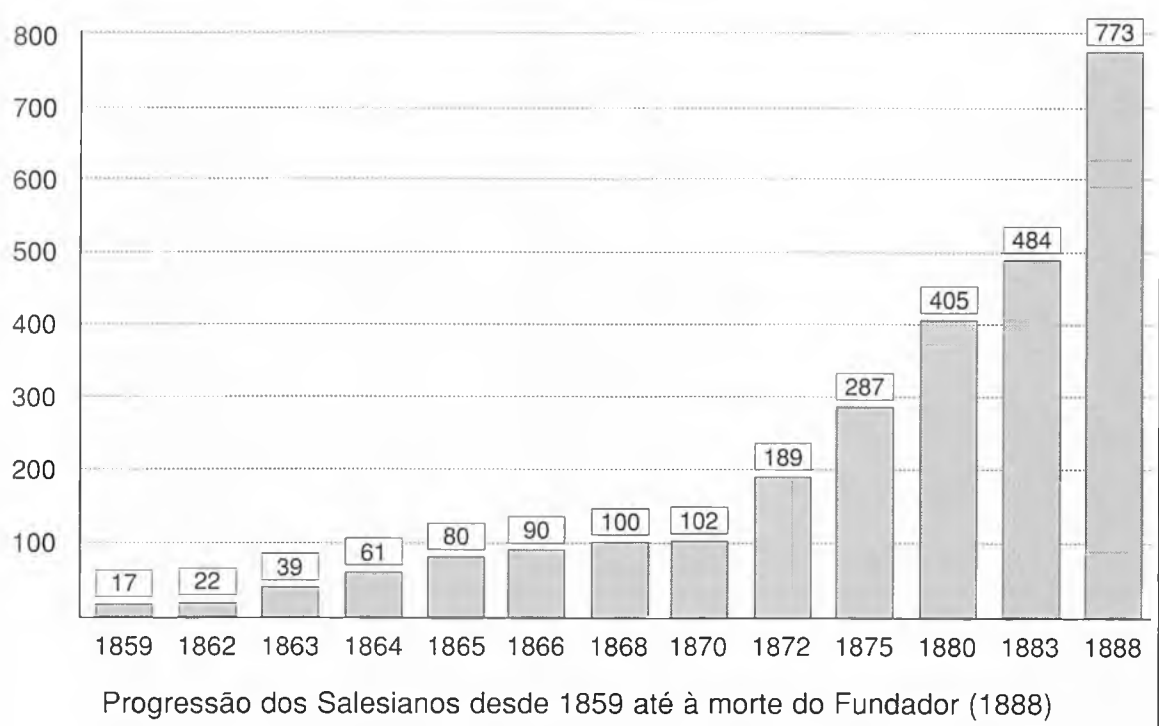


GRÁFICO 2

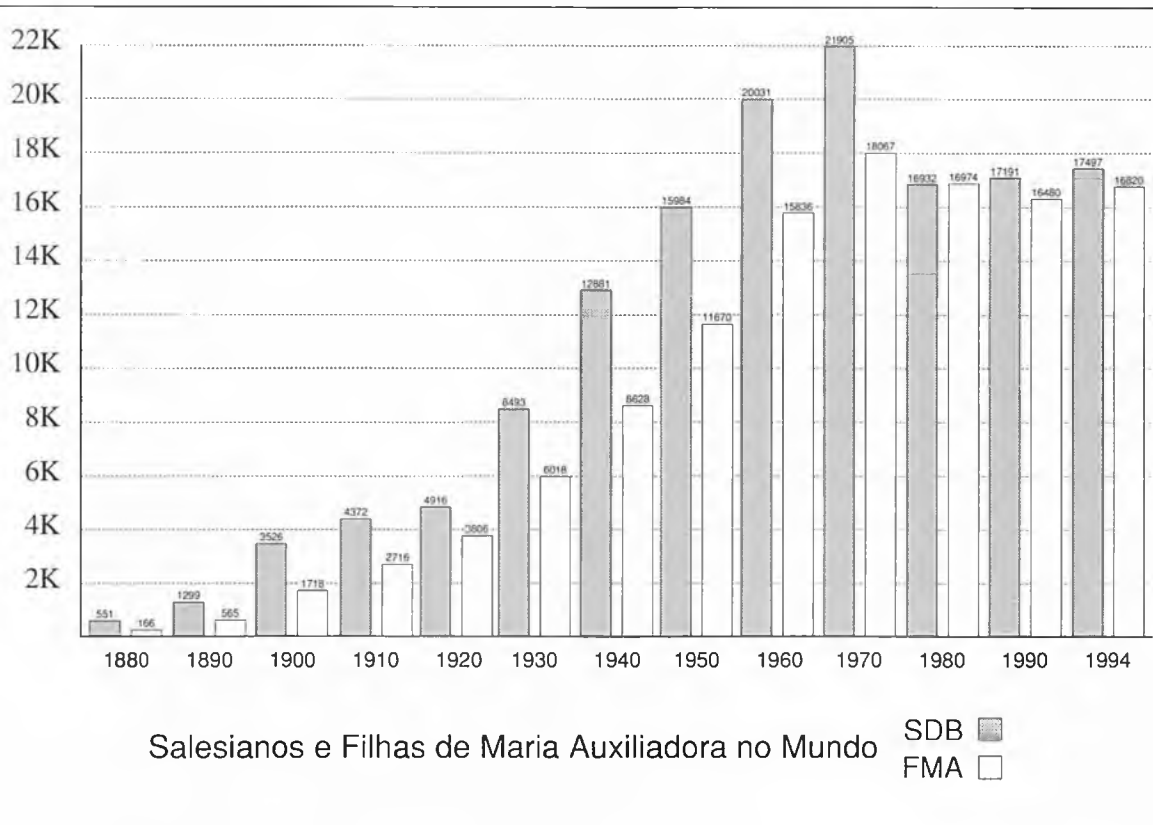


GRÁFICO 3



GRÁFICO 4

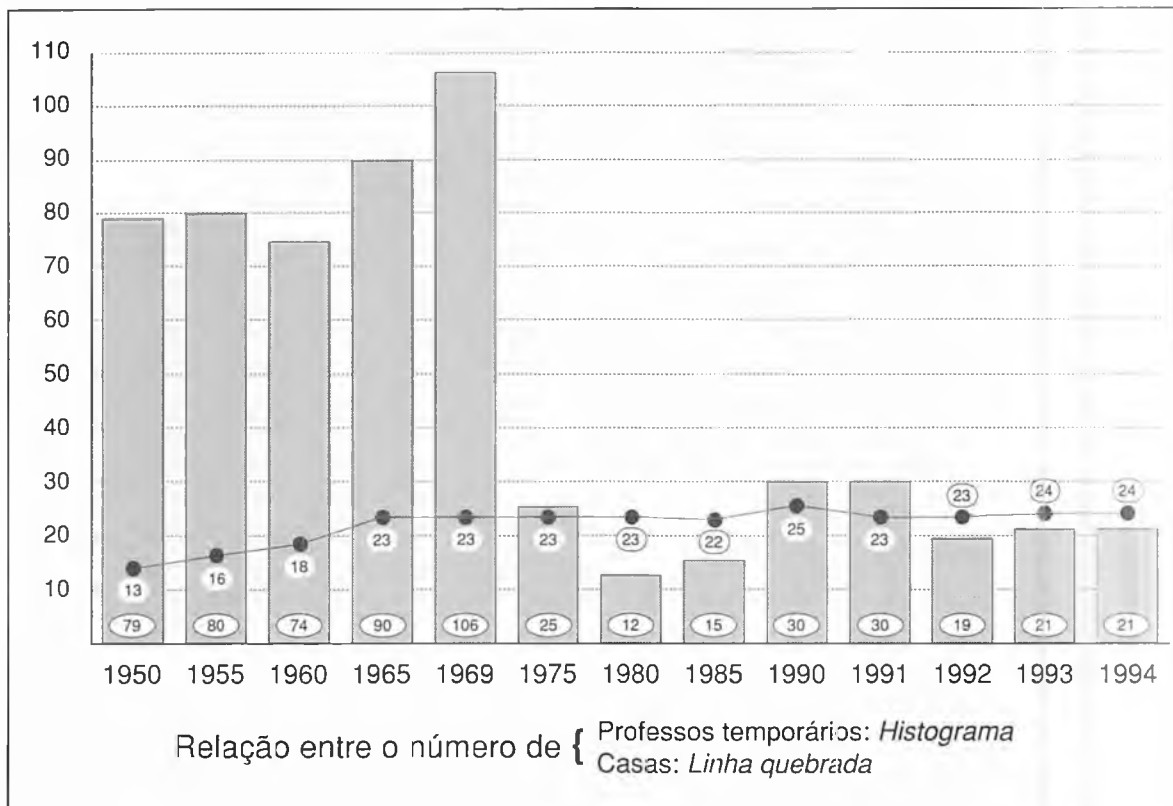
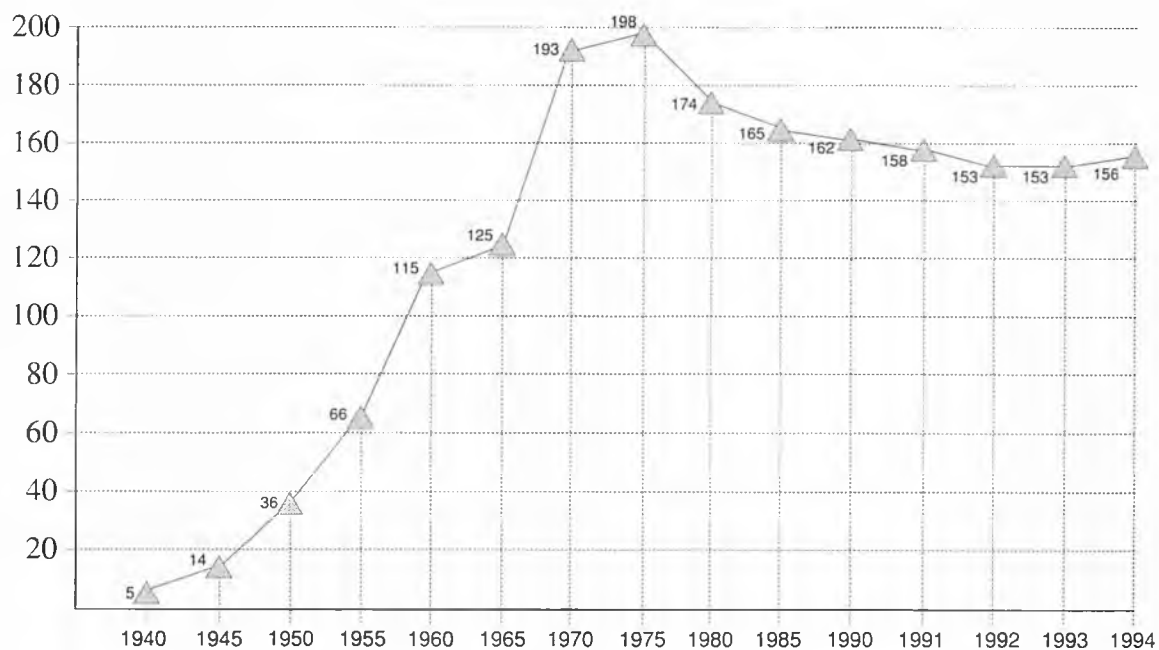
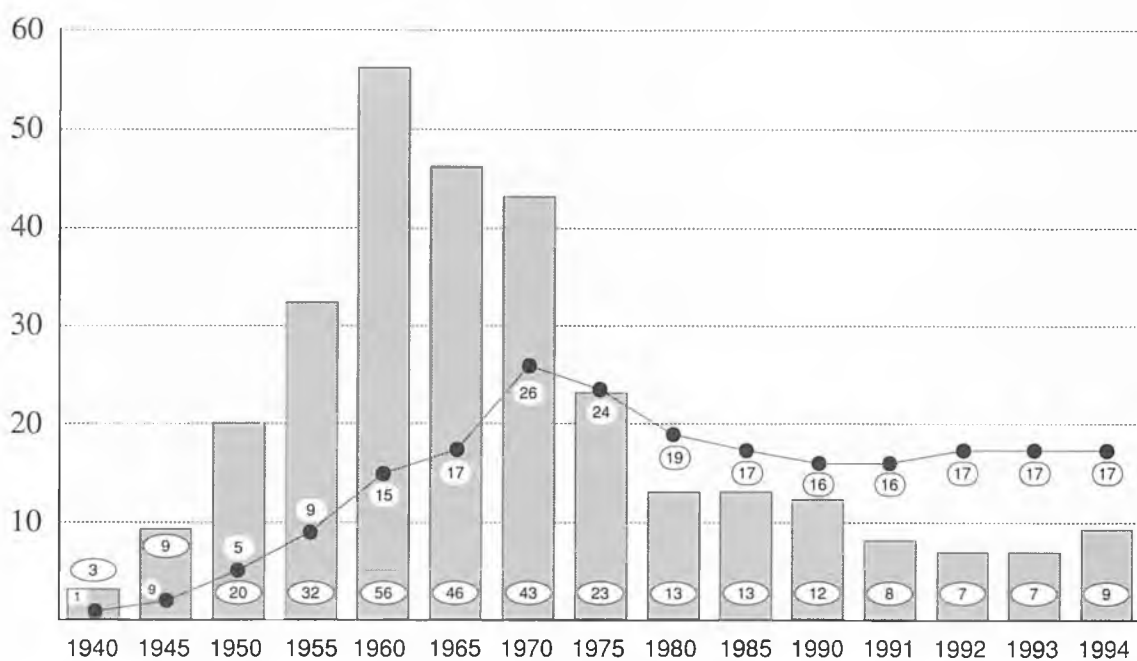


GRÁFICO 5



Evolução do número das Filhas de Maria Auxiliadora em Portugal

GRÁFICO 6



Relação entre o número de { Professas temporárias: *Histograma*
Casas: *Linha quebrada*

PRIMEIRA PARTE:

PRIMÓRDIOS E RESTAURAÇÃO

(1894 - 1940)

CAPÍTULO I

AO SERVIÇO DA JUVENTUDE CARENCIADA

A - PRIMÓRDIOS (1894-1910)

Os salesianos entraram em Portugal em 1894, ou seja, num dos períodos mais críticos da nossa história. A sociedade portuguesa de fins do século XIX é aos olhos de muitos analistas uma sociedade profundamente abalada aos diversos níveis: religioso, social, cultural, económico e político.

O chefe do grupo recém-chegado a Braga para dirigir o Colégio dos Órfãos de S. Caetano, Pe. Pedro Cogliolo, chama a atenção para a situação decadente de Portugal, que contrapõe à passada situação de grandeza e prestígio. De facto, numa carta para o director do *Bollettino Salesiano*, datada de 12 de Novembro (a qual, porém, não chegou a ser publicada), assim se exprime: «Foi este reino, nos séculos passados, bastante próspero e poderoso, como a história no-lo dá a conhecer. Apesar de territorialmente pequeno e de poucos habitantes, soube manter alto e respeitado o nome português. Sobremaneira fecundo em homens ilustres pela ciência e pela santidade [...], teve durante muitos anos o domínio quase exclusivo das Índias e de grande parte das costas oriental e ocidental da África, de Samatra e do Brasil, na América. E agora tudo perdeu e, com os heróis de outros tempos, perdeu também a antiga robustez na fé. O golpe mortal recebeu-o do [...] marquês de Pombal, ministro do rei D. José I [...]. As consequências de tal perseguição perduram ainda, embora se vá acentuando o movimento católico». E referindo-se, em termos talvez discutíveis, à pobreza de Braga nos aspectos artístico, industrial e científico, que estende a todo o país, acrescenta: «[Aqui em Braga], como aliás em todo o Portugal, pouco ou nada florescem as artes, as indústrias e as ciências». ¹

O acenado movimento católico de fins do século XIX - no que toca particularmente à maneira de os leigos encararem o seu papel na política e na sociedade em geral - representa, juntamente com o despertar da consciência missionária, uma página relevante na história da Igreja em Portugal. Foi no sentido de colaborarem na dignificação dos jovens aprendizes e sem recursos que os salesianos receberam insistentes convites para virem estabelecer-se no nosso país. E foi precisamente o sector laboral que constituiu o campo privilegiado e quase exclusivo da sua acção educativa entre nós desde os primórdios (1894-1910) até 1950 aproximadamente.

Dentre os homens que mais contribuíram para a sua vinda são de salientar o Pe. Sebastião de Vasconcelos (Porto), mais tarde bispo de Beja, o cardeal D. José Neto (Lisboa) e o servo de Deus Pe. Francisco Rodrigues da Cruz (Braga). O Pe. Sebastião de Vasconcelos contactou pessoalmente com D. Bosco em 1882 e, imbuído do seu espírito, fundou em 1883 a Oficina de S. José do Porto, para a educação e qualificação profissional dos rapazes da rua, imprimindo-lhe a fisionomia típica de uma casa salesiana. Na verdade, o seu intuito era entregar esta obra aos salesianos logo que eles pudessem assumir a direcção, o que só veio a acontecer em 1909, quase em vésperas da proclamação da República.

Braga, apesar de não ter sido a primeira cidade a solicitar os filhos de D. Bosco, foi a primeira a recebê-los (Colégio de S. Caetano, em 1894), seguindo-se-lhe Lisboa (Oficinas de S. José, em 1896, e casa de formação, em 1897), Angra do Heroísmo (Orfanato João Baptista Machado, em 1903), Viana do Castelo (Oficina de S. José, em 1904) e Porto (Oficina de S. José, em 1909). No ultramar, que

¹ ASC, B913.

atraiu logo de início as atenções dos salesianos, estes aceitaram o Orfanato Imaculada Conceição em Macau (1906), ao qual se seguiram mais dois orfanatos na Índia - Tanjor (1906) e Meliapor (1909) - e a Escola de Artes e Ofícios na ilha de Moçambique (1907). Todas estas obras apresentam o mesmo objectivo: a educação cristã e a promoção social de jovens sem recursos, mediante a aprendizagem de algum ofício.

Agregadas, nos primeiros anos, à província de Barcelona, as casas de Portugal passam a formar uma província autónoma a partir de 1899 (embora a erecção canónica seja posterior [1902]) até 1910, ano da extinção das corporações religiosas em Portugal. Em 1901 a Sociedade Salesiana adquire personalidade jurídica perante o Estado, sob a designação de Pia Sociedade de S. Francisco de Sales, no governo de Hintze Ribeiro. É precisamente de 1901 o decreto que limita a permanência no território nacional aos institutos religiosos dedicados à beneficência, educação e missões.

Detenhamo-nos um pouco sobre cada uma das casas que os salesianos dirigiram em Portugal entre 1894 e 1910 - ou seja, até à diáspora -, ao serviço da juventude carenciada.

1. Colégio dos Órfãos de S. Caetano, de Braga (1894)

Instituição secular de grande prestígio, o Colégio dos Órfãos de S. Caetano tinha sido fundado em 1791 pelo famoso arcebispo de Braga D. Frei Caetano Brandão, franciscano, «com o intuito de acudir aos meninos órfãos, expostos e outros de igual desamparo»,² dando-lhe com os princípios da fé e da moral³ uma boa formação para a vida e orientando a maior parte para a aprendizagem das “artes mecânicas”⁴.

Os salesianos assumiram a direcção deste colégio em 1894, depois de instantemente solicitados pelo Pe. Francisco da Cruz e pelo

Dr. António Brandão Pereira, que eram então respectivamente o director interno e o provedor do estabelecimento. Pedro Cogliolo, que vinha substituir o Pe. Cruz como director, era acompanhado de mais dois confrades: Ângelo Bergamini, sacerdote, e José Galli, escolástico, sendo os três de nacionalidade italiana e ainda jovens (Cogliolo tinha 28 anos, Bergamini 30 e Galli 17). Dentre eles só o Pe. Cogliolo dominava a língua portuguesa, pois tinha já estado alguns anos no Brasil.



Átrio do Colégio de S. Caetano

O novo director faz uma crítica severa - exagerada, segundo parece - à situação moral, escolar e disciplinar em que se encontrava o colégio nessa altura.⁵

Na verdade, custa a crer que as coisas fossem tão negras como ele as pinta, atendendo, por exemplo, à elevada formação humana e cristã dos dois principais responsáveis pelo andamento do colégio - o Pe. Cruz e o Dr. António Brandão -, aos quais, aliás, o nosso analista tece os maiores elogios. No intuito de pro-

² C. BRANDÃO, *Plano de educação...*, ed. fac-similada, Braga, 1991, 1.

³ *Ibid.*, 5 e passim.

⁴ *Ibid.*, 34.

⁵ Cf. carta Cogliolo-Rua, 12.11.1894 (ASC B913).

ceder a uma reforma interna, o mais completa possível, solicita do superior geral um reforço urgente de pessoal salesiano, reforço que só se verifica a partir de Outubro do ano seguinte.

Com a morte prematura do provedor Brandão Pereira em 1897, começaram logo a surgir problemas entre a direcção salesiana e a Comissão Administrativa, problemas que, apesar de ter havido períodos de relativa harmonia, nunca chegaram a resolver-se de forma satisfatória para ambas as partes, até ao terminar da presença salesiana com a expulsão dos religiosos após o 5 de Outubro de 1910.

Apesar destas dificuldades, os salesianos, através da acção pedagógica no ambiente colegial e do influxo exercido no ambiente citadino mais alargado, deixaram marcas profundas da sua passagem em Braga. Efeitos significativos desta passagem são, por exemplo, o número de vocações encaminhadas para a Congregação (duas dezenas) e para o clero secular (uma dezena), no curto espaço de dezasseis anos, bem como o trabalho de transformação moral e social dos rapazes vadios, que enxameavam as ruas da cidade, através de um oratório festivo, no qual colaborou activamente o Seminário Conciliar.

Após a saída dos salesianos, que se viram envolvidos numa onda de solidariedade afectuosa, a direcção interna do Colégio de S. Caetano - subtraído pelo Estado laico à autoridade do arcebispo bracarense -, passa por diversas mãos. Decorrido pouco mais de meio ano, é o jovem filósofo Leonardo Coimbra que assume o cargo de director (Outubro de 1911). Na lógica da laicização do ensino, introduzido pelo regime republicano e de acordo, aliás, com as ideias que ele mesmo professava então, Leonardo Coimbra quis, segundo palavras suas, «subtrair [os alunos] à obsessão religiosa» em que os encontrara.⁶

E resolveu banir do colégio a instrução e a prática da religião católica (contrariando assim o espírito do fundador). Mas, devido ao choque provocado dentro e fora do estabelecimento - e na própria Comissão Administrativa,

que alegava, além desse, outros motivos de queixa contra ele -, Leonardo Coimbra sentiu-se constrangido a pedir a demissão passados apenas dois meses de mandato.⁷

Sabemos que, pelo menos a partir de 1920, o colégio entra em estado de degradação progressiva, de modo a provocar protestos por parte da população citadina e da imprensa: «Correndo o ano 1929, a opinião pública da cidade de Braga sentiu-se profundamente alarmada perante o estado em que vivia o Colégio dos Órfãos de S. Caetano, cujas más condições económicas e pedagógicas revelaram, não só a imprensa local e lisboeta, mas até declarações da Comissão Administrativa daquela casa [...]. Assim o sr. governador civil [...] entendeu conveniente se fizesse uma sindicância à direcção, acusada de insuficiência».⁸



Grupo de alunos estudantes em 1900

E o autor do relatório, perante a necessidade urgente de uma reforma, acentuava que esta só era viável repondo no Colégio o espírito que nele reinava antes da intrusão republicana, com a presença dos salesianos e o respeito pela memória de D. Frei Caetano Brandão: «É preciso reconhecer que se tem seguido um caminho errado: retroceder, neste caso, é progredir. E voltando ao ponto abandonado em 1911 entende a Sindicância que só tem de recomendar o regresso ao espírito de D. Frei Caetano Brandão».⁹

⁷ Cf. livro de actas da Comissão Administrativa do Colégio de S. Caetano, sessão de 7.12.1911, 63v. (Arquivo do colégio).

⁸ A. MIRANDA, *Relatório da Sindicância à Direcção do Colégio dos Órfãos de S. Caetano*, Tip. da Oficina de S. José, Braga, 1930, prólogo.

⁹ *Ibid.*, 97.

⁶ Cf. *A Montanha*, Porto, 15.12.1911.

Os salesianos, de novo em Portugal desde 1920, não voltaram para o Colégio de S. Caetano, mas a direcção deste passou para as mãos de outro instituto religioso também votado à educação da juventude: os Irmãos das Escolas Cristãs. Com a presença e actuação dos filhos de S. João Baptista de La Salle, a benemerita instituição bracarense pôde renovar-se na fidelidade ao espírito das origens, retomando, inclusivamente, a formação profissional, de acordo com as exigências hodiernas. Além disso, o velho edifício vem a ser completamente remodelado, salvaguardada, porém, a traça primitiva.

2. Oficinas de S. José, de Lisboa (1896)

O modesto hospício que eram as Oficinas de S. José, quando aos salesianos foi entregue a sua gerência (então ainda na Rua do Sacramento à Lapa, no edifício onde se encontra hoje a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento),¹⁰ depressa atraiu a opinião pública pelo ‘milagre’ da sua manutenção, mediante a generosidade providencial dos seus muitos benfeitores, já que de si nenhuma fonte de receita consistente possuía.



Planta geral das obras projectadas - parte construída: A e L.

Esta escola profissional mais se foi impondo, sobretudo a partir de 1906 (data da inauguração da nova sede no Alto dos Prazeres), pelo nível da instrução e qualificação profissional conseguida, especialmente no ramo das

¹⁰ A primeira sede das Oficinas de S. José foi na Rua das Praças desde 1890. Considerando-se muito acanhado o local para o funcionamento de uma escola-oficina (a instituição, fundada em 1885, começara por ser uma simples escola primária), conseguiu-se em 1893 outro mais amplo, e a pouca distância do primeiro, no bairro aristocrático da Lapa. A fundação desta obra de assistência e promoção juvenil deve-se à iniciativa de Isabel Maria de Lacerda Castelo Branco e mons. Herculano Cordeiro.



Projecto: parte construída (metade da ala central)

artes gráficas. Os finalistas deste ramo tinham de antemão assegurado o emprego à saída, em diversas tipografias da cidade. Foi tendo isto em conta que o Primeiro Congresso Pedagógico de Lisboa, realizado em 1908, decidiu conferir às Oficinas de S. José o Diploma de Benemerência no campo da educação e do ensino.¹¹



Parte construída: lados norte e nascente

O nome das Oficinas de S. José cresceu ainda, atendendo ao grau de perfeição atingido no campo da música vocal e instrumental. Basta dizer que a “schola cantorum” foi solicitada para animar o serviço religioso na capela real das Necessidades e diversas igrejas a solicitavam também, com frequência, para dar alma aos sagrados lausperenes e outras manifestações de culto.

3. Casa de formação, de Pinheiro de Cima (Colégio Coração de Jesus) (1897)

Passado cerca de um ano depois de os salesianos assumirem a direcção das Oficinas

¹¹ Este gesto viria a ser repetido em 1939 pelo Presidente da República, ao conferir-lhe a Comenda de Instrução Pública, e em 1981 pelo Ministro da Educação.

de S. José, abria a casa de formação na Quinta do Pinheiro de Cima às Laranjeiras, arredores de Lisboa,¹² que se destinava fundamentalmente a resolver o problema dos noviços, obrigados a sair do Colégio de S. Caetano (Braga). Mas, na realidade, juntamente com os noviços a casa de Pinheiro de Cima veio a acolher também



Quinta de Pinheiro de Cima

aspirantes e estudantes de filosofia e teologia, além de um oratório festivo. O problema de uma formação a escalões tão diversificados foi-se resolvendo da melhor maneira que se pôde, com as inevitáveis e compreensíveis deficiências. O Pe. Henrique Ferreira, que fazia parte do grupo de estudantes daquele tempo anterior à República, confessa muitos anos mais tarde que no Pinheiro era tudo muito irregular e havia muitas carências.¹³

O Pe. Agostinho Colussi - principal responsável da casa desde a fundação até à República, como mestre de noviços, professor e durante algum tempo director - conseguiu superar as muitas dificuldades que iam surgindo e garantir que os objectivos essenciais da formação fossem atingidos.

4. Orfanato João Baptista Machado, de Angra do Heroísmo (1903)

As ilhas adjacentes cedo atraíram as atenções dos salesianos após o seu estabelecimen-

to em Braga e Lisboa. E foi no arquipélago dos Açores que deram início à sua actividade insular, apesar de terem partido da Madeira os primeiros apelos para ali abrirem uma obra a favor da juventude desprotegida. «No dia 20 de Novembro» - escreve o Pe. Luís Sutera no *Boletim Salesiano* de Março de 1904 - «saímos de Lisboa no vapor *Funchal* com destino a Angra do Heroísmo para a fundação de uma casa [nessa cidade]». Propriamente o grupo de salesianos, de que o Pe. Sutera era o chefe, não ia fundar nenhuma nova casa, mas assumir a direcção de uma já existente: o Orfanato João Baptista Machado, modesta escola de artes e ofícios para rapazes pobres e desamparados da ilha Terceira. Após a chegada dos salesianos, o número de alunos subiu de 13 para 45.

Tal como em Braga, também aqui as relações com a Mesa Administrativa do estabele-



Orfanato João Baptista Machado, Angra do Heroísmo, em 1910

cimento, a princípio muito cordiais, vieram posteriormente a deteriorar-se e de tal modo que os superiores maiores já tinham decidido a saída dos salesianos, quando a revolução de 1910 veio precipitar os acontecimentos. Contudo, na breve estadia de sete anos foi possível levar por diante um empreendimento social com reflexos dentro e fora da ilha e criar no conjunto do arquipélago uma rede de cooperadores salesianos e de simpatizantes da figura e obra de D. Bosco, que não mais se extinguiu.

¹² O local está hoje ocupado pela Embaixada dos Estados Unidos.

¹³ Cf. carta H. Ferreira - A. Monteiro, 23.2.1964 (AP).

5. Oficina de S. José, de Viana do Castelo (1904)

Assumindo a direcção desta casa, os salesianos empenharam-se em manter fielmente a índole original da mesma: hospício destinado a recolher crianças e jovens entre os mais desamparados e expostos aos perigos da rua para os promover humana, social e profissionalmente e fazer deles bons cristãos.¹⁴

Tal fora, na verdade, o objectivo do Pe. José Luís Zamith ao fundar a Oficina de S. José de Viana do Castelo em 1898. Mas esta, devido aos fracos recursos de que dispunha e à morte, em 1901, de Domingos Morais, o homem que era o seu principal sustentáculo, esteve na iminência de fechar.

Com a entrada dos salesianos, a Oficina pôde salvar-se e desenvolver-se. Muito contribuiu para isso a generosidade da população vianense, que nela pôs o seu orgulho. António Tomaz Quartin e António dos Santos Pinto responsabilizaram-se por melhoramentos de vulto: o primeiro, custeando a montagem de duas oficinas interligadas - marcenaria e colchoaria -, com o respectivo equipamento; o segundo, tomando quase por completo à sua conta a remodelação do edificio antigo e a construção de um outro novo, inaugurado em 1908 e honrado, pouco depois, com a visita do jovem rei D. Manuel II. Entre 1905 e 1910 a progressão dos internados, todos inteiramente gratuitos, foi a seguinte: 1905 = 25; 1908 = 45; 1910 = 60.

O director salesiano, Pe. Luís Maffini, teve sempre a preocupação de manter a Oficina de S. José em estreita ligação com o ambiente cidadão: benfeitores, apoiantes, autoridades civis e eclesiásticas, clero regular e secular, população em geral. Semelhante sintonia terá estado na base das repetidas diligências para o regresso dos salesianos a Viana do Castelo, após o interregno de 1910-20.

6. Orfanato Imaculada Conceição, de Macau (1906)

As primeiras diligências para a implantação da obra salesiana em Macau remontam a

1890 e estão inicialmente ligadas ao nome do Pe. Francisco Xavier Rondina, jesuíta italiano que aí trabalhou, à frente do colégio-seminário de S. José, entre 1862 e 1871. Tendo regressado à Itália, após breve estadia no Brasil, entrou em contacto com os salesianos, estabelecendo entre eles e as autoridades macaenses um interessante intercâmbio epistolar. D. António Joaquim de Medeiros (1884-1897), D. José Manuel de Carvalho (1897-1902) e D. João Paulino de Azevedo e Castro (1902-1918) mostraram-se, sucessivamente, deveras interessados no prolongado processo que terminou com a entrega à Congregação Salesiana, em Fevereiro de 1906, do Orfanato Imaculada Conceição, a favor das crianças chinesas de Macau em estado de completo abandono. Os seis salesianos (três padres e três irmãos leigos) que deram início ao orfanato eram enviados directamente de Turim, embora ficassem a depender de Lisboa do ponto de vista canónico.¹⁵



Orfanato Imaculada Conceição, Macau: edificio novo

Este regime continuou a manter-se até 1910. Em seguida, os laços com a metrópole passaram a ser de carácter mais solidário: com efeito, para lá foram trabalhar alguns elementos da extinta província portuguesa.

O orfanato de Macau representa não só uma das mais significativas expressões da presença salesiana além-mar, mas também e principalmente a porta de entrada dos filhos de D. Bos-

¹⁴ Cf. L. MAFFINI, *Cronaca*, 2 (AP).

¹⁵ O primeiro director do Orfanato foi o padre italiano Luís Versiglia, mais tarde vigário apostólico de Schiu Show e martirizado em 1930.

co no Celeste Império e o centro de irradiação missionária salesiana em todo o Extremo Oriente. Tanto assim é que o orfanato de Macau passou a ser considerado a casa-mãe dos salesianos que foram trabalhar para essas longínquas e vastas regiões do mundo.

7. Escola de Artes e Ofícios, da ilha de Moçambique (1907)

A entrada dos salesianos na África Austral deve-se em primeiro lugar ao empenhamento de D. António Barroso, prelado de Moçambique entre 1891 e 1897. O estado deplorável da Escola de Artes e Ofícios na ilha e cidade de Moçambique, quando lhe foi entregue pelo governo da Colónia (1896) para que ele a administrasse e lhe desse um rumo aceitável,¹⁶ fez-lhe lembrar o que os salesianos realizavam, e ele próprio verificara, nas Oficinas de S. José de Lisboa e poderiam, semelhantemente, realizar na sua prelazia, assumindo a direcção da dita escola.

A proposta foi muito bem aceite, atendendo às perspectivas missionárias e à valorização da imagem da Sociedade Salesiana na opinião pública do país, de acordo com o que o provincial, Pe. Pedro Cogliolo, escrevia ao secretário do Conselho Geral da Congregação: «Seria grandemente vantajoso para nós, do continente, ter alguma missão nas possessões portuguesas, e poderíamos assim conseguir maior benevolência do Governo e ver diminuída a desconfiança por parte dos bispos e do clero».¹⁷

A convenção concluída entre D. António Barroso e o superior geral, Pe. Miguel Rua,

¹⁶ A existência desta escola deve-se ao governador geral de Moçambique, Francisco Maria da Cunha, que a fundara em 1878 para a formação moral e profissional dos jovens indígenas.

¹⁷ Carta Cogliolo-Durando, 26.11.1896. Não sabemos o que levava Cogliolo a considerar a Congregação Salesiana objecto de desconfiança por parte do clero. Noutra carta, ao mesmo, escrita um ano depois, o P. Cogliolo repete a ideia por outras palavras: da aceitação da proposta «resultaria uma extraordinária vantagem para a obra salesiana em Portugal. Na verdade atrairíamos a estima e o apoio do Governo, dos bispos e de todas as autoridades» (25.12.1897, ASC).

em Março de 1898,¹⁸ marcava para Novembro de 1899 o envio dos primeiros missionários. Mas estes só puderam partir em Fevereiro de 1907 (dois padres e dois irmãos leigos), sendo então prelado de Moçambique D. Francisco Ferreira da Silva, que aceitou inteiramente os termos da convenção assinada em 1898. A orientação dada à Escola de Artes e Ofícios pelos salesianos obteve o aplauso quer do prelado, quer das autoridades civis. A esta obra veio acrescentar-se pouco depois a missão de Mochélia em território continental, que ficou agregada à escola.

No relatório da visita extraordinária à casa de Moçambique, em Setembro de 1909, o provincial, Pe. Pedro Cogliolo, faz uma avaliação globalmente positiva da situação que se lhe depara no tocante quer à obra em si, em óptimas condições económicas, quer ao andamento da comunidade. Observa, por exemplo, que o clima e as febres «exigem da parte dos irmãos uma boa dose de virtude, sacrifício e abnegação, de que aliás têm dado provas até ao presente».

Entre todas as casas da província, a de Moçambique foi a última a ver sair os salesianos (10.9.1913), considerados como elementos nocivos ao novo clima criado pelo regime republicano. Assim, o decreto n. 51 de 22 de Julho de 1913, que retira a instituição da alçada da Igreja, declara entre outras coisas: «A Câmara Municipal da cidade de Moçambique [...] deliberou representar ao Governo, pedindo lhe seja entregue a direcção e administração da Escola de Artes e Ofícios, existente na mesma cidade, e do Instituto Leão XIII, instalado na Cabeceira Grande [e confiado às religiosas de S. José de Cluny]. Apoia-se a representação na imperiosa necessidade de subtrair aqueles estabelecimentos de educação e ensino à acção nociva dos elementos clericais e reaccionários, que, a mais de dois anos da implantação da República, ainda neles predomi-

¹⁸ D. António Barroso, nesta altura bispo de Meliapor, assinava em nome de D. Sebastião José Pereira, que lhe sucedera na prelazia de Moçambique. Este delegara em D. António, por ter sido o iniciador do processo.

nam [...]. Nestas circunstâncias, o pedido da Câmara Municipal de Moçambique veio, oportunamente, incitar o Governo a pôr termo a um estado de coisas prejudicial ao prestígio e aos interesses da República, cuja obra política e social muito depende da orientação liberal e democrática do ensino popular...». Assinam: Manuel de Arriaga e Artur R. d'Almeida Ribeiro.

8. Dois orfanatos na Índia (Tanjor: 1906; Meliapor: 1909)

A entrada dos salesianos na Índia, que se deu um mês antes da entrada em Macau, deve-se também particularmente à iniciativa de D. António Barroso. Logo que foi transferido da prelazia de Moçambique para a diocese de Meliapor, então integrada no padroado português, procurou convencer o Pe. Miguel Rua de que era chegado o momento de concretizar um dos grandes sonhos de D. Bosco: a penetração missionária dos seus filhos na imensa Índia. E abria aos salesianos as portas do território sob a sua jurisdição. Mas foi já depois da sua transferência para a diocese do Porto (1899) que os salesianos assumiram a direcção do Orfanato S. Francisco Xavier em Tanjor (Janeiro de 1906).

Quem teve a alegria de ver realizado o projecto de D. António Barroso foi o seu sucessor, D. Teotónio Vieira Ribeiro de Castro, que se gloriava de haver conhecido D. Bosco e admirava profundamente a sua figura e obra. Passados três anos, os salesianos assumiam a direcção de outro orfanato na cidade de Meliapor (Orfanato S. Tomé Apóstolo). Estas duas casas, como já se disse, ficaram a depender da província portuguesa, mas só do ponto de vista canónico, como Macau, pois o pessoal era enviado também directamente da Itália. Segundo se depreende do relatório da visita extraordinária efectuada pelo Pe. Pedro Cogliolo entre Dezembro de 1909 e Janeiro de 1910, houve precipitação, por parte do director do orfanato de Tanjor, Pe. Jorge Tomatis, em aceitar o segundo orfanato.

9. Oficina de S. José, do Porto (1909)

A aceitação da Oficina de S. José do Porto representava a satisfação de uma dívida em atraso por parte da Sociedade Salesiana para com o Pe. Sebastião de Vasconcelos, que em 1883 fundara aquela obra para os rapazes da rua, inspirado por D. Bosco e baseado na promessa deste em lhe enviar, a curto prazo, salesianos para a dirigirem. Todavia, foi preciso esperar até Outubro de 1909 para ver a promessa cumprida não por D. Bosco (falecido em 1888), mas pelo seu sucessor, Pe. Miguel Rua. Quando os salesianos tomaram posse da Oficina de S. José, havia um ano que o Pe. Vasconcelos estava em Beja como bispo daquela diocese.¹⁹

Quer com a presença do Pe. Sebastião de Vasconcelos, durante mais de vinte anos, quer com a presença dos salesianos - a qual se prolongou, após 1920, até 1951 -, a Oficina de S. José impôs-se, não apenas no âmbito da capital do norte mas à escala do país, como uma das instituições mais prestigiadas no respeitante à promoção dos rapazes da rua. Do seu impacto são prova eloquente a simpatia conquistada no meio português e o grupo dinâmico de antigos alunos nos campos religioso, social, cultural e desportivo.

10. Interrupção brusca

No momento em que a obra salesiana estava já bem enraizada e prometia amplo desenvolvimento, foi bruscamente sufocada pelo golpe revolucionário de 1910, seguindo a mesma sorte dos outros institutos religiosos atingidos pelo decreto-lei de 8 de Outubro.

Das seis casas existentes no continente e Açores, as que mais sofreram foram as duas de Lisboa, Oficinas de S. José e Pinheiro de Cima, as únicas também que eram propriedade da Congregação. As restantes (Colégio de S. Caetano de Braga, Oficina de S. José de Viana do Castelo, Oficina de S. José do Porto e Orfanato João Baptista Machado de Angra do Heroísmo) dependiam todas de entidades

¹⁹ À entrada dos salesianos os alunos internos eram 65 e no ano seguinte tinham aumentado para 113.

particulares. Nestas últimas casas não houve a registar actos de vandalismo ou injúrias a pessoas. Simplesmente, foram obrigadas a fechar e o pessoal estrangeiro a deixar o país. A comunidade de Braga permaneceu sem grandes sobressaltos até Janeiro de 1911.

Quanto às Oficinas de S. José de Lisboa houve a assinalar alguns desmandos por parte de grupos de agitadores. No dia 14 de Outubro de 1910 Afonso Costa visita a casa para se inteirar do seu funcionamento e decidir, juntamente com a direcção, do seu futuro, relativamente a mestres e alunos.²⁰

Segundo o testemunho de Ambrósio Tirelli, um dos padres da comunidade, Afonso Costa, bem impressionado com o ambiente, confidenciou à saída: «Por minha vontade [os salesianos] continuariam todos aqui se não tivesse já tomado o compromisso de despedir os estrangeiros. Os nacionais podem ficar para tomar conta da casa. Quanto aos outros podem partir descansados que terão militares a acompanhá-los para os protegerem». Os estrangeiros começaram de facto a retirar-se no dia 21 de Outubro. Acabou por ficar apenas o director, que era português (Pe. José Maria Coelho), com um irmão leigo, por sinal italiano (Aquila Cazzaniga), para velar pela conservação da casa. Em fins de Outubro do ano seguinte regressaria a Lisboa um outro italiano, o Pe. Agostinho Colussi (mestre de noviços e director da casa de Pinheiro de Cima), constituindo-se assim uma pequena comunidade religiosa que até 1920 se colocaria ao serviço do pároco de Santa Isabel e do povo humilde da zona. Entretanto o provincial, Pe. Cogliolo, autorizado pelo próprio Afonso Costa a deslocar-se a Portugal, conseguiria salvar a propriedade das Oficinas de S. José e de Pinheiro de Cima, graças à mediação do representante do governo italiano em Lisboa.

Em nota ao Conselho Geral da Congregação sobre as condições em que tinha encontra-

do as casas de Portugal, Pedro Cogliolo fala de uma sua entrevista com Afonso Costa e da maneira como este via a obra salesiana: «Passados cerca de 15 dias após a minha chegada a Lisboa [26 de Outubro], fui recebido pelo ministro Afonso Costa. Durante mais de meia hora discorremos acerca da nossa obra. Ele deu mostras de apreciá-la e declarou estar disposto a obter do Governo Provisório que fosse reaberta a casa de Lisboa. Em vista disso pedi-me que lhe apresentasse uma exposição sobre a dita obra, fornecendo-me ele próprio algumas pistas [...]. A autorização para a reabertura da casa de Lisboa (da qual dependeria o funcionamento das outras casas) seria provisória, uma vez que [...] iria ser apresentado no Parlamento um projecto no sentido de não incluir na supressão as *casas com carácter de beneficência*. Acrescentou ainda que tinha o prazer de me comunicar que conhecia o bem por nós realizado a favor da juventude pobre e sobretudo o nosso total não envolvimento no mundo da política. A resposta à [minha] exposição, recebida 15 dias depois, foi que o ministro estava a estudar o problema e achava interessante a exposição; e que - tendo-me encontrado novamente com ele - levaria o assunto ao Conselho de ministros».²¹

Do andamento que as coisas tiveram em seguida - e fosse qual fosse o efeito das eventuais diligências do ministro - sabemos apenas que a casa de Lisboa reabriu efectivamente em Novembro de 1912, sendo porém forçada a fechar em Maio de 1913, por ordem da autoridade local e sob o pretexto de os salesianos levarem as crianças à capela do estabelecimento e de lhes darem catequese. Além disso, com a entrada de Portugal na Primeira Grande Guerra, é requisitado o edifício em Setembro de 1917 para “Centro de Hospitalização Militar” e em seguida para quartel do “Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro”. Este só se retirou em Abril de 1920, sendo depois restituída a casa aos seus proprietários. Então o Ministério da Guerra entregou aos salesianos

²⁰ Ver relato da visita e declaração de Afonso Costa em *O Século* de 15 de Outubro de 1910.

²¹ *Nota al Capitolo Superiore...*, ASC F007, fasc. 9.

a quantia de 16.356\$500 a título de aluguer do edifício e indemnização pela degradação do mesmo.

A casa de formação de Pinheiro de Cima (Colégio do S. Coração de Jesus) foi várias vezes assaltada e saqueada por bandos de aruaceiros armados, e o pessoal objecto de ameaças e vexames. Alguns elementos foram presos no próprio dia 5 de Outubro (Vicente Svetlic, Inácio Muttu, Domingos Martins e José Nunes Ferreira) e conduzidos primeiro ao quartel de Artilharia 1 (Campo de Ourique) e transferidos depois para Caxias, encontrando aí vários jesuítas e espiritanos como companheiros de infortúnio.

O Pe. Alves Vieira - membro da comunidade das Oficinas de S. José, também capturado quando tentava fugir para o norte, e que foi juntar-se-lhes no dia 6 de Outubro - relata essa triste e rocambolesca aventura no seu livro *De Artilharia 1 a Caxias* (publicado em 1918). A estadia em Campolide, como refere o autor do livro, foi inqualificável: comida horrível, sem cama para dormir, ameaças repetidas de fuzilamento, dias de contínuos sobressaltos e ansiedade. Com a mudança para Caxias (11 de Outubro) as condições melhoraram sensivelmente em todos os sentidos, criando-se até entre religiosos presos e soldados um clima de verdadeira fraternidade e amizade. No dia 18 os salesianos foram postos em liberdade e a comunidade das Oficinas de S. José, ainda completa, recebeu-os festiva e carinhosamente. À alegria, porém, do reencontro ia seguir-se a mágoa da despedida dos irmãos estrangeiros que, três dias depois, dariam início à diáspora.

Vem a propósito lembrar que em 1914 os salesianos se viram na necessidade de vender a Quinta de Pinheiro de Cima, onde está hoje a Embaixada dos Estados Unidos, para satisfazer parte das dívidas contraídas com as viagens dos desterrados e com a construção das novas instalações das Oficinas de S. José.

As casas do ultramar - Macau e Moçambique - sofreram igualmente as consequências da revolução. Os salesianos de Macau refugiaram-

-se em território chinês, ligado à diocese macaense, conseguindo no entanto reabrir o orfanato em 1912. Os da ilha de Moçambique mantiveram-se na Escola de Artes e Ofícios até 1913, altura em que, devido aos fortes e persistentes ataques das forças jacobinas, se viram forçados a deixar o campo de trabalho.

Aos acontecimentos de Outubro seguiu-se uma década de interregno em que o pessoal se dispersou (a província contava então com 62 elementos) e em boa parte se desligou da Congregação. Vários escolásticos, que decidiram conservar-se fiéis ao seu ideal religioso, tiveram de continuar a formação no estrangeiro, uns em Espanha e outros em Itália.

Durante o interregno (1910-20) e os três primeiros anos da restauração (1920-23), as casas de Portugal ficaram a depender da província bética (Andaluzia). Adquirem autonomia em 1923, sendo-lhe preposto um visitador ordinário. Só depois de bastantes anos, ou seja em 1938, é que a “visitadoria” dá lugar à província restaurada de S.^o António.

B - RESTAURAÇÃO (1920-1940)

A restauração foi-se processando lentamente através de não poucas dificuldades, a partir de Novembro de 1920 com a reabertura das Oficinas de S. José de Lisboa e da Oficina de S. José do Porto em Maio de 1922. Além da recuperação destas duas casas, os salesianos fundaram ou assumiram a direcção das que passamos a apresentar e cujas características são idênticas às dos primórdios.

1. Seminário Sagrado Coração de Jesus, de Poiares da Régua (1924)

Como a Quinta de Pinheiro de Cima fora vendida em 1914, os salesianos da restauração tiveram de pensar noutra local para a orientação das vocações. Ajudou-lhes a resolver o problema, ao ter disso conhecimento, o arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, pondo à disposição deles a espaçosa casa e propriedades anexas que possuía em Poiares da Régua, sua terra natal. Nos primeiros anos,

a pedido do bispo da recém-criada diocese vila-realense, D. João Evangelista de Lima Vidal, o seminário acolheu conjuntamente os aspirantes salesianos e os seminaristas menores da



Fachada do seminário

nova diocese (num total de 70 alunos, constituindo os últimos a maioria), desde 1924 a 1932.

Além disso, entre 1929 e 1933 funcionou também aqui o noviciado e, desde 1930, a filosofia. Poiães tornou-se deste modo um segundo Pinheiro de Cima, vindo a sofrer inclusivamente idêntica escassez de meios económicos e de professores, contrabalançada no entanto por um ambiente de grande espontaneidade e espírito de família, que cativava os alunos, levando-os a quase nem sentir a dureza das circunstâncias. Em 1933 foi entregue aos cuidados da comunidade a paróquia de Poiães, a primeira em Portugal a ser confiada à Congregação Salesiana.

2. Oratório de S. José, de Évora (1926)



Oratório de S. José em 1927

Desde que tomou posse da diocese de Évora, no início dos anos 20, o arcebispo D. Manuel Mendes da Conceição Santos não deixava de olhar com amargura para o triste espectáculo de abandono em que viviam, expostos a todos os perigos, imensos gaiatos da cidade, cuja população rondava os 15 a 16 mil habitantes. Quem poderia ajudá-lo a resolver tão grave problema social? Pensou nos salesianos. Trocou larga correspondência com o superior geral da Congregação, Pe. Filipe Rinaldi, e viu finalmente satisfeitos os seus desejos. Em Fevereiro de 1926 o superior dos salesianos em Portugal, Pe. Luís Sutera, tomava posse da Quinta da Saudade, também chamada Telhal Grande ou Horta do Leitão (do nome do proprietário, António Marques Leitão), junto às Portas de Alconchel. A quinta, com uma casa rústica de lavoura, foi adquirida pelo arcebispo a expensas suas. Mas não oferecia o mínimo de condições para lançar uma obra de recuperação juvenil, por menos exigente que se pretendesse. Tornou-se, pois, necessário e urgente transformar aqueles estábulos e pardieiros em barracões decentes, onde os rapazes pudessem reunir-se, brincar e aprender alguma coisa de útil. Foi o que começaram por fazer, pelas suas próprias mãos, os dois iniciadores da obra, padres Luís Sutera e Carlos Frigo.

O Pe. Frigo, que chegou a Évora em Abril, acabou por ficar praticamente sozinho até Julho - visto que o Pe. Sutera, embora aqui se deslocasse com frequência, tinha de velar pelas outras casas existentes no país -, dando início a um oratório festivo, cujo número de frequentadores foi aumentando apesar da penúria económica e das iras do elemento antijesuítico e anticlerical do meio eborense.

Antes de meados de Julho o Pe. Frigo teve de partir para a China, onde já tinha trabalhado, mas a obra, cujos alicerces estavam lançados,²² continuou a crescer sob a acção de outros salesianos que lhe

²² Sobre os inícios e peripécias do Oratório de S. José de Évora, ver mais adiante "Oratórios ou centros juvenis", cap.III.

sucederam (padres José Bernardino Rodrigues, Francisco Leite Pereira, José da Silva Lucas, Pedro Vicente Morais...) e através das mais variadas vicissitudes. Pouco a pouco as hostilidades e incompreensões vão dando lugar à simpatia e apreço perante o testemunho de abnegação e dedicação persistente e sem limites aos rapazes pobres, acolhidos e educados no oratório festivo e na escola primária que surgiu, como complemento, logo em Janeiro de 1927 com três alunos. O grupo coral da escola e a orquestra formada por antigos alunos, um e outra sob a direcção segura e diuturna do Pe. Morais, desempenharam um papel importante como factores de formação juvenil e ao mesmo tempo de transformação ambiental.

3. Timor (1927)

Em inícios de 1927, D. José da Costa Nunes, bispo de Macau, insiste com os salesianos para que tomem conta de uma pequena escola de artes e ofícios em Díli, capital de Timor. Obtido o voto favorável do superior da província chinesa (com sede em Macau), Pe. Inácio Canazei, e dos seus conselheiros, solicita telegraficamente do superior geral, Pe. Filipe Rinaldi, a aprovação da proposta, concedida também telegraficamente: «Aceite abertura Timor». E estipula-se então «entre nós [salesianos] e o senhor bispo um contrato (“convénio”) cujos artigos regulamentam a nova casa de Díli (Timor) pelo espaço de seis anos».²³

A 6 de Abril de 1927 chegam a Díli seis salesianos, cinco italianos e um português, dispostos a pôr o seu entusiasmo ao serviço daquela população bastante esquecida. As perspectivas missionárias que se lhes deparam, além do trabalho na escola e na paróquia, são consideradas animadoras pelo chefe do grupo, Pe. Hermínio Rossetti, apesar da exiguidade dos meios: «Com meios e pessoal apto [que vá aumentando] poderemos estender-nos rapidamente a todo o Timor [português], onde vivem cerca de 200.000 indígenas, ainda pagãos».²⁴

²³ De uma declaração de Canazei, Macau, 31.1.1927 (ASC).

²⁴ Carta Rossetti-Rinaldi, 9.5.1927 (ASC).

Mas eis que, passado pouco mais de um ano, chega uma ordem de Turim, mandando retirar de Timor os salesianos que lá trabalhavam. Como explicar uma decisão tão inesperada? Num relatório datado de 1935, o Pe. Hermínio Rossetti, superior da missão, escreve o seguinte: «[O abandono de Timor por parte da Congregação] foi sempre uma incógnita. Em 1927 o Capítulo Superior [ou Conselho Geral] de Turim autorizou a aceitação da casa de Díli e os salesianos foram para lá. Em Dezembro de 1928 cai sobre eles, repentinamente como um raio, a ordem de desfazer o contrato e partir [...]. Protestos e reclamações por parte do bispo, do governador e de missionários da ilha. Mas os salesianos obedecem e na Páscoa de 1929 abandonam Timor entre as lágrimas dos alunos e o pesar de amigos e admiradores».²⁵

O Pe. Rossetti deixa a esperança de os salesianos regressarem um dia mais tarde e traz consigo para a Itália seis jovens nativos, dois do quais entram depois na Congregação.

A decisão de suspender a obra missionária seguiu-se à visita de Canazei a Timor em Maio de 1928. As impressões sobre o que lhe foi dado observar e que transmite ao prefeito geral da Congregação, Pe. Pietro Ricaldone, são extremamente negativas, embora não destituídas de fundamento. Acha que, atendendo a vários factores - dificuldade de comunicação com a sede da província (pela distância), população diminuta, “uma escolazita” sem futuro, carência de pessoal na hipótese de se alargar o campo da acção missionária propriamente dita para fora da escola, “discórdias entre o clero secular e o Governo da Colónia”, etc. - não se justifica a presença dos salesianos em Timor. Além disso, acrescenta, «a sua última ou penúltima [carta] dá-me a entender claramente que o desejo dos superiores é sairmos daqui».

Ocorre perguntar: como é que, só depois de estipulado o contrato, Canazei verifica que as condições são inaceitáveis? Apresenta, no entanto, ao Pe. Ricaldone uma dificuldade: «É

²⁵ “Note sulla missione di Timor-Dili, relazione di don Erminio Rossetti, fatta per ordine di don A. Candela, Lisbona, 9.12.1935” (ASC).

certo que vamos fazer uma fraca figura [...]. O sr. bispo dirá que somos pouco sérios: aceitais uma escola e decidis abandoná-la decorrido apenas um ano sêm terdes desenvolvido nenhum programa [de acção]!». E responde à eventual dificuldade de forma surpreendente: «Nós diremos: não há nenhum contrato assinado ao qual nos sintamos ligados».²⁶

Mas a verdade é que ele próprio tinha escrito na declaração supramencionada: «Intanto si stipulò tra noi ed il Sig. Vescovo un contratto (“convenio”)... per lo spazio di sei anni». O convénio, constante de 17 alíneas, encontra-se no “Archivio Salesiano Centrale” (Roma).

Como reagiu D. José da Costa Nunes? Respondendo à carta de Canazei, que lhe comunicava a decisão tomada superiormente e de forma unilateral, assim desabafava: «Mandam os superiores de Turim retirar o pessoal salesiano que partiu para [Timor], alegando falta de pessoal [...], dado o grande desenvolvimento que as missões salesianas têm tomado ultimamente.²⁷ Não posso deixar de estranhar tal resolução, porquanto a ida dos salesianos para Timor foi autorizada por V. R. e pelos próprios superiores de Turim! Essa autorização dava-me direito, creio, a pensar que o compromisso tomado comigo não se podia desfazer com tanta facilidade».²⁸

Estava assim criado um desagradável diferendo não só com o bispo de Macau - o qual apesar de magoado não perdeu nunca a estima pelos salesianos -, mas sobretudo com o Governo português, que viria a dificultar seriamente o reconhecimento da Congregação Salesiana como corporação missionária em 1934 e o seu relançamento evangelizador nos territórios ultramarinos, a partir dos anos 40. É com efeito nesta década que os salesianos voltam para Timor e entram nos territórios de Cabo Verde e Goa. Parece que, no desenrolar do obscuro processo de Timor, deve ter joga-

do bastante o complexo problema do padroado com as suas luzes e sombras. E as sombras deverão ter avultado mais que as luzes aos olhos daqueles que desencadearam tal processo, como o deixa entrever o Pe. Calisto Caravario (que fazia parte do grupo de missionários) num relatório, sem data, sobre Timor: «Como religioso [tenho de concordar com] a justeza do pensamento dos superiores quanto ao abandono de obras dependentes de padroados e missões estranhas, por não poderem nunca alcançar aquela pujança de vida salesiana que seria desejável».²⁹

4. Asilo de Santo António, do Estoril (1932)

A fundação “Asilo de Santo António” deve-se a uma disposição testamentária de Ana Teresa Jorge Goularde de Vasconcelos (1923). Segundo tal disposição, o antigo convento de Santo António de Cascais (no sítio do Estoril)



Antigo convento de S.^o António do Estoril

de que era proprietária,³⁰ seria entregue, com a respectiva cerca, ao Superior dos Padres Dominicanos Irlandeses do Corpo Santo (Lisboa), para aí ser instalada uma escola profissi-

²⁶ Carta Canazei-Ricaldone, Díli, 1.5.1928 (ASC).

²⁷ Tal era o motivo explicitado pelo Pe. Ricaldone em carta a Canazei, cuja cópia este enviava em anexo a Costa Nunes.

²⁸ Carta Costa Nunes-Canazei, Macau, 23.8.1928 (ASC).

²⁹ «Come religioso, poi, non si può fare a meno di vedere la giustezza del pensiero dei superiori nell'abbandonare opere rette da patronati e missioni estranee, perché non potranno mai avere quella fioridezza di vita salesiana che sarebbe desiderabile» (ASC).

³⁰ Este convento, que data de 1527, pertencia à província franciscana do Algarve, caracterizada pela mais estreita observância (franciscanos recolectos). Após a extinção das ordens religiosas em 1834 passou para as mãos de Manuel Joaquim Jorge e, posteriormente, de Ana Teresa Goularde de Vasconcelos.

onal, com a designação de “Asilo de Santo António”, para rapazes pobres.

Perante a indisponibilidade dos dominicanos, que alegaram não estarem vocacionados para tal género de actividade, foram então abordados os salesianos pelos testamenteiros João Perestelo de Vasconcelos, António José Viana e seu genro António de Faria Carneiro Pacheco. Uma cláusula do testamento previa, aliás, a eventualidade de os dominicanos não aceitarem o legado, devendo em tal caso procurar-se outra pessoa ou entidade capaz de assumir o encargo.

Os salesianos acharam aceitável a proposta e, efectuada a transferência da administração e direcção do Asilo para o director das Oficinas de S. José de Lisboa em Julho de 1931, em Janeiro de 1932 dava-se a tomada de posse. Um ano depois abria a escola (externato) com 24 alunos da primeira classe primária. Os alunos foram aumentando até atingirem o número de cerca de 120. O aspecto da formação profissional não chegou então a concretizar-se no Estoril, mas ficou salvaguardada a vontade da instituidora com o compromisso de o Asilo, filial das Oficinas de S. José de Lisboa, manter aqui cerca de dez alunos em ordem à aprendizagem de uma arte ou ofício, como de facto aconteceu.

Em Outubro do mesmo ano (1933) eram também instalados no convento do Estoril o noviciado e o curso de filosofia, transferidos do seminário de Poiares da Régua, onde não havia condições, minimamente aceitáveis, para o razoável funcionamento de um e de outro. Em 1934 a casa de formação do Estoril toma o nome de Instituto Missionário Salesiano, em virtude de nesta data a província portuguesa ter sido oficialmente reconhecida como corporação missionária (despacho de 8 de Dezembro de 1934, que viria a ser ratificado em 8 de Dezembro de 1941).

5. Instituto S. João Bosco, de Mogofores - Anadia (1938)

A fundação desta casa obedeceu à preocupação de retirar o noviciado do Estoril para um lugar menos mundano e mais recolhido. O

lugar surgiu na freguesia de Mogofores, situada em plena Bairrada, a poucos quilómetros de Anadia. Uma senhora, Maria Joana de Melo Osório, tinha aqui uma propriedade (edifício e quinta) que doara aos filhos de S. Domingos para uma residência. Mas como estes saíram passados apenas sete anos, lembrou-se então dos salesianos que, após a tomada de posse em fins de Setembro de 1938, para aqui transferiram o noviciado em 3 de Novembro do mesmo ano. Na implantação dos salesianos em Mogofores desempenhou um papel importante a Ir. Maria de Jesus, religiosa de S. José de Cluny.

Com a aquisição de um terreno contíguo e da construção de um novo edifício (graças à



ajuda de vários benfeitores locais, sendo de salientar o nome de Emília Bourbon Furtado), abriu-se uma secção de aspirantes - complementar do aspirantado de Poiares da Régua -, que teve início em Outubro de 1941. Pouco a pouco foram surgindo em Mogofores outras actividades importantes, apesar de laterais, voltadas para o ambiente externo: oratório festivo, aulas de alfabetização de adultos, imprensa, paróquia de Mogofores (esta desde 1949).

6. Escola Agrícola, de Semide - Miranda do Corvo (1938)

Dependente da Junta de Província da Beira Litoral, a Escola Agrícola de Semide foi fundada em 1929 numa parte do antigo convento de religiosas beneditinas ali existente, cuja comunidade, em consequência da legislação liberal de 1834, se extinguiu em fins do século. A pedido da mesma Junta, os salesianos tomaram conta da escola em 1938, comprometendo

do-se - nos termos da convenção acordada - a providenciar «para que seja dada aos alunos, *além do ensino agrícola*,³¹ instrução primária e instrução moral e religiosa, segundo o espírito dos seus regulamentos, estabelecendo ainda escolas profissionais quando as circunstâncias o permitam».³²

Em fins de 1940 a nova direcção introduz na escola uma oficina de tipografia. A partir de meados de 1942 deixa de existir o bom entendimento dos primeiros anos entre os salesianos de Semide e a Junta. Segundo consta de uma carta do provincial, Pe. Hermenegildo Carrà, ao Conselho Geral da Congregação, contribuiu particularmente para isso o facto de os salesianos, apesar do compromisso assumido, não terem orientado a escola de modo a fazer dela uma verdadeira escola agrícola, como a Junta vivamente desejava. A instalação da tipografia, ao que parece, seria vista como algo que teria vindo a contrariar ou secundarizar esse objectivo primário.³³

O certo é que as relações foram-se tornando cada vez mais tensas. Em Outubro de 1946, o director, que principiava então o seu mandato, pede uma audiência ao presidente da Junta, Dr. Bissaia Barreto, para uma troca de impressões sobre a situação da casa. Durante a conversa, em que foram abordados problemas de educação, deu-se conta de que «o sistema salesiano não [era] bem acolhido pelo dito presidente».³⁴

Tendo-se complicado as coisas até ao ponto de a manutenção ordinária da casa se tornar insustentável, pelo atraso dos pagamentos por parte da Junta, o pessoal salesiano achou que

se impunha a rescisão do contrato. E a 31 de Julho de 1947 deixava definitivamente a Escola Agrícola de Semide.

* * *

Dentre os aspectos que caracterizam a acção dos salesianos quer nos primórdios, quer na restauração, salientam-se os seguintes.

As instituições que tomam a seu cargo são na generalidade instituições de tipo assistencial e já existentes, voltadas para a promoção social dos jovens pobres, mediante a aprendizagem de artes e ofícios. Esta particularidade correspondia, aliás, ao género de solicitações que lhes eram constantemente dirigidas.

Paralelamente às escolas de artes e ofícios surge outra forma de actividade, orientada também para os rapazes mais pobres e abandonados e tendente a alargar o alcance evangelizador e humanizador, para além dos muros da escola propriamente dita, de modo a atingir a população juvenil de uma zona, geralmente urbana, e por meio dela as famílias e o meio ambiente. Esta forma alargada de humanização e evangelização é constituída pelos oratórios festivos, mais conhecidos hoje por centros juvenis. Na maioria dos casos os oratórios funcionam na dependência das escolas, mas há também casos em que funcionam à parte, como o oratório festivo de Braga e o de S. Vicente de Fora em Lisboa.

É dada uma grande importância ao teatro e à música quer vocal (grupos corais), quer instrumental (filarmónicas).

Difunde-se largamente a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora e a Associação dos Cooperadores Salesianos, um bom número dos quais já existia antes de 1894 (a semente fora lançada pelo Pe. Giovanni Cagliero, na sua visita-sondagem a Portugal em 1881).

É viva a preocupação em promover as vocações nacionais, embora os meios disponíveis para a sua formação completa e adequada fiquem bastante aquém do desejável.

³¹ Sublinhado nosso.

³² *Convenção*, alínea 5 (AP).

³³ «...depois de uma conversa com o Dr. Bissaia Barreto [presidente da Junta de Província] compreendi que a razão das [suas] queixas era o facto de nós não termos pensado num técnico ou perito agrícola para Semide, como tínhamos prometido. E a Junta estava interessadíssima em organizar ali uma verdadeira escola agrícola, se bem que ao nível do ensino elementar» (Carta Carrà-Berruti, 25.7.1942. ASC F006, fasc.6).

³⁴ «Crónica [de] Semide», 16 de Outubro de 1946 (AP).

C - ALGUNS ACIDENTES DE PERCURSO

1. Dificuldades e contrastes

A vida dos salesianos desde os inícios até 1930/40 conheceu momentos de grandes dificuldades e carências. Além do desmantelamento das casas, no continente e no ultramar, pelo vendaval revolucionário de 1910, tenham-se presentes as desinteligências, mais ou menos acentuadas, com as comissões administrativas dos estabelecimentos confiados à gerência salesiana, a desproporção entre os religiosos efectivos e as obras, as dificuldades na formação do pessoal, que tinha de atender simultaneamente ao trabalho e ao estudo, a precária situação económica, um pouco atenuada pelo apoio de cooperadores e benfeitores dedicados. A situação de carência económica só começa a melhorar significativamente a partir de 1934, ano em que a província, reconhecida como corporação missionária, passa a ser subsidiada pelo Ministério das Colónias.

Acrescente-se a estes condicionamentos negativos um outro aspecto, perturbador do convívio fraterno, que se fez sentir particularmente nos anos 30-40 e se foi atenuando ao longo dos anos 50. Queremos referir-nos ao confronto dos nacionalismos europeus - subjacentes ao deflagrar das duas grandes guerras mundiais - que se reflecte inclusivamente em ambientes religiosos, como foi o caso do ambiente salesiano português (nessa conjuntura), constituído então por elementos de diversas nacionalidades.

Que o fenómeno tivesse sido meramente conjuntural atesta-o o facto de não haver indícios palpáveis do mesmo nos primórdios e na década de 20 (início da restauração), em que a presença de estrangeiros de várias nacionalidades, sobretudo italianos, ao lado de portugueses não afectou a harmonia nas comunidades existentes. Entretanto - importa sublinhá-lo -, apesar das sobreditas fricções, lamentáveis de parte a parte, não deixou de se

acentuar cada vez mais o crescimento da província em obras e número de irmãos, não obstante a saída de não poucos estrangeiros, alguns dos quais, todavia, regressaram mais tarde a Portugal ou acalentaram o desejo de regressar um dia.

2. Limitações

A canalização, praticamente exclusiva, das preocupações dos salesianos dos primórdios e da restauração para os rapazes mais abandonados da sociedade portuguesa e para as escolas de artes e ofícios merece, por um lado, todo o nosso apreço, mas pede, por outro, um comentário de ordem crítica.

Esta actuação unidireccional dos salesianos no nosso país fez-se através de instituições que, no seu conjunto, não tinham uma base económica estável e suficientemente capaz de lhes garantir uma subsistência desafogada e um funcionamento sem solavancos. As ajudas provenientes de instâncias governamentais ou autárquicas - meramente circunstanciais e restritas, quando as havia -, bem como a beneficência privada (por vezes muito generosa, mas sempre precária e oscilante) não bastavam para evitar situações de embaraço. Situações por vezes graves, sobretudo quando era preciso, além das exigências da manutenção ordinária, abalançar-se a obras de certa envergadura. Lembre-se, por exemplo, o caso das novas instalações das Oficinas de S. José de Lisboa, no princípio do século, que acabaram por ser hipotecadas e constituíam apenas uma pequena parte do grandioso projecto inicial, interrompido pela revolução de 1910.

É impressionante verificar a permanência, por anos e anos, de um rosário de queixas e apelos aflitivos dos provinciais aos superiores maiores e dos directores das casas (sobretudo de formação do pessoal) aos benfeitores, em ordem a conseguir algum auxílio ora para saldar dívidas inquietantes, ora mesmo para assegurar o pão de cada dia a salesianos e alunos.

Mas essa preocupação dos primeiros salesianos da província portuguesa em cir-

cunscrever a sua acção educativa ao círculo dos rapazes mais pobres e abandonados - acolhidos e educados nas escolas de artes e ofícios e nos oratórios festivos - corresponderia à preocupação de não atraiçoar o espírito do fundador?

O iniciador da obra salesiana em Portugal, Pedro Cogliolo, exprime esse sentimento numa carta ao superior geral, Pe. Miguel Rua, escrita de Lisboa a 8 de Junho de 1903: «Permitto-me observar a V. S. Revm^a que o Governo vê com bons olhos a nossa obra e este ano já nos ajudou significativamente. Como já escrevi ao sr. Pe. Cerruti, não há motivo para ter demasiado receio dos governos sempre que, mesmo à custa de sacrifícios, mantemos bem desfraldada a bandeira da beneficência. Importa que as autoridades e o público possam dar-se conta de que as nossas casas não são pensionatos [...]. Por isso, especialmente aqui no estrangeiro, não convém ir para o ensino liceal. Artes e ofícios, escolas gratuitas para os pobres e nada mais». ³⁵

Diga-se, de passagem, que noutros países os salesianos pensavam e agiam diferentemente.

A palavra de ordem do primeiro provincial veio a nortear os seus sucessores no governo da província até depois da Segunda Guerra Mundial. Sabemos, no entanto, que não foi rigorosamente esta a linha seguida por D. Bosco. Ele começou, é certo, por se dedicar em pleno à parte mais desfavorecida da juventude. Mas não demorou muito a convencer-se da necessidade ou oportunidade de abrir também colégios para alunos das classes remediadas ou abastadas que pudessem contribuir para a manutenção dos estabelecimentos com escassos recursos económicos e oferecer, além disso, um terreno mais propício ao cultivo das vocações. Por outro lado, D. Bosco nunca afirmou que a sua acção educativa e a dos seus filhos devia restringir-se à juventude mais pobre e abandonada, mas sim que esta devia ser a preferida: «Somos evangelizadores dos jovens, especialmente dos mais pobres». ³⁶

Quando o Pe. Pedro Rota, em 1928, foi incumbido de fazer a visita canónica extraordinária às casas de Portugal, apercebeu-se de que a província (em termos canónicos era ainda na altura uma visitadoria) carecia de uma orientação mais aberta que lhe permitisse incluir o ensino secundário no seu projecto educativo, ao invés do que se propusera o Pe. Cogliolo. A sua visão estava aliás em consonância com a experiência que ele próprio vivera e secundara, como provincial, no Brasil. Entre as consequências benéficas daí resultantes haveria, como é óbvio, um empenhamento mais sério na qualificação do pessoal salesiano, se não se quisesse cair em descrédito, e uma base vocacional mais sólida. Referindo-se à casa mais importante que os salesianos possuíam em Portugal, as Oficinas de S. José de Lisboa, o Pe. Rota escreve o seguinte no seu relatório: «Actualmente todos os alunos são órfãos ou abandonados [...]. Nota-se a necessidade, ou pelo menos a grande conveniência de dar maior desenvolvimento à obra, de modo que [a sua fisionomia reflita com maior justeza o âmbito] da educação salesiana. Tratar-se-ia, portanto, de admitir também alunos de famílias da classe média e bem constituídas, com possibilidades de pagar. Uma vez que na sua generalidade os actuais, incluindo os externos, ou são filhos de pais incógnitos ou de famílias desorganizadas, dificilmente se encontram entre eles candidatos ao estado eclesiástico ou religioso.³⁷ E conviria que o povo não ficasse com a ideia de que os salesianos só se destinam a educar [rapazes da rua], mas visse que também podem dirigir colégios de estudos secundários, para os quais talvez até alguns os julguem incompetentes». ³⁸

³⁷ Cf. o que já escrevia *O Século* em 1906: «[A obra salesiana em Portugal] é tanto mais meritória quanto os seus pupilos se recrutam exclusivamente entre a infância vagabunda e abandonada, entre aqueles que não têm nem pai nem mãe, nem irmãos que olhem por eles... ou, o que é pior, entre aqueles que na família, em vez de um amparo, encontram o mais terrível instrumento de perversão moral» (*O Século*, 27.4.1906).

³⁸ ASC F007, fasc. 14.

³⁵ ASC B913.

³⁶ *Const.*, art. 6.

Somos levados a pensar que a província teria entrado nesta linha de maior abertura a partir de 1930, ano em que o mesmo Pe. Rota foi nomeado superior das casas de Portugal. Mas infelizmente, já com a saúde abalada, não pôde dar corpo às suas ideias, visto que a morte o surpreendeu passado pouco mais de um ano. E os seus sucessores imediatos não se atreveram a modificar o *statu quo*, tentando dar o salto qualitativo.

D - PARA ALÉM DA PROVÍNCIA PORTUGUESA

1. Ao serviço dos emigrantes

Merece uma referência à parte a obra de assistência aos emigrantes portugueses de Oakland (Califórnia), pela participação que a província portuguesa nela teve através de alguns dos seus membros. A missão, dirigida por padres seculares (açorianos) desde a fundação (1881), foi confiada aos salesianos em 1902. Entre os primeiros elementos enviados pelo superior geral (Pe. Rua) aparece um dos fundadores da obra salesiana em Portugal, Pe. José Galli, que durante mais de trinta anos, ou seja, até ao fim dos seus dias, deu o melhor de si mesmo a favor dos nossos compatriotas. Poucos anos depois iriam juntar-se-lhe dois jovens salesianos portugueses, padres Henrique Ferreira (1907) e Cândido Ribeiro de Castro

(1911), que serviram a mesma causa, também até à morte e com igual devotamento. Entre os continuadores dos pioneiros encontramos os nomes de António Ragogna e Carlos Frigo (italianos), que trabalharam também em Portugal, e mais tarde Manuel Alves (português), além de um brasileiro, Edgar Rocha.

2. Salesianos portugueses no Brasil

Os salesianos chegaram ao Brasil em 1883. Entre os primeiros candidatos à vida salesiana no país irmão, encontramos três portugueses: José Moreira, Manuel da Fonseca e António de Araújo, que professaram como irmãos leigos em 1884, 1885 e 1891 respectivamente. Passados anos, dois outros portugueses - que ainda pequenos emigraram com os pais para o Brasil - aqui vêm a tornar-se membros distintos da Congregação Salesiana: os padres José dos Santos, natural da Madeira (1874-1945), e Henrique César Fernandes Mourão, natural do Porto (1877-1945). Ambos desenvolveram uma acção notável dentro da Congregação no Brasil. Henrique Mourão distinguiu-se ainda como bispo de Campos e Cafelândia. E ambos trabalharam alguns anos nas Oficinas de S. José de Lisboa, onde deixaram um rasto de simpatia. Lembremos ainda dois outros salesianos leigos, António Machado, natural de Braga (1886-1938), e Antonino Ferreira, natural da Madeira (1887-1966), que no Brasil trabalharam durante uma boa parte da sua vida.

CAPÍTULO II

ÁLBUM DE FAMÍLIA

1. Patrocinadores da obra salesiana

Muitas foram as personalidades que desejaram ver os salesianos em Portugal ou se empenharam mesmo em lhes abrir caminho, em ordem à sua implantação quer na metrópole, quer no ultramar. Dentre elas destacamos as seguintes:

Pe. Daniel Rademaker

Amigo íntimo e colaborador de D. Bosco no Oratório de Turim, após o seu regresso a Lisboa com a família (1848) tornou-o conhecido entre nós e fez-lhe ver a grande oportunidade de Portugal ser beneficiado com a obra dos oratórios.

D. Pedro Lacerda, arcebispo do Rio de Janeiro

De passagem por Lisboa em 1877, escreve daqui uma longa carta a D. Bosco (depois de ter estado com ele em Turim a fim de conseguir salesianos para a sua diocese), pedindo-lhe insistentemente que acuda também à juventude pobre e abandonada de Portugal, sobretudo através das escolas de artes e ofícios.

Pe. Sebastião Leite de Vasconcelos



N i n g u é m como este sacerdote do Porto, mais tarde bispo de Beja, fez tanto para convencer D. Bosco - por quem nutria uma afeição profunda - a implantar a sua obra no nosso país. A vasta e insistente

correspondência que manteve com a casa-mãe de Turim desde 1880 e a Oficina de S. José do Porto (à qual imprimiu a fisionomia própria de uma casa salesiana e que acabou por entregar aos salesianos) são disso a melhor prova.

D. Américo Ferreira da Silva, cardeal e bispo do Porto

Um dos grandes apoiantes de Sebastião de Vasconcelos no lançamento da obra educativa dos rapazes da rua - a Oficina de S. José - e na vinda dos salesianos para a dirigirem.

Conde de Samodães (Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar)

U m o u t r o grande amigo e apoiante de Sebastião de Vasconcelos foi o conde de Samodães, uma das figuras mais notáveis do nosso catolicismo militante do século XIX. Em nome do cardeal D. Américo escreveu em 1884 uma



carta a D. Bosco a fim de lhe lembrar que os salesianos, por ele prometidos ao Porto, eram vivamente aguardados na Oficina de S. José.

D. José Neto, patriarca de Lisboa



Quando em 1880 partiu para a África, como bispo de Angola e Congo, era seu desejo levar consigo alguns religiosos de D. Bosco, mas não conseguiu. Em 1884, já patriarca de Lisboa, suplica

ao servo de Deus que se digne contemplar a sua nova diocese com o “contributo providencial” dos salesianos. Todavia os seus desejos só viriam a ser satisfeitos em 1896, ano em que estes entraram nas Oficinas de S. José de Lisboa.

Mons. Francisco Herculano Cordeiro

Juntamente com Isabel Maria de Lacerda Castelo Branco, solicita os salesianos para tomarem a direcção das Oficinas de S. José de Lisboa e lhe garantirem continuidade e desenvolvimento, o que consegue em 1896 através da mediação do Pe. Filipe Rinaldi, provincial salesiano de Espanha.

Pe. Francisco Rodrigues da Cruz

Este virtuoso sacerdote, hoje a caminho dos altares, moveu o Pe. Rua (sucessor de D. Bosco no governo da Congregação) a aceitar a direcção do Colégio de S. Caetano de Braga, onde o mesmo Pe. Cruz era director (estamos nos inícios dos anos 90). E foi por aqui que os salesianos iniciaram a sua acção educativa a favor da juventude portuguesa (1894). O Pe. Cruz ficou sempre pela vida fora muito ligado à obra de D. Bosco.



António Brandão Pereira

O Dr. António Brandão, provedor do Colégio de S. Caetano e militante católico de grande prestígio, foi o elemento-chave no processo de diligências junto da Congregação Salesiana para que esta aceitasse a proposta do padre Cruz. Era seu interlocutor o Pe. Filipe Rinaldi.



D. António Honorato, arcebispo de Braga
O arcebispo de Braga, D. António Honorato, encarou com muito bons olhos a entrada dos salesianos na sua diocese, secundando interessadamente todos os passos que vinham sendo dados neste sentido.

D. António Barroso, bispo do Porto

Quer como prelado de Moçambique (1891-1897), quer como bispo de Meliapor (1897-1899), D. António Barroso fez tudo para conseguir que os salesianos abrissem alguma obra nestas duas dioceses que sucessivamente lhe foram confiadas. Embora não tenha assistido pessoalmente à realização dos seus desejos em nenhuma delas, porque transferido para a diocese do Porto, os esforços empreendidos frutificaram no tempo dos seus sucessores. Os salesianos vieram a instalar-se de facto na ilha de Moçambique em 1907 e nas cidades de Tanjor e Meliapor (Índia) em 1906 e 1909 respectivamente.



D. Teotónio Vieira de Castro, bispo de Meliapor

Sucessor de D. António Barroso em Meliapor, foi D. Teotónio que teve a alegria de receber na sua diocese os salesianos - cujo fundador conheceu e muito admirava -, abrindo-lhes assim as portas da imensa Índia, um dos grandes sonhos missionários de D. Bosco.

D. João Paulino de Azevedo e Castro, bispo de Macau

Foi no seu tempo (e secundando os esforços empreendidos pelos seus antecessores D. António Joaquim Medeiros e D. José Manuel de Carvalho) que os salesianos entraram em Macau, lançando aqui as



bases da obra missionária, que irradiaria depois para o Celeste Império e todo o Extremo Oriente, um outro dos grandes sonhos acalentados por D. Bosco. Os salesianos encontraram em D. João Paulino um verdadeiro pai, apesar de nem sempre coincidirem os respectivos pontos de vista.

D. Manuel Vieira de Matos, arcebispo de Braga



Tendo conhecido os salesianos em Lisboa - quando vigário geral do patriarcado (1899-1903) - e com eles promovido a fundação do oratório festivo de S. Vicente de Fora,

diligenciou para que os mesmos abrissem uma casa na Guarda quando bispo desta diocese (1903-1914), o que todavia ficou sem efeito. Mas em 1924, sendo então arcebispo de Braga, pôs à disposição dos salesianos a sua quinta de Poiães da Régua para a fundação de um seminário menor.

D. Manuel da Conceição Santos, arcebispo de Évora

Foi devido às suas instantes diligências que a obra salesiana se implantou em Évora (1926), e foi devido à sua paternal assistência que o Oratório de S. José pôde resistir, nos primeiros tempos, aos embates



da fortuna adversa. A ele se deve também a vinda das salesianas para Portugal em 1940, as quais começaram a sua obra precisamente em Évora, assumindo a direcção da Casa Pia Feminina.

Pe. Laurindo Leal Pestana

Cooperador salesiano desde 1906 (era ainda estudante de teologia), funda no Funchal uma Escola de Artes e Ofícios (1921). Desejoso de ver esta sua obra nas mãos dos salesianos, visita-os algumas vezes nas Oficinas de S. José de Lisboa, insistindo com eles para que lhe satisfaçam quanto antes esse desejo. E desloca-se mesmo a Turim para conseguir mais facilmente o beneplácito dos superiores maiores.



Várias destas personalidades inscreveram-se na Associação dos Cooperadores Salesianos como: Pe. Sebastião de Vasconcelos, D. Américo Ferreira da Silva, conde de Samodães, Pe. Cruz, António Brandão, D. António Honorato, D. Manuel Vieira de Matos, D. Manuel da Conceição Santos.

2. Figuras salesianas de relevo

São aqui delineadas, em breves perfis, as figuras de alguns salesianos entre os mais antigos que emergem, pela sua personalidade e actuação, embora todos sejam credores do nosso apreço. São visados concretamente aqueles cujo trabalho se iniciou antes dos anos 40. A selecção pode ser discutível pelo menos num ou noutro caso.

Significado das letras que precedem os nomes: E=episcopus (bispo); P=presbyter (presbítero); L=laicus (irmão leigo ou coadjutor); S=scholasticus (escolástico ou jovem clérigo). A sucessão dos nomes obedece a uma ordem cronológica, mas não de todo rigorosa.

*P Miguel Rua: n. Turim (Itália), 9.6.1837;
✠ Turim, 6.4.1910*

Embora não tenha trabalhado em Portugal, o Pe. Miguel Rua merece ser lembrado entre os construtores da nossa província. Não só



porque, na qualidade de superior geral, tinha de se empenhar no desenvolvimento de todas as parcelas da Congregação, mas também porque, tendo sido ele a enviar os primeiros salesianos e tendo visitado por duas vezes as casas de Portugal (1899 e 1906), procurou

imprimir à província portuguesa um forte dinamismo apostólico e missionário, cujos frutos se concretizaram na abertura de vários oratórios festivos e no lançamento da obra missionária em África e no Oriente. Considerado como “a regra viva” e “um outro D.Bosco”, o Pe. Miguel Rua, nos 22 anos do seu governo, alargou extraordinariamente as fronteiras da Congregação (o número de obras subiu de 64 para 341), e deixou atrás de si um rasto profundo de santidade, sendo beatificado em 1971.

P Filipe Rinaldi: n. Lu-Alessandria (Itália), 28.5.1856; † Turim, 5.12.1931

Tal como o Pe. Rua, o Pe. Rinaldi também não trabalhou propriamente no nosso meio, mas preparou e orientou nos primeiros anos a obra salesiana em Portugal, na qualidade de provincial das duas nações ibéricas. A sua passagem por Espanha e Portugal ficou assinalada por marcas de grande compreensão e bondade. Em 1922 era eleito superior geral. Durante os 9 anos que esteve à frente da Congregação, imprimiu-lhe um ritmo de desenvolvimento comparável ao que lhe imprimira o Pe. Rua, com destaque para o incremento das missões. Foi beatificado em 1990.



P Pedro Cogliolo: n. Génova (Itália), 15.2.1866; † Roma, 15.9.1932



Chefe do primeiro grupo de salesianos, enviados para Braga em 1894, provincial desde 1899, governa a nova província até 1908, abrindo diversas casas no espaço europeu e no ultramar. Em 1908 é nomeado visitador extraordinário das casas salesianas de África, Ásia e América do Norte, continuando todavia provincial *de jure*. Em 1910 volta a Portugal para salvar o salvável da obra desmantelada pela revolução. Homem inteligente, culto, de personalidade forte e um tanto dura, o seu jeito diplomático atraiu-lhe a admiração e estima da classe aristocrática lisbonense.

P José Galli: n. Varese (Itália), 18.4.1877; † Santa Cruz (Califórnia), 19.5.1952

Veio para Braga em 1894 (com os padres Pedro Cogliolo e Ângelo Bergamini), sendo ainda escolástico (17 anos de idade). Trabalhou durante 3 anos no Colégio de S. Caetano, sendo-lhe confiada, entre outras, a tarefa de colaborar na formação de aspirantes e noviços ali inicialmente instalados, tarefa que continuou a desempenhar na casa de Pinheiro de Cima (Lisboa), quando estes para aqui foram transferidos em 1897. Pouco depois de ordenado sacerdote (1902), foi convidado pelo Pe. Rua a ir trabalhar ao serviço da colónia portuguesa de Oakland (Califórnia). Condecorado pelo Governo português.

P Luís Sutura: n. Catânia (Sicília), 10.1.1869; † Cuiabá (Brasil), 12.2.1948

Sucedeu a Pedro Cogliolo na direcção do Colégio de S. Caetano de Braga (1896), onde se lhe depararam sérias dificuldades, vindas principalmente da Comissão Administrativa. Em 1903 vai assumir a direcção do Orfanato João Baptista Machado em Angra do Heroísmo (Açores) e em 1908



volta a Braga para um segundo mandato, que interromperia um ano depois para tomar conta da Oficina de S. José do Porto, aceite finalmente pela Congregação. Mas com o 5 de Outubro de 1910 é obrigado a deixar Portugal. Durante os dois últimos anos acumula as funções de director e pró-provincial. Em 1923 regressa ao nosso país para dirigir na qualidade de visitador a obra salesiana, recentemente restaurada, até 1927, ano em que embarca para o Brasil. Prudência e bondade foram nele duas virtudes vincadas.

*P José Maria Coelho: n. Braga, 21.1.1875;
† Estoril, 27.5.1942*



Foi a primeira vocação portuguesa, após a vinda dos primeiros salesianos. Aluno do Colégio de S. Caetano e já com o terceiro ano de teologia, fez o noviciado em Itália (1896-97), emitindo a profissão religiosa nas mãos do beato Miguel Rua. Ordenado sacerdote em 1897, voltou para o colégio que o acolhera (órfão de pai e mãe) e no qual veio a exercer diversos cargos, incluindo o de director (1903-1908). Em 1908 foi chamado a dirigir as Oficinas de S. José de Lisboa (1908-1910), o que fez com elevada competência, tal como o fizera em Braga. Encerrada a casa após o 5 de Outubro, nela permanece a fim de velar pela sua conservação até 1920. Após doze anos passados na reaberta Oficina de S. José do Porto (1922-1934) e um ano de novo em Lisboa, em Outubro de 1935 é destinado à casa de formação do Estoril, como confessor e professor, onde se apaga em 1942, com imenso pesar de quantos o conheceram de perto e beneficiaram da sua presença e influxo. Dotado de rara inteligência e finíssima sensibilidade (de par com uma saúde precária), cultura humanística, rigor nas grandes e pequenas tarefas, gentileza de maneiras unida a um constante bom humor, este homem admirável tornava serena e agradável a vida comunitária, quer como superior, quer como simples confrade.

*P Carlos Peretto: n. Carignano (Itália),
3.3.1860; † Ouro Preto (Brasil),
16.10.1923*

Vindo do Brasil, aonde chegara com a primeira expedição salesiana (1883) e onde desempenhara os cargos de director e provincial, Carlos Peretto assume a direcção do Colégio de S. Caetano um ano antes da implantação da República. No meio das perturbações sobrevindas após o 5 de Outubro, soube orientar as coisas com a maior serenidade e prudência, de forma que os salesianos pudessem sair de cabeça erguida e deixando no ambiente bracarense uma viva saudade. O breve tempo passado em Portugal foi suficiente para fazer amizades sólidas e duradoiras.

*P João Trione: n. Cuornè (Itália),
27.1.1870; † Roma, 13.3.1956*

Trabalhou em Braga dois anos. Aberta a casa de formação em Lisboa, ali exercitou os seus dotes excepcionais de professor de ciências e animador de massas juvenis (oratório festivo), entre 1897 e 1906. Entre 1906 e 1909 trabalhou nas Oficinas de S. José como director escolar.

*L Silvério Cipriani: n. Luca (Itália),
27.6.1863; † Vicenza, 23.10.1946*

Músico e entalhador de grande talento, este irmão leigo notabilizou-se principalmente no campo da música, primeiro em Braga (1895-97) e depois em Lisboa (1897-99). Dificuldades temperamentais motivaram o seu regresso à Itália após breve estadia em Portugal.

*P Henrique Ferreira: n. Braga, 1881;
† Oakland (Califórnia), 1972*



O seu trabalho em Portugal reduziu-se a poucos anos. Ordenado sacerdote em 1906, em Turim (onde, juntamente com os estudos teológicos, trabalhou ao lado do Pe. Miguel Rua como secretário para a língua portuguesa e di-

rigiu o Boletim Salesiano durante um ano), foi destinado à colónia portuguesa de Oakland, a favor da qual despendeu todas as suas energias, através de variadas actividades apostólicas e durante longos anos (morreu nonagenário).

P Cândido Ribeiro de Castro: n. S. Jerónimo de Real (Braga), 3.4.1885; † Oakland, 1918

Tal como Henrique Ferreira, o Pe. Cândido logo após a ordenação recebeu o convite de ir trabalhar para a colónia portuguesa de Oakland. Foi extraordinário o apostolado por ele desenvolvido - e ao serviço do qual soube pôr os seus dotes musicais -, sobretudo a favor dos doentes atacados pela febre bubónica, de que ele próprio veio a morrer prematuramente em 1918. Deve-se-lhe, além de outras iniciativas, a construção de uma igreja, dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora e transformada em sede de uma nova paróquia.

P José Concina: n. Confienza-Pavia (Itália), 26.5.1872; † Génova, 16.3.1955

Logo após a ordenação sacerdotal (1899) veio para as Oficinas de S. José (1899), onde sucedeu a Silvério Cipriani na qualidade de mestre de música. Durante os 11 anos que esteve em Lisboa, Concina teve ensejo de expandir o seu talento invulgar, dentro e fora das Oficinas de S. José. Tanto o grupo coral como a banda por ele dirigidos eram ávida e continuamente solicitados para abrilhantar celebrações cívicas e religiosas.

P Agostinho Colussi: n. Casarsa-Udine (Itália), 26.7.1869; † Estoril, 25.5.1940



Formado na Gregoriana, veio para Portugal em 1897, alguns anos após a ordenação sacerdotal (1892). Destinado à casa de formação do Pinheiro, aí exerceu o cargo de mestre de noviços desde 1897 a 1910, com a breve interrupção de dois anos (director das Oficinas de S. José entre 1906 e 1908). Expul-

so de Portugal em 1910, depois de ter sofrido diversos vexames, consegue regressar em Outubro de 1911, juntando-se ao Pe. José Maria Coelho nas Oficinas de S. José, até que em 1920 a escola retoma pouco a pouco, sob a sua direcção, as actividades interrompidas em 1910. Em 1925 toma a direcção do recém-aberto Seminário Sagrado Coração de Jesus em Poiães da Régua até 1933, altura em que vai para o Estoril, passando a dirigir em 1935 o Asilo de Santo António e o centro de formação anexo (noviciado e filosofado). Além de director, assume novamente o cargo de mestre de noviços até 1938, sendo ao mesmo tempo professor de filosofia. A casa do Estoril foi a última que beneficiou do seu trabalho e testemunhou a sua virtude. Agostinho Colussi é uma das figuras mais marcantes da província salesiana de Portugal, país que ele adoptou como segunda pátria e onde passou, de resto, a maior parte da vida. Alma simples, diáfana e extremamente bondosa, sabia manter uma serenidade imperturbável, fruto de intensa vida interior. A sua espiritualidade radicava essencialmente no Evangelho e no genuíno espírito do fundador.

P Ângelo Semplici: n. Bibbiano-Milão (Itália), 5.5.1879; † Lisboa, 15.3.1944

Enviado para Lisboa dois anos após o noviciado, aqui desenvolveu a sua actividade durante quase 25 anos, distribuídos por dois períodos: 1899-1910; 1931-1944. No primeiro período, além dos estudos de preparação para o presbiterado, que recebeu em 1905, colaborou com o arquitecto Ceradini na construção do novo edifício das Oficinas de S. José, consagrando-se depois totalmente ao desempenho das funções docente e organizativa no sector técnico da escola, além de orientador do oratório festivo. De regresso à Itália em 1910, obtém o diploma em arquitectura na Academia Albertina de Turim (1916). Em 1931 volta para Lisboa, assumindo a direcção das Oficinas até 1935. Nos últimos 9 anos de vida, o Pe. Ângelo continua a servir a escola como administrador e professor.

P Paulo Colussi: n. Casarsa-Udine (Itália), 13.11.1878; † Estoril, 12.2.1969

Irmão de Agostinho Colussi, veio, ainda escolástico, para Lisboa (1898) e em seguida para Braga (1899), onde se ordenou sacerdote. Expulso de Portugal em Janeiro de 1911, regressa em 1924. Desta vez dedicará todas as suas energias, durante largos anos, à formação dos aspirantes à vida salesiana no pequeno seminário de Poiães da Régua. Nos primeiros anos colabora com o seu irmão Agostinho (director da casa). A partir de 1933 é ele que assume a direcção do seminário até 1940. O resto da vida passa-o em Lisboa (director das Oficinas de S. José :1940-46) e no Estoril (professor e confessor na casa de formação: 1946-69). Os aspirantes, que o consideravam como pai, sentiam-se atraídos não tanto pela força das suas palavras (falava até com dificuldade), quanto pela bondade do seu coração.

P António Ragona: n. Udine (Itália), 8.5.1875; † Watsonville (Califórnia), 7.3.1963

Durante os três anos de estágio passados em Braga, Ragona fez render os seus conhecimentos de agricultura no incremento da quinta do colégio. Completa os estudos teológicos em Lisboa, onde é ordenado e, nas Oficinas de S. José, exerce as funções de administrador durante sete anos. De regresso à Itália em 1908, parte para o Brasil em 1909 e, decorridos seis anos, segue para Oakland, onde permanece até à morte, trabalhando entre os emigrantes portugueses no mesmo espírito de doação que caracterizou o apostolado de José Galli, Henrique Ferreira e Cândido Ribeiro de Castro. Condecorado pelo Governo português.

P Luís Maffini: n. Gavirate (Itália), 27.8.1875; † Porto, 31.1.1965

Fez o estágio em Braga e simultaneamente os estudos teológicos. Encarregado dos aspirantes no Pinheiro em 1901-02. Ordenado sacerdote em 1903 (Lisboa). Director da Oficina de S. José de Viana do Castelo, de 1904 a 1910. Repatriado em Dezembro de 1910 por

causa da revolução, encontramos-lo de novo em Portugal a partir de 1923. E em Portugal ficou até ao fim dos seus dias, dando-se inteiramente à educação dos rapazes pobres, primeiro nas Oficinas de S. José de Lisboa (1923-27) e depois, e sobretudo, na Oficina de S. José do Porto entre 1928 e 1951 (com a interrupção de 1933-35), ou seja, até à retirada dos salesianos desta instituição, por desinteligências com a Comissão Administrativa. Os restantes anos da sua longa e fecunda vida passou-os, como confessor, no aspirantado de Mogofores (1951-60) e no Colégio dos Órfãos do Porto (1960-65). Pela sua simplicidade e simpatia irradiante, pela sua capacidade de acolhimento e consagração total aos rapazes das classes mais humildes, o Pe. Luís Maffini deixou atrás de si uma marca indelével. Condecorado pelo Governo português.



P Francisco Olobardi: n. Serravezza (Itália), 24.12.1874; † Lisboa, 9.8.1925

Procedente de El Salvador, trabalhou em Braga (1902-05), Angra do Heroísmo (1905-07), Viana do Castelo (1907-09) e Porto (1909-10). Após o interregno da Iª República, voltou da Itália para a reabertura da Oficina de S. José do Porto (1922). Decorrido apenas um ano, teve de suspender as actividades por causa da doença que, desde há muito, o minava e que aceitou com admirável espírito de fé.

S Manuel Joaquim Pereira de Macedo: n. São Pedro de Ordães (Braga), 12.4.1886; † Lisboa, 7.2.1905

Terminado o noviciado, foi atingido por uma doença que em três anos o vitimou. Tinha 18 anos de idade. A maneira como, à luz da fé, soube encarar o sofrimento e a morte, impressionou profundamente os companheiros e os superiores que viram nele um exemplo magnífico de edificação cristã.

S Marcelo Ferrari: n. Melarolo-Como (Itália), 7.4.1877; † Lisboa, 2.5.1903

Entrou, já professor, na casa do Pinheiro em 1898, como professor e assistente dos noviços. A prolongada doença que lentamente lhe foi minando o organismo considerou-a ele como um meio providencial de purificação e apostolado silencioso. O aumento de vocações consagradas e o desenvolvimento da província eram intenções que tinha constantemente presentes no seu calvário. Calvário que terminou em 2 de Maio de 1903, tinha então 26 anos. Houve quem comparasse a vida de Marcelo Ferrari à de outro jovem salesiano que se santificou em condições idênticas e que ele se propôs imitar: o venerável André Beltrami.

L José Reviglio: n. Novara (Itália), 20.9.1865; † Lisboa, 14.3.1936

Embora por pouco tempo (1907-10), deu em Lisboa um contributo valioso nas artes da encadernação e da música, antes de deixar Portugal em 1911. Mas voltaria em 1920. Durante vários anos, após a reabertura das Oficinas de S. José, foi ele o único mestre que animou o sector oficial, à medida que se ia efectuando a recuperação geral da casa. Durante a grave doença que devia levá-lo à morte, oferecia as suas dores e oração, como Ferrari, pelo bem da província.

P José dos Santos: n. Funchal, 17.8.1874; † São Paulo (Brasil), 13.11.1937



Ainda criança acompanha os pais para o Brasil. Ordenado sacerdote em 1901, no fim desse mesmo ano vem para Lisboa na qualidade de primeiro director e redactor-chefe do *Boletim Salesiano* (edição portuguesa, iniciada em Fevereiro de 1902). Inserido na comunidade das Oficinas de S. José, além do seu trabalho específico, dá ainda uma válida colaboração durante três anos como professor e confessor nas duas casas de Lisboa, onde o seu coração bondoso e comuni-

cativo lhe conquista muitos amigos. Em Outubro de 1904 regressa ao Brasil, dando início à sua múltipla e importante actividade em diversas casas e cargos no país irmão.

E Henrique César Fernandes Mourão: n. Porto, 28.11.1877; † São Paulo (Brasil), 29.3.1945



Tal como José dos Santos, Henrique Mourão deixou Portugal ainda criança para se fixar com seus pais em terras de Santa Cruz. E também ele, após o regresso do seu compatriota ao Brasil, vem para as Oficinas de S. José, sucedendo-lhe na redacção do *Boletim Salesiano* e no cargo de confessor, nas duas comunidades de Lisboa (1904-1905), e deixando atrás de si idêntico rasto de estima e amizade. Pouco depois do regresso ao Brasil, em carta ao seu grande amigo Pe. José Maria Coelho, queixa-se do seu precário estado de saúde. Mas o que é certo é que o trabalho por ele desenvolvido - seja como director em diversas casas (especialmente no Liceu Coração de Jesus de São Paulo), seja como bispo nas dioceses de Campos e Cafelândia - foi vasto e de enorme alcance. E mais ainda que pelas muitas e sólidas realizações levadas a cabo, a sua personalidade impôs-se acima de tudo pelo ascendente moral e pelo jeito humano e sobrenatural com que sabia encaminhar as pessoas para Deus.

P Estêvão Heugebaert: n. França (1877); † Tunes (África do Norte), 5.8.1952

Procedente de Orão, donde teve de sair devido às leis anticlericais de Waldeck-Rousseau e Combes, veio para Portugal, com o seu compatriota Paulo Hennaert, em fins de 1903. Em 1904 funda e organiza nas Oficinas de S. José uma pequena tipografia, embrião da que viria a ser a prestigiada escola de artes gráficas. Em Outubro de 1907 é enviado para os Açores (Orfanato João Baptista Machado em Angra), onde sucede, como director, a Luís

Sutera em 1908. Ausente de Portugal durante mais de vinte anos, regressa para assumir a direcção da Oficina de S. José do Porto (1933-35).

P Pedro Vicente da Silva Morais: n. Lisboa, 26.11.1884; † Lisboa, 24.10.1975

A vida deste salesiano encontra-se repartida por muitas paragens, dentro e fora de Portugal: Lisboa, Braga, Viana do Castelo, Angra do Heroísmo, Évora, Vigo, Orense, Sevilha, Málaga, Utrera e Turim. De todas, foi Évora a que mais tempo usufruiu da sua presença e mais lhe ficou a dever. Em 1897 entra, como aluno, nas Oficinas de S. José, ainda na Rua do Sacramento à Lapa, onde cedo se inicia na música, que será uma das paixões da sua vida. Inteligência lúcida, faz com brilho o noviciado e o curso filosófico no Pinheiro e, a seguir à implantação da República, o curso teológico em Itália e Espanha. Em 1920, reaberta a casa das Oficinas de S. José, aí o encontramos colaborando na obra de reconstrução da província. Alguns anos depois de ordenado sacerdote (1923), parte para Évora (1928) e é sobretudo aqui que, durante 32 anos, desenvolve as mais variadas actividades, principalmente a de mestre de música (neste capítulo a sua arte estendia-se à construção de instrumentos musicais vários). Temperamento voluntarioso, o seu talento e habilidade



Da esquerda para a direita:
P. Leite, P. Morais

sentiam-se à vontade nas mais variadas áreas, especialmente no campo das artes e das ciências, com destaque para a música e para a radiestesia. Nesta, o seu nome tornou-se notório dentro e fora do país. Condecorado pelo Governo português.

P Francisco Leite Pereira: n. Mosteiro (Braga), 22.9.1886; † Évora, 10.2.1974

A revolução de 1910 obriga-o a concluir os estudos teológicos no estrangeiro (Itália e Espanha), sendo ordenado presbítero em Sevilha em 1919. Após o interregno e a reabertura das Oficinas de S. José de Lisboa, encontramos-lo aqui como professor e director de estudos (1920-26). Em 1927 inicia em Évora o período mais difícil e talvez o mais fecundo da sua vida apostólica entre os rapazes da rua: 1927-41. Lutando dia a dia pela sobrevivência, num meio declaradamente hostil, nem as mais duras privações nem os maiores obstáculos lhe enfraqueceram a ténpera. Esta mesma dedicação e espírito de sacrifício vão acompanhá-lo no trabalho missionário em Cabo Verde (1943-50) e Moçambique (1952-71). De novo em Évora, aqui termina os seus dias (1974) este extraordinário salesiano de humaníssima simplicidade e bondade.

L António Machado: n. Palmeira (Braga), 17.3.1886; † Lisboa, 27.10.1938

Desenvolveu uma actividade notável como missionário em Moçambique (1908-13) e no Brasil (1913-28). De regresso a Portugal beneficiaram do seu trabalho de professor e educador as casas de Évora (1930-31) e Estoril (1932-38).

P José da Silva Lucas: n. Cabanelas (Braga), 28.3.1888; † Lisboa, 26.10.1951



Obrigado a partir para o exílio, completou a teologia em Itália e, logo a seguir à ordenação (1912), foi convidado a ir para Macau, onde durante 15 anos trabalhou arduamente, exercendo diversos cargos, incluindo o de director. O seu trabalho estendeu-se à missão de Seak-Kei, integrada na diocese de Macau. De regresso

ao continente, dirigiu diversas casas, apesar da saúde combalida. Distinguiu-se ainda no campo musical. Simpática figura de homem e de salesiano.

P Carlos Frigo: n. Itália, 1889; † Forlì (Itália), 15.4.1976



Como ele próprio escreve nas suas memórias relativas à “fundação da casa de Évora”, em que foi protagonista nos primeiros embates (as memórias são datadas de Forlì, 14.12.1961),

o Pe. Carlos Frigo antes de 1926 tinha já passado por diversos países ou regiões: Brasil, Macau, China, Califórnia. Na altura em que foi enviado para Portugal (fins de Dezembro de 1925, ficando em Lisboa até Abril de 1926), preparava-se para regressar à China. Em Évora esteve apenas uns três meses (Abril-Julho de 1926), mas foi o tempo suficiente para nos revelar a alma apostólica deste benemérito salesiano, experimentando em cheio as primeiras reacções do anticlericalismo local e conseguindo ao mesmo tempo entrar no coração dos rapazes e da gente humilde do povo.

L Aquiles Marchetti: n. S. Michele-Faenza (Itália), 19.10.1887; † Arouca, 22.1.1979

Este coadjutor tipógrafo, companheiro de viagem do Pe. Frigo para Portugal, veio para as Oficinas de S. José a fim de repor em funcionamento a tipografia, praticamente destruída. Durante 33 anos, graças particularmente à sua competência e dinamismo, a secção das artes gráficas das Oficinas de S. José reconquistou o nível que a tinha distinguido antes da revolução e aumentou a sua



capacidade tecnológica e formativa. Em 1959 é chamado a instalar e dirigir no Porto uma tipografia para a formação dos futuros mestres salesianos, na casa da Imaculada Conceição. Em 1971 vê-se obrigado a suspender a sua actividade pelo enfraquecimento da vista e passa os últimos anos de vida na comunidade de Arouca. Do profissional que foi mestre Marchetti fala-nos o seu precioso manual *O impressor tipográfico*, em 5 volumes, e as condecorações oficiais que lhe foram atribuídas (1956 e 1965). Da sua salesianidade fala-nos o seu amor ao trabalho que o acompanhou até à morte e fala-nos a maneira exemplar como procurou viver sempre o ideal da vida religiosa.

P José Bernardino Rodrigues: n. Vilar de Cadaval, 31.7.1889; † Manique de Baixo, 20.11.1986

Foi já com 21 anos de idade que se sentiu chamado à vida salesiana. Estávamos em 1910 e a situação criada pelo 5 de Outubro obrigou-o a fazer o aspirantado e as



fases seguintes da sua formação em Espanha, onde ficou até 1924. Ordenado sacerdote em Lisboa (1925), permanece nas Oficinas de S. José até 1930, indo seguidamente para Poiães da Régua. Aqui, além de professor no seminário, desempenha as funções de pároco, com abnegado espírito pastoral, durante 10 anos. De 1943 a 1946 dirige a Escola Agrícola de Semide, partindo em seguida, já com 57 anos, para a missão de Timor. Os 18 anos de intenso trabalho missionário permitem-lhe entrar na alma do povo timorense, através do conhecimento das lendas e costumes, de que nos fala em vários escritos. Destes, foi editado pela Agência Geral do Ultramar o *Rei de Nári*. Entre os livros inéditos são de salientar os dicionários Fataluco-Português, Macassai-Português e Português-Macassai. Regressado das missões quase octogenário, presta ainda vali-

osos serviços em Lisboa (1964-1973) e na casa de formação de Manique (1973-1986), onde faleceu quase centenário. Condecorado pelo Governo português.

P Pedro Rota: n. Lu Monferrato (Itália), 7.6.1861; † Lisboa, 8.8.1931

O nome deste salesiano está mais ligado ao Brasil do que a Portugal. De facto, depois de ter trabalhado vários anos no Uruguai e na Argentina, foi no Brasil que ele desenvolveu em cheio a sua inteligente e prodigiosa actividade, primeiro como director dos colégios de Niterói e Bajé (entre 1888 e 1909) e em seguida como provincial (1909-25). Chamado à Itália para dirigir a província central (1925-30), recebe a incumbência de fazer a visita extraordinária a Portugal em 1928. O relatório da visita apresenta, além de uma análise realista do estado precário da então visitadoria ou quase província portuguesa, um projecto não menos realista e acertado de reestruturação da mesma. Vendo nele a pessoa mais indicada para o efeito, os superiores maiores nomeiam-no superior das casas de Portugal em 1930. Infelizmente uma doença cancerosa, que ele aceitou com admirável paciência e espírito de fé, veio impossibilitá-lo de dar curso ao seu plano, arrebatando-o, passado apenas um ano e meio, às fundadas esperanças que os seus irmãos nele depositavam.



P José Maria Alves: n. Cucujães, 5.4.1903; † Estoril, 12.9.1966



A sua preparação para a vida salesiana fê-la em Espanha e o curso teológico em Itália, seguido da ordenação sacerdotal em 1930. Depois passa a desenvolver as suas actividades (sendo de realçar a musical) em Lisboa (até 1936), no Estoril (até 1941) e, na qualidade de director, na Casa Pia de Évora e nas casas de Mogofores, Funchal, Manique de Baixo e Vendas Novas sucessivamente. Maes-

tro e compositor sempre preocupado pela perfeição, deixou inúmeras e belas composições, na sua maioria sacras, muitas delas inéditas. Como escritor publicou *Páginas da Vida de Nossa Senhora* e uma biografia popular de S. João Bosco, *Sonho e Realidade*.

L Antonino Ferreira: n. Santa Luzia (Funchal), 6.7.1887; † Lisboa, 14.11.1966

Mais um português que, tendo ido em pequeno para o Brasil, aí se fez salesiano. Aluno do Colégio de S. Joaquim de Lorena, professor em 1904 e desenvolveu diversas actividades, sobressaindo a de mestre de música, em Lorena, Niterói, Lavrinhas e particularmente em Campinas. Entre 1930 e 1940 esteve em Turim como redactor-chefe do *Boletim Salesiano* (edição portuguesa) e entre 1940 e 1949 em Lisboa (Oficinas de S. José), colaborando na mesma revista, agora editada em Portugal. Novamente no Brasil até 1960, pede para regressar a Lisboa e aqui passa o resto dos seus dias como contabilista e professor.

P Hermenegildo Carrà: n. Quargneto-Alessandria (Itália), 5.2.1888; † Monte Oliveto-Pinerolo (Itália), 11.7.1969

Logo a seguir à ordenação sacerdotal (1913), parte para as missões do Mato Grosso, às quais dedica o seu entusiasmo, quer como simples sacerdote, quer como director e provincial, até



1935. Nesta data é chamado a dirigir as casas salesianas de Portugal, que formavam então uma visitadoria, e aqui permanece até 1949, primeiro como visitador (até 1938) e depois como provincial. No período em que o Pe. Carrà esteve à frente da província portuguesa (14 anos), esta alcançou um desenvolvimento digno de nota: o número de casas subiu de 5 para 11 e o número de efectivos subiu de 71 para 208, bastantes dos quais chamados de diversas nações, e foi relançada a acção mis-

sionária em Timor, além de uma fundação em Cabo Verde e outra em Goa. A ele se deve também, em boa parte, a vinda das Filhas de Maria Auxiliadora para o nosso país. O Pe. Carrà, que saiu de Portugal em 1949 e a ele se manteve afectivamente muito ligado pela vida fora, deixou entre nós a imagem de um homem bondoso, paternal, optimista e solícito em promover constantemente a fidelidade à regra e ao fundador.

P Humberto Pasquale: n. Vignolo Borbera (Itália), 1.9.1906; † Rivoli (Turim), 5.3.1985

Era diácono quando chegou a Portugal em 1934. No ano seguinte é ordenado sacerdote em Lisboa. «Nas diversas casas por onde passa [Lisboa, Estoril, Mogofores, Porto], o Pe. Humberto é um vulcão de iniciativas» (*In memoriam*), particularmente no que respeita a situações de miséria e abandono juvenil, à imprensa e à catequese (é ele o fundador das “Edições Salesianas” do Porto). Abre a casa de Mogofores em 1938, para onde é transferido o noviciado, cuja direcção assume acu-

mulando as funções de mestre (até 1945). Apaixona-se pelo fenómeno Fátima, contactando de perto com a Irmã Lúcia, e escrevendo um livro sobre o assunto: *Eu vi nascer Fátima*. Entra também em contacto com a mística Alexandrina da Costa, que dirige espiritualmente durante 11 anos e de quem escreve uma bio-



grafia, traduzida em várias línguas (é ele que inicia a causa de beatificação desta distinta cooperadora salesiana). O seu trabalho no campo da catequese, sobre a qual publica várias obras, vai continuá-lo e intensificá-lo, a partir

de 1948, no Centro Catequético Salesiano de Turim, durante o resto da sua vida, uma vida totalmente consagrada ao serviço da Mensagem.

SEGUNDA PARTE

APÓS A RESTAURAÇÃO

(1940-1994)

CAPÍTULO III

PRESENÇA SALESIANA NO CONTINENTE E NAS ILHAS

A - ESCOLAS E SEU PERCURSO EVOLUTIVO

Desde os primórdios até meados do século XX os salesianos da província portuguesa canalizaram quase todas as suas energias para as escolas de artes e ofícios, além da atenção dada paralelamente aos oratórios festivos. À parte a crítica que lhes possa ser feita por não se terem aberto a outros níveis de ensino, o trabalho realizado no campo da formação profissional foi de tal modo significativo que seria injusto ignorá-lo ou minimizá-lo.¹

Se comparada com as realizações anteriores e contemporâneas levadas a cabo pelas escolas técnicas do Estado, a actuação dos salesianos oferece uma clara vantagem relativamente à metodologia seguida. Apesar dos esforços empreendidos desde Passos Manuel (1836) no sentido de melhorar progressivamente o ensino profissional no nosso país, os frutos almejados ficaram longe de ser atingidos devido ao desequilíbrio entre a teoria e a prática. O programa das escolas industriais criadas por António Augusto de Aguiar em 1834 dava um excessivo desenvolvimento à parte teórica em detrimento da aplicação prática. E, já nos inícios do século XX, António Arroio apresentava este desfasamento, juntamente com a limitada frequência de alunos, como um dos factores da reduzida eficácia do ensino industrial.²

Continuava, pois, a verificar-se o não cum-

¹ «Em 1908 [propriamente em 1909], sendo nomeado bispo de Beja, o Pe. Sebastião Leite de Vasconcelos confiou a sua obra [Oficina de S. José do Porto] aos Padres Salesianos que, já desde fins do século XIX, dirigiam as Oficinas de S. José de Lisboa e [o Colégio de S. Caetano] de Braga, sendo ainda hoje [1978] notável a sua acção no domínio da formação profissional» (J. P. GOMES, "Escolas industriais e comerciais no século XIX", in *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1978, 89).

² Cf. J.M. Amado MENDES, "Sobre as relações entre a indústria portuguesa e a estrangeira no século XIX", in *Análise Social*, 61/62, 2ª série, 1980, 1º e 2º, 48s.

primento de uma das medidas apontadas por António de Oliveira Marreca, em 1848, para garantir o desenvolvimento industrial do país: «a generalização de escolas de artes e ofícios e de ciências de aplicação que desçam das vagas regiões da teoria ao terreno da prática».³

Ora nas suas escolas os salesianos tiveram sempre a preocupação de que o ensino teórico das artes e ofícios fosse equilibradamente acompanhado da correspondente prática oficial, conscientes de ser este o caminho certo para se conseguirem operários verdadeiramente qualificados.

A partir da década de 60 o ensino técnico tradicional (que constituía o pólo das atenções dos salesianos no nosso país) começa a sentir uma acentuada queda nos países mais industrializados, motivada por factores de vária ordem, sendo de salientar o avanço das tecnologias de ponta e o aparecimento de grandes empresas fabris que puseram em crise esse tipo de ensino (escolas de artes e ofícios). Entre nós, muitos dos alunos que tinham obtido a sua carteira profissional ingressavam depois em liceus que não lhes reconheciam os estudos já feitos, vendo ir por água abaixo os frutos da escola técnica, cujos mestres, por seu lado, se sentiam igualmente desencorajados na sua acção formativa. Daí que o ensino técnico-profissional tivesse de ser repensado. A reforma Veiga Simão veio dar-lhe o golpe de misericórdia.

O desaparecimento do ensino técnico-profissional trouxe consigo um gradual desaparecimento dos internatos e um acentuado aumento de alunos externos. Algumas escolas salesianas sofreram uma mudança profunda:

³ Cit. por João B. SERRA, "Em defesa dos 'interesses industriais' - António de Oliveira Marreca (1948-49)", *ibid.*, 57.

as antigas oficinas e camaratas foram transformadas em salas de aulas. Aumentou o número de alunos (nas Oficinas de S. José de Lisboa, por exemplo, os alunos triplicaram) e houve necessidade de, conseqüentemente, recorrer a professores externos, o que, por si, representa um enriquecimento, visto permitir uma acção pedagógica mais abrangente do que no caso de esta ser apenas exercida por clérigos ou religiosos.

Apesar das transformações sofridas, a escola salesiana continua a ser muito procurada pela confiança que as famílias nela depositam. Surge neste contexto uma situação nova. À parte as classes primárias e em alguns casos o antigo ciclo preparatório (actualmente o 2º ciclo do ensino básico), as escolas salesianas só admitiam rapazes. Mas, atendendo à grande insistência dos pais dos alunos no sentido de estas se abrirem ao sector feminino, hoje quase todas têm coeducação.

Estes factos vieram modificar a fisionomia tradicional das escolas salesianas (o que não implica necessariamente desvio do espírito do fundador), nas quais se verificava o predomínio de educadores religiosos e a exclusividade masculina dos educandos, se exceptuarmos as missões. Todavia a absorção do ensino técnico pelo liceal veio pôr um problema de consciência a toda a Congregação, pelo facto de os alunos provenientes das classes mais humildes (os preferidos de D. Bosco) se tornarem uma minoria face à grande maioria proveniente da classe média ou mesmo superior. O apoio às antigas escolas salesianas em Portugal vinha de auxílios prestados por particulares, muitas vezes gente anónima.

As circunstâncias modificaram-se radicalmente. Hoje é necessário que cada casa disponha de meios próprios para subsistir. Diga-se, no entanto, que a beneficência a favor de muitos alunos, vindos de famílias com dificuldades económicas, continua a ser uma realidade.

Os últimos Capítulos Gerais da Congregação, desde 1965, têm vindo a debruçar-se sobre o problema, em ordem a evitar que se perca ou obnubile a preocupação pelos “mais pobres e abandonados”, reafirmada no texto

das Constituições renovadas (1984): “Somos evangelizadores dos jovens, especialmente dos mais pobres” (art.6).

À força da tradição do ensino técnico na Sociedade Salesiana está hoje a dever-se um esforço de recuperação do mesmo em diversos países. Na província portuguesa são de registar algumas concretizações significativas em Vila do Conde (Escola Profissional de Santa Clara, que nunca perdeu, aliás, o seu carácter profissional), no Porto (Colégio dos Órfãos), em S. Vicente de Cabo Verde e em Moçambique.

A escola salesiana hoje, como sempre, não é apenas um local onde se ministra o ensino estabelecido pelo Ministério. Poder-se-ia dizer que, paralela à escola, há uma outra escola onde o rapaz ou rapariga pode desenvolver outras dimensões da sua personalidade: a música, a dança, o desporto, o associativismo, a catequese..., são áreas que podem enriquecer a sua formação.

Uma grande percentagem dos que frequentam as casas salesianas passam lá de dez a doze horas por dia, o que permite aos pais estarem nos seus afazeres com uma grande tranquilidade em relação não apenas à segurança dos filhos como também ao facto de saberem que estes estão bem ocupados e assistidos.

As condições sociais do nosso tempo mudaram imenso em relação ao século passado. Se D. Bosco vivesse hoje, talvez se preocupasse em grande medida pela ocupação dos tempos livres de muitos jovens com horários escolares só de manhã ou só de tarde e às vezes com uma tal irregularidade que ficam entregues a si mesmos e sem saber como ocupar tantos espaços de tempo. E é nestas circunstâncias que muitos jovens se esvaziam ou contraem vícios depois difíceis de eliminar.

Um dos grandes problemas com que actualmente se defrontam as escolas salesianas, sobretudo nas grandes cidades, é a admissão de filhos de pais separados. Estes, ordinariamente, passam a viver com a mãe que, por imposição do tribunal, recebe uma mensalidade do ex-marido. Mas a breve trecho tal obri-

gação é esquecida e é então sobre a mãe que, geralmente, recai a responsabilidade de satisfazer as mensalidades dos filhos, esperando muitas vezes que a escola lhe ajude a resolver o problema. Não são poucos os casos em que ambos, depois de algum tempo de separação, “arranjam” a sua vida, casando de novo e sendo os filhos do primeiro casamento entregues aos cuidados dos avós. Depara-se-nos assim um novo tipo de pobreza - mais perniciosa que a económica - que atinge muitos dos nossos alunos.

Hoje a província portuguesa tem, dentro do espaço europeu, nove escolas com cerca de 7.000 alunos, dando várias delas acesso directo à universidade.

Escolas reestruturadas ou de recente fundação

1. Colégio Oficinas de S. José (Lisboa)



Oficinas de S. José: lado norte

O tipo de escola profissional, empenhada em dar uma sólida formação teórica e prática aos seus alunos, caracteriza as Oficinas de S. José desde os primórdios, com a pausa forçada de 1910-1920, até mais ou menos ao 25 de Abril de 1974. A partir daí e sob o novo regime político, o ensino industrial (e comercial durante algum tempo) desaparece por completo.

Pouco a pouco vai-se reduzindo o internato - que existia em função dos aprendizes - e o ensino torna-se exclusivamente liceal. Por isso a vetusta instituição do Alto dos Prazeres (internato para a formação de aprendizes) passa

a designar-se Colégio Oficinas de S. José (1977) e a funcionar em regime de externato, voltado para os alunos do ensino secundário, em coexistência com os do ensino básico (o mesmo acontecendo com a maior parte das outras escolas salesianas). A sua capacidade ambiental aumenta consideravelmente com a remodelação do primitivo edifício, agora sem internos, e com novas construções iniciadas em 1964: igreja ao serviço do colégio e da paróquia dos Prazeres confiada à Congregação Salesiana; pavilhão subsidiado em parte pela Fundação Calouste Gulbenkian, frente à Parada dos Prazeres. Esta, por iniciativa do Presidente da Junta de Freguesia de Santo Condestável (antigo aluno das Oficinas de S. José), toma o nome de Praça S. João Bosco em 1982, em homenagem ao grande educador e à obra realizada pelos seus filhos em Lisboa ao longo de quase um século. A homenagem é completada pela erecção de uma estátua do santo ao centro da Praça em 1988, centenário da sua morte.

Na parte superior do novo pavilhão ficam instalados, a partir de 1969, os serviços da província (Casa Dom Bosco), sendo a parte inferior destinada à escola: salas de aula para o 5º e 6º anos de escolaridade, Centro de Orientação Profissional e Escolar durante alguns anos, serviços administrativos, cantina (transferida ultimamente para o pavilhão sul) e acolhimento. Outras construções vêm acrescentar-se às precedentes nas décadas de 80/90: ginásio, piscina, remodelação do pavilhão sul (antigas oficinas de marcenaria e mecânica e residência da comunidade).

O Colégio Oficinas de S. José dispõe hoje de invejáveis condições para bem cumprir a sua missão cívica e religiosa, a favor de um número avultado de jovens da capital e vizinhanças.

Alunos (ensino misto): 1.425.

Níveis de ensino: básico: 1º, 2º e 3º ciclos; secundário: 10º (4 agrupamentos), 11º (4 agrup.) e 12º (1º e 2º cursos).

Serviços e actividades circum-escolares: refeitório, alimentação, bar, salas de estudo, piscina, natação, ginásio, posto clínico, auditório, campismo, escutismo, biblioteca, apoio psicológico, visitas de es-

tudo, catequese, línguas estrangeiras, audiovisuais, ginástica, educação física, desporto escolar, desporto federado, judo, ju-jitsu, dança, ballet, escola de andebol, escola de basquetebol, escola de futebol, grupo coral, música instrumental, iniciação musical, clube de matemática, clube de portugueses, informática, boletim informativo (quinzenal).

Mensalidades: completa: 1050; reduzida: 335; gratuitos: 35.

Apoio do ME: contrato simples (190 alunos); apoio do colégio (180).

Os números são aproximados, uma vez que no decorrer do ano aparecem situações novas a atender. Em 1993-94, por exemplo, a beneficência aos alunos rondou os 20.000 contos.

2. Escola Técnica e Liceal Salesiana de S.^o António (Estoril)



Escola Salesiana do Estoril: vista aérea

A obra do Estoril mantém a sua estrutura originária até Janeiro de 1950, ano em que se inaugura o primeiro pavilhão das novas instalações, as quais se vão alargando progressivamente até praticamente aos nossos dias. A seguir a esse pavilhão, destinado aos cursos industrial e comercial (vindo assim a satisfazer-se o desejo da instituidora), surgem o teatro (Dezembro de 1950), a capela (Maio de 1951), as oficinas de mecânica e marcenaria (1953). Além disso o convento é submetido a uma série de remodelações, que lhe afectam a fisionomia original. A operada transformação da escola traz consigo a mudança do nome “Asilo de S.^o António” para “Escola Técnica Salesiana de S.^o António” (alvará de 20 de Novembro de 1950).

A abertura ao ensino liceal, também nos anos 50, explica o alargamento da sua desi-

gnação posterior: “Escola Técnica e Liceal Salesiana de S.^o António”. Os cursos técnicos acabam por desaparecer, em virtude de não se adequarem à zona. A partir dos anos 60 novos aumentos e readaptações, inclusivamente no convento, se efectuam até se completar o complexo escolar que hoje procura servir, com elevada qualidade, a população juvenil da Costa do Sol. É de relevar a importância que adquire o desporto com a construção do pavilhão de hóquei e campo de futebol e o reconhecimento oficial da “Juventude Salesiana” em 1961. Apesar da supressão do ensino técnico, o nome da escola não foi alterado.

Alunos (ensino misto): 1409.

Níveis de ensino: pré-escolar; básico (1.^o, 2.^o e 3.^o ciclos); secundário: 10.^o (1.^o, 2.^o e 3.^o agrup.); 11.^o (1.^o, 2.^o e 3.^o agrup.); 12.^o (1.^o e 2.^o cursos).

Serviços e actividades circum-escolares: refeitório, alimentação, bar, sala de estudo, transportes, ginásio, posto clínico, auditório, campismo, escutismo, biblioteca, apoio psicológico, visitas de estudo, catequese, línguas, audiovisuais, teatro, ginástica, educação física, desporto escolar, desporto federado, aikidô, karaté, patinagem artística, escola de hóquei, dança, ballet, escola de andebol, escola de basquetebol, escola de futebol, iniciação musical, clube de matemática, informática, boletim informativo (quinzenal).

Mensalidades: completa: 1095; reduzida: 300; gratuitos: 14.

Apoio do ME: contrato simples: 300.

3. Externato Oratório de S. José (Évora)



Oratório de S. José: edifício antigo

Esta obra, nascida na maior pobreza e sujeita a enormes provações, chegou até à década de 50 sem que a sua estrutura tivesse sofrido alterações significativas. Ou seja, manteve desde a fundação (1926) a sua índole de

oratório com o complemento da escola primária, frequentados aquele e esta por crianças e jovens dos mais pobres da cidade. Graças a alguns generosos benfeitores, dentre os quais emerge a figura do conde de Vil'Alva, tornou-



Oratório de S. José: edifício novo

-se possível substituir as humildes instalações das origens por um novo edifício, inaugurado em 1949, que permite o alargamento do ensino ao 1º ciclo liceal.

Segue-se a igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (1965), transformada em paroquial em 1966. Em 1992 começa a construção de um moderno e arrojado complexo escolar, com a participação do Programa de Desenvolvimento Escolar para Portugal (PRODEP). Em 31 de Janeiro de 1994 é inaugurada a 1ª fase, que vai permitir a extensão do ensino secundário até à entrada na universidade, com a componente profissional.⁴

Alunos (ensino misto): 507.

Níveis de ensino: básico (1º, 2º e 3º ciclos).

Serviços e actividades circum-escolares: refeitório, bar, sala de estudo, ginásio, auditório, escutismo, biblioteca, visitas de estudo, catequese, línguas, audiovisuais, teatro, ginástica, educação física, desporto escolar, judo, música instrumental, iniciação musical, clube de comunicação social, boletim informativo.

Apoio do ME: contrato simples.

⁴ Uma nota relacionada com a revolução de Abril. O Oratório de S. José de Évora foi assaltado em Junho de 1975 por elementos afectos aos partidos da UDP e da FEC (m.l.), em protesto contra uma reunião de vinte elementos do Partido da Democracia Cristã, autorizada legalmente, a qual teve lugar numa das salas da escola. Solicitada a intervenção das Forças Armadas, estas acudiram e, como "medida de protecção", conduziram o grupo do PDC e o director da casa ao Quartel General. Mas a chegada ao quartel, a dois passos do Oratório, só se deu depois de o carro ter passado as pessoas que levava pelas ruas principais da cidade, expondo-as aos vexames da plebe. (Cf. "Crónica do Oratório de S. José de Évora", 1975).

4. Colégio dos Órfãos de Nossa Senhora da Graça (Porto)

Fundado pelo Pe. Baltazar Guedes em 1651, este colégio-internato funciona desde 1903 no actual edifício, antigo seminário que, reduzido a ruínas, deve a restauração à Câmara Municipal do Porto, sua proprietária. Em Setembro de 1951 a Câmara confia a direcção aos salesianos, mediante um contrato que lhes dá "inteira autonomia" no que diz respeito quer à direcção quer à administração simples. Mantém-se o tipo de escola primária e técnica, acrescentando os salesianos às oficinas existentes as secções de mecânica e artes gráficas. Mas, com o evoluir do sistema escolar no país, também aqui o ensino técnico vai cedendo lugar ao ensino liceal.

O Colégio dos Órfãos, além da sua missão específica a nível interno, torna-se um factor importante de irradiação social e apostólica, através de actividades várias que o projectam



Colégio dos Órfãos: vista aérea

no meio ambiente. É o oratório festivo que vai exercendo o seu influxo de transformação, particularmente nos bairros de S. Vítor e das Fontainhas. É o centro de catequese que movimenta e prepara religiosamente centenas de crianças e jovens. É o centro de antigos alunos salesianos, transferido da Oficina de S. José para aqui (depois de ter funcionado por algum tempo na casa das Edições Salesianas), o qual promove iniciativas interessantes de alcance cultural e desportivo, sendo de realçar a modalidade de basquetebol, com projecção nacional.

A partir de 1992 novas perspectivas se abrem, no sentido de repor - em novos mol-

des como é óbvio - o ensino técnico-profissional interrompido duas décadas atrás. Optou-se pelo sector gráfico, introduzindo um curso que põe nas mãos dos finalistas (12º ano) uma carteira profissional, com a qual poderão inserir-se facilmente no mundo do trabalho se não preferirem outras opções. Trata-se do “curso tecnológico de indústrias gráficas e transformadoras do papel”, com a duração de três anos.

Alunos (ensino misto): 640, sendo 65 internos.

Níveis de ensino: pré-escolar, básico (1º, 2º e 3º ciclos); secundário: 10º (1º, 3º e 4º agrup.); 11º (1º, 3º e 4º agrup.); 12º: curso tecnológico de indústrias gráficas e transformadoras do papel.

Serviços e actividades circum-escolares: refeitório, alimentação, bar, sala de estudo, ginásio, posto clínico, biblioteca, apoio psicológico, visitas de estudo, catequese, línguas, audiovisuais, teatro, educação física, desporto, escola de andebol, escola de basquetebol, escola de futebol, grupo coral, música instrumental, iniciação musical, informática, boletim informativo.

Apoio do ME: contrato simples para o ensino básico e secundário e de associação para o curso tecnológico de indústrias gráficas e transformadoras do papel.

Mensalidades: completa: 297; reduzida: 291; gratuitos: 74.

Apoio do CESS: jardim infantil, lar para jovens.

5. Escola Salesiana de Artes e Ofícios (Funchal)



Escola Salesiana: novas instalações

Como vimos no capítulo I, os salesianos fizeram chegar a sua acção educativa às ilhas adjacentes logo no princípio do século, começando pela cidade de Angra do Heroísmo, nos Açores. Apesar do pouco tempo que ali se mantiveram, a acção desenvolvida deixou fun-

das raízes, de tal modo que os salesianos repetidas vezes têm sido instados a voltar e dirigir de novo os destinos do mesmo Orfanato João Baptista Machado. Estão actualmente em fase adiantada as negociações neste sentido.

A iniciativa de chamar os salesianos para a Madeira partiu do bispo D. Manuel Agostinho Barreto (1896). Em 1900 o provincial Pedro Cogliolo deslocou-se ao Funchal para se inteirar das condições ambientais. Em 1925 o cooperador salesiano Pe. Laurindo Leal Pestana, apoiado por D. António Manuel Pereira Ribeiro (sucessor de D. Manuel Agostinho Barreto) e um grupo de amigos, inicia as suas diligências no sentido de levar os salesianos a aceitar a direcção da Escola de Artes e Ofícios, por ele fundada em 1921. Em 1942 os padres José da Silva Lucas e Francisco Leite Pereira visitam a escola e, em exposição ao provincial, emitem parecer favorável à aceitação da fundação funchalense.

Com a entrada dos salesianos em 1950, a obra - de proporções modestas - alarga-se até se transformar num amplo estabelecimento de ensino, primeiro na linha do seu passado técnico-profissional e assumindo depois a orientação liceal (1952). As obras de ampliação começam em 1958, sendo inaugurado o novo edifício em 1960, seguido da igreja no ano seguinte. Graças à generosa beneficência dos funchalenses, foi possível levar a cabo em tão pouco tempo esse empreendimento, cujos efeitos benéficos se fazem sentir em toda a ilha. Entre os benfeitores insignes é justo destacar os nomes de Amélia Bianchi Giorgi e Maria Gertrudes Acciaiuoli, bem como o apoio do Ministério das Obras Públicas e da Fundação Calouste Gulbenkian

Alunos (ensino misto): 668.

Níveis de ensino: básico (1º, 2º e 3º ciclos).

Serviços e actividades circum-escolares: refeitório, alimentação, bar, sala de estudo, ginásio, posto clínico, biblioteca, visitas de estudo, catequese, audiovisuais, teatro, educação física, desporto escolar, desporto federado, judo, escola de futebol, música, grupo coral.

Apoio da Secretaria Regional de Educação: contrato de associação.

6. Escola Profissional de Santa Clara (Vila do Conde)



Ao ser entregue à direcção dos salesianos em 1944, o antigo reformatório de Vila do Conde tomou o nome de Escola Profissional de Santa Clara, para evocar o passado conventual do edificio (convento de clarissas) e sobretudo para eliminar do estabelecimento a nota pouco simpática de instituição correcional. Este tipo de rapazes, cujo cadastro os distinguia dos rapazes a que normalmente os salesianos se dedicavam e dedicam, representou uma experiência nova para a Congregação em Portugal. Experiência que, aliás, se tem mostrado globalmente positiva até hoje, atendendo aos resultados pedagógicos e promocionais alcançados quanto à maioria dos alunos que, após a sua qualificação profissional, se vêm integrando perfeitamente na sociedade.

A escola viu melhorada a sua situação na década de 80, com as importantes obras de beneficiação das oficinas (novas instalações e moderno equipamento tecnológico), a construção de amplos balneários e de um campo de futebol. A partir de inícios da década de 90 os alunos passam a frequentar as escolas oficiais da cidade, e o oratório festivo ganha um notável incremento com a colaboração dos noviços que de Vilarinho-Macieira aqui se deslocam todos os domingos.

Alunos (masculino): 100, todos internos.

Níveis de ensino: básico (1º e 2º ciclos); iniciação profissional - aprendizagem.

Serviços e actividades circum-escolares: refeitório, alimentação, bar, sala de estudo, natação, posto clínico, campismo, biblioteca, apoio psicológico, visi-

tas de estudo, catequese, audiovisuais, teatro, educação física, desporto, grupo coral, iniciação musical.

Apoio do Ministério da Justiça: manutenção integral.

7. Colégio Salesiano Sagrado Coração de Jesus (Poiares da Régua)

Só ultimamente é que esta casa passou a ser colégio (alvará de 1980), semelhante a qualquer outro dos até aqui mencionados. Desde que abriu em 1924, funcionou sempre como aspirantado ou seminário menor e quando reabriu em 1975 foi já num outro local mais desafogado e num edificio mais amplo e funcional. O antigo seminário (Vila do Arcebispo) foi restaurado e transformado numa obra social (sob a gerência dos salesianos), dedicada à memó-



Colégio Salesiano de Poiares: novas instalações

ria do grande arcebispo e em benefício da freguesia: Centro Social D. Manuel Vieira de Matos (1982).

Com a passagem de seminário para colégio, ao mesmo tempo que houve a preocupação de servir a juventude estudantil daquela zona duriense, procurou-se assegurar no projecto educativo a orientação vocacional como um dos objectivos essenciais a atingir, de acordo com o passado do estabelecimento.

Alunos (ensino misto): 372, sendo 150 internos.

Níveis de ensino: básico (2º e 3º ciclos).

Serviços e actividades circum-escolares: refeitório, alimentação, bar, sala de estudo, ginásio, posto clínico, campismo, escutismo, biblioteca, apoio psicológico, visitas de estudo, catequese, línguas, audiovisuais, teatro, cinema, ginástica, educação física, desporto escolar, escola de andebol, escola de futebol, escola de basquetebol, dança, grupo coral, música instrumental, iniciação musical, informática, boletim informativo (quinzenal).

Mensalidades (internos): completa: 120; reduzida: 28; gratuitos: 2.

Apoio do ME: contrato de associação.

8. Colégio Salesiano S. João Bosco (Mogofores - Anadia)



Tal como a de Poiares da Régua, só recentemente é que a casa de Mogofores, fundada em Setembro de 1938 com o nome de Instituto S. João Bosco, deixou de ter a sua especificidade vocacional (aspirantado e, durante 15 anos, noviciado).

A transformação deste aspirantado em colégio (alvará de 1975), aberto à população da Bairrada, obedeceu ao mesmo critério que imperou no redimensionamento da casa de Poiares da Régua: manter, entre os objectivos do projecto pedagógico, o de uma séria orientação vocacional.

Alunos (ensino misto): 230.

Níveis de ensino: básico (2º e 3º ciclos).

Serviços e actividades circum-escolares: refeitório, alimentação, bar, sala de estudo, ginásio, posto clínico, campismo, biblioteca, apoio psicológico, visitas de estudo, catequese, línguas, audiovisuais, teatro, ginástica, educação física, desporto escolar, grupo coral, música instrumental, iniciação musical, informática, boletim informativo (quinzenal).

Mensalidade: completa (4 internos);

Apoio do ME: contrato de associação.

9. Escola Salesiana S. Paulo (Manique de Baixo - Cascais)

Em 1953 abria a casa de Manique de Baixo para acolher os noviços, vindos de Mogofores, e os estudantes de filosofia, vindos do Estoril. O edifício tinha acabado de ser construído numa quinta do Carrascal (à saída de Manique para Trajouce), doada por Carolina de Sousa Lara. A doadora, apoiada pela mãe, Ana de Sousa Lara, contribuiu ainda para que a construção fosse levada a cabo no espaço de um ano.

Os salesianos tiveram logo de início a preocupação de servir as populações da zona mediante oratório festivo, alfabetização de adultos e sessões de catequese distribuídas por várias aldeias circunvizinhas. No princípio da década de 70 começam a concretizar uma outra iniciativa de promoção cultural: a telescola. Esta, por sua vez, dá origem à actual escola secundária (1981), apoiada pelo Ministério da Educação, mediante o contrato denominado “contrato de associação”. As novas e amplas



Escola S. Paulo de Manique: vista aérea

instalações inauguradas em Março de 1994 formam, juntamente com a parte já existente, um complexo escolar que satisfaz os requisitos da modernidade e da funcionalidade.

Alunos (ensino misto): 1.593.

Níveis de ensino: básico (2º e 3º ciclos); secundário: 10º (1º, 3º e 4º agrup.); 11º (1º, 3º e 4º agrup.); 12º (1º e 2º cursos).

Serviços e actividades circum-escolares: refeitório, alimentação, bar, sala de estudo, transportes, escuteiros, apoio psicológico, visitas de estudo, catequese, audiovisuais, teatro, desporto escolar, música instrumental, iniciação musical, informática, boletim informativo.

Apoio do ME: contrato de associação.

Escolas encerradas

Desde que retomaram as actividades em 1920, após o interregno da Iª República até ao presente, os salesianos deixaram a direcção de seis escolas por razões de ordem diversa.

1. Oficina de S. José, Porto (1922-51)

Tendo reassumido a direcção desta casa em 1922, os salesianos viram-se obrigados a deixá-la em 1951 por não terem conseguido entender-se com a Comissão Administrativa.

2. Escola Agrícola, Semide (1938-47)

A saída dos salesianos de Semide deveu-se também à falta de entendimento entre eles e a Junta de Província da Beira Litoral.

3. Casa Pia Masculina, Évora (1941-50)

Tal como acontecera com o Oratório de S. José, foi a instâncias de D. Manuel da Conceição Santos (e a contento das autoridades civis) que em 1941 os salesianos assumiram a direcção da Casa Pia Masculina de Évora. A Casa Pia de Évora, instalada no antigo Colégio do Espírito Santo da Companhia de Jesus, deve a sua fundação (1836) a António José d'Ávila, administrador geral do distrito e mais tarde duque d'Ávila e Bolama. O estabelecimento ministrava nessa altura aos internados instrução primária e industrial. Em 1946 é introduzido o ciclo preparatório e, a partir daí, o ensino industrial começa a ser melhorado, sobretudo no sector da prática oficial. Mas, ainda antes de terminar a década, as relações entre a Provedoria e o Governo Civil e a direcção salesiana entram em estado de tensão, provocando a saída dos salesianos em 1950.

4. Colégio S. Domingos Sávio, Vendas Novas (1956-74)

Mais uma vez o arcebispo de Évora, D. Manuel da Conceição Santos, bate à porta dos salesianos em ordem à fundação de uma obra social a favor da juventude de Vendas Novas. Já anteriormente o Pe. Cruz pensara nos salesianos, esperançado em que eles pu-

dessem contribuir para a morigeração juvenil daquele meio descristianizado. Começou-se por um oratório festivo em 1947.



Colégio e Igreja S. Domingos Sávio: Vendas Novas

Em 1952 tem início a construção de um colégio, levada a termo, no meio de enormes sacrifícios, em 1956. Para o empreendimento contribuíram Ernestina Morgado Henriques (terreno), o Ministério das Obras Públicas (12%) e a mão providente do benemérito arcebispo eborense. Aos alunos (internos e externos) que procuram este colégio são proporcionados os seguintes níveis de ensino: instrução primária, ciclo preparatório e curso geral dos liceus. Após o 25 de Abril de 1974, e por insistência da Câmara Municipal, os salesianos entram em entendimento com o Ministério da Educação e as instalações são cedidas (mediante acordo de arrendamento) para a escola secundária local, até esta dispor de instalações próprias. O edifício é restituído à Congregação em 1993, ficando ao serviço da paróquia S. Domingos Sávio.⁵

5. Escola Profissional de Santo António, Izedá - Bragança (1960-77)

Em 1960 os salesianos tomaram à sua conta uma segunda casa de reeducação, a Colónia Correccional de Izedá, que passou a designar-se "Escola Profissional de Santo António". A ideia de fundar um estabelecimento de educação e ensino nesta terra transmontana remonta a 1906/07, ideia que, tendo partido dos missi-

⁵ Os salesianos de Vendas Novas, embora menos que os de Évora, foram objecto de algumas humilhações no Verão Quente de 1975. Têm continuado a trabalhar na vila, desenvolvendo actividades de ordem pastoral.

onários do Coração de Maria aqui residentes, não chegou a concretizar-se devido à expulsão destes em 1910. Mas renasceu e concretizou-se mais tarde com a fundação de uma escola correcional em 1920.

Quando os salesianos aceitaram a proposta da Direcção Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores (1951), acordou-se entre outras coisas na construção de novas instalações na propriedade da "Manga", a oitocentos metros da povoação. Segundo os termos do acordo, renovado em 1961, a entrega do estabelecimento à província portuguesa era feita "em regime de cooperação e simples administração". Durante os dezassete anos de presença salesiana em Izeda, as relações entre as duas entidades foram sempre de bom entendimento. A saída dos salesianos em 1977 está ligada ao plano de reestruturação das obras, pedido pelo Capítulo Geral Especial da Congregação a todas as províncias (1970-71).

6. Colégio Salesiano, Arouca (1960-82)

Foi em 1947 que um grupo de arouquenses, entre os quais o Dr. José Dias, dirigiu aos salesianos um convite para ali se instalarem, concretamente numa parte do antiquíssimo e famoso mosteiro beneditino da localidade, depois das necessárias obras de restauro. Aceite o convite, estas começaram de facto, mas prosseguiram lentamente, de modo que só em 1960 se tornou possível dar início à obra salesiana em Arouca. Esta obra assumiu a princípio as características de um centro de orientação vocacional, também chamado na altura aspirantado, que se prolongou até 1975, passando então para Poiães da Régua.

O aspirantado deu lugar ao Colégio Salesiano para alunos do ciclo preparatório, que esteve ao serviço da população até 1982. Como a partir daí se julgou desnecessário, por ter surgido uma escola oficial, os salesianos resolveram sair de Arouca, transferindo o noviçado, que ali funcionava desde 1976, para Vilarinho de Vila do Conde. Entretanto uma ligação estreita com os arouquenses tem vin-

do a manter-se através da Associação dos Cooperadores Salesianos, de um centro juvenil e de encontros periódicos orientados por algum salesiano.

7. Menciona-se ainda o Lar Universitário D. Dinis, Lisboa (1964-66)

Confiado aos salesianos em 1964, estes deixaram-no passados apenas dois anos, por determinação do provincial Pe. Benedito Nunes.

B - ORATÓRIOS FESTIVOS OU CENTROS JUVENIS

1. D. Bosco e os oratórios

O oratório das origens, encarnação de uma pedagogia

D. Bosco começou por entrar no mundo juvenil, como educador, lançando mão de uma forma institucional muito em voga na Itália do seu tempo (e que remonta ao século XVI): o "oratório". Tal instituição vinha a ser um centro paroquial ou interparoquial de doutrina e vida cristã para crianças, adolescentes e jovens, de bom comportamento, ocupando-os durante uma parte do domingo, de manhã ou de tarde (raras vezes todo o dia). Habitualmente, além da doutrina, havia espaço para convívio e diversões. D. Bosco imprime-lhe, porém, uma nova fisionomia e dinâmica, acrescentando ao nome consagrado, *oratório*, o adjectivo *festivo*.

Com a designação de "oratório festivo", o educador piemontês quer não apenas significar que se trata de uma actividade desenvolvida aos domingos e dias santos, mas também sugerir que, na mente da Igreja, estes dias devem levar as pessoas a encontrar-se com Deus num clima de festa, Ele que é fonte de alegria. Daí a importância que atribui à expansão lúdica e lúdico-artística, visando mostrar que a religião, longe de ser antipática e sombria, acolhe e promove os valores humanos e fomenta, sobretudo nos jovens, a alegria de viver.

Um espaço aberto de liberdade, alegria e vida familiar

Sobre este pano de fundo, são vários os elementos que distinguem o oratório de D. Bosco dos oratórios tradicionais. Antes de tudo as portas estão abertas não só durante uma parte do domingo, mas durante o dia inteiro, e não só para os meninos de boas famílias e de comportamento correcto, mas para toda a classe de rapazes que livremente queiram entrar, dando até particular atenção aos mais rebeldes e aos mais desenraizados da família. São unicamente excluídos os que possam representar algum perigo sério, físico ou moral, para os colegas. De todos os factores que intervêm no funcionamento do oratório de D. Bosco, o mais importante é a presença amável e contínua do educador, totalmente empenhado em conseguir que os educandos se sintam envolvidos numa atmosfera de família, realidade por muitos deles desconhecida.

É precisamente na criação do clima de à vontade e de família que reside o núcleo da pedagogia e metodologia educativa de D. Bosco. As suas primeiras experiências com os rapazes, contactados nas ruas e prisões de Turim, bem depressa o levam a verificar que a triste situação em que vivem, abandonados a si mesmos e aos baldões da sorte, é devida na maior parte dos casos à ausência da família ou de alguém que, na sua falta, deles se ocupe. Compreende pois a necessidade de lhes proporcionar um ambiente que os aproxime o mais possível do ambiente familiar.

Dada a ausência dos laços de sangue, D. Bosco relaciona-se com os seus rapazes de modo a levá-los a descobrir na sua pessoa um pai adoptivo. A nota da paternidade espiritual é por ele responsável e amorosamente assumida e insistentemente inculcada aos seus colaboradores, uma vez que deve preencher a falta ou insuficiência da família natural. Comportando-se e assumindo-se como pai dos que o não tinham ou o desconheciam, D. Bosco procura levá-los, através de si, a fazer uma outra descoberta mais importante ainda: a descoberta de Deus Pai, revelado em Jesus Cristo. Sem

esta ligação com o Transcendente (religião), sem esta nota da paternidade divina, unida à da paternidade humana, seria impossível compreender cabalmente a pedagogia de D. Bosco.

No entanto, segundo o seu pensamento, a paternidade não esgota a imagem do educador, pois este tem de ser simultaneamente pai, irmão, companheiro e amigo. Num ambiente em que entre educador e educandos - eliminadas as barreiras, as distâncias, os desníveis (superior-inferior) e os formalismos - prevalecem os laços de companheirismo, fraternidade e amizade, surge espontaneamente a confiança mútua, que está na base do desenvolvimento normal e sadio, isto é, da verdadeira educação.

É particularmente nos momentos de distensão e recreio que a relação afectiva entre educador e educandos, num plano de proximidade e camaradagem, encontra o espaço privilegiado para se afirmar e desenvolver. Trata-se, na verdade, de um espaço em que, por um lado, as crianças e os jovens podem satisfazer em pleno a necessidade de expansão física e psicológica, desenvolvendo simultaneamente o sentido relacional e social, e, por outro lado, estão mais abertos ao diálogo educativo - espontâneo e informal - com os adultos, tornados companheiros de divertimento e jogo. Daí que, para D. Bosco, represente um papel de primeiríssima ordem a "pedagogia do pátio" ou do recreio.

A par da expansão lúdica propriamente dita, D. Bosco fomenta amplamente no oratório outras formas de expansão afins que são as actividades lúdico-artísticas, especialmente a música (vocal e instrumental) e o teatro. A respeito da primeira afirma que «um oratório sem música é um corpo sem alma».

O avultado número de elementos dentro de uma instituição educativa como o oratório, por maior que seja o esforço em eliminar distâncias e criar laços de amizade, torna difíceis as relações interpessoais, só possíveis em grupos que não ultrapassem demasiado o quadro da família natural. Consciente das insuficiências da educação de massa, D. Bosco procura logo

de início incentivar a formação de grupos ou associações dentro do primeiro oratório e mais tarde nos ambientes colegiais, grupos a que chama “companhias”. Estes grupos, de cunho marcadamente religioso, prosseguiram objetivos mais largamente formativos, promovendo o espírito de iniciativa ou criatividade, o hábito de trabalhar em equipa, o sentido de solidariedade.

Um ambiente de promoção

Do que fica exposto é fácil de inferir a resposta a uma dúvida que poderia surgir na mente de alguns: como tornar agradável o largo espaço de um dia, passado em ambiente religioso, a rapazes que na sua grande maioria viviam à margem da prática da vida cristã? Alternando criteriosamente momentos dedicados à formação e vivência religiosa com outros momentos mais largos, dedicados ao divertimento, ao desporto, aos encontros de grupo, a actividades culturais (como o teatro e a música), enfim às mais variadas iniciativas capazes de interessar e promover a juventude. Entre estas iniciativas de formação, além do teatro e da música, importa salientar os cursos de alfabetização que o santo educador começou logo a organizar entre os frequentadores do primeiro oratório em Turim, quase todos alheios ao ambiente escolar ou mal sabendo escrever o nome.

Ao princípio eram as aulas nocturnas, no seguimento da jornada dominical. Depois, pouco a pouco, estas aulas foram-se estendendo pela semana adiante, com um aumento progressivo de alunos. Semelhante iniciativa mostramos outra característica do oratório de D. Bosco: a sua projecção para além do domingo, a qual não se limita a este aspecto importante da instrução, mas abrange outras formas de acompanhamento dos oratorianos, incluindo visitas aos lugares em que vivem e trabalham ou fazem a aprendizagem de algum ofício e contactos de vária ordem.

Uma instituição paradigmática

O primeiro oratório de D. Bosco, fixado em Valdocco, bairro periférico de Turim, ficou sendo o Oratório por excelência e o paradigma de todos os oratórios e demais instituições

educativas que, com o andar do tempo, foram proliferando dentro e fora da Itália. Para o próprio D. Bosco o Oratório de S. Francisco de Sales em Valdocco (ou o Oratório sem mais) tornou-se como que o *habitat* natural da sua acção apostólica e educativa e veio a impor-se aos seus filhos como a expressão mais genuína do génio pedagógico do pai e fundador.

Acresce que o Oratório de Valdocco acabou por se transformar, gradualmente, mercê das circunstâncias, numa espécie de cidade dos rapazes. No internato aí construído viviam lado a lado aprendizes e estudantes. Esse enorme complexo - no qual veio a erguer-se também uma basílica dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora - era de facto a casa dos sem-tecto, a paróquia dos sem-paróquia, a escola dos incapacitados de frequentar qualquer outra escola.

Esta obra típica de humanização e evangelização é ainda hoje - com outros nomes e sob outras formas de organização e funcionamento, dada a sua flexibilidade - aquela que melhor incarna o sistema ou método educativo de D. Bosco, que ele próprio resume na trilogia: fé, razão e bondade.

2. Os oratórios em Portugal

Os primeiros oratórios

O padre português Daniel Rademaker, que vivera com a família em Turim durante largos anos e fora colaborador assíduo de D. Bosco no Oratório de Valdocco, depois de regressar à pátria em 1848, continuou a corresponder-se com o seu grande amigo. Numa carta, escrita em Outubro de 1877, exprime-lhe o desejo de ver implantada em Portugal essa obra de tão largo alcance: «Com imensa satisfação minha tomei conhecimento da grande expansão da sua obra dos oratórios e do novo Instituto dos Salesianos, fundado por si, que já estende a sua acção, altamente benéfica, ao continente americano. Seria uma grande bênção espiritual se V. R. pudesse introduzir também nestas paragens a [dita] obra dos oratórios». ⁶

⁶ ASC.

O desejo do Pe. Daniel Rademaker veio a ser satisfeito mas só bastantes anos mais tarde, já depois da sua morte e da morte de D. Bosco, com a entrada dos salesianos em Braga em 1894.

Em *Braga* surge, de facto, um oratório festivo, como complemento da acção pedagógica exercida no Colégio de S. Caetano, nove meses após a segunda visita do superior geral, Pe. Miguel Rua, em Março de 1906. As insistências do primeiro sucessor de D. Bosco, no governo da Congregação, contribuíram sem dúvida para apressar a concretização da iniciativa. É de notar, porém, que já anteriormente (desde 1899) o Pe. Sebastião Leite de Vascelos tinha feito apelos não menos insistentes no mesmo sentido.

O oratório festivo de Braga, que abriu as suas portas a 16 de Dezembro de 1906 aos rapazes que vadiavam pelas ruas da cidade, teve uma particularidade digna de ser sublinhada: o facto de ter nascido de um feliz entendimento e colaboração entre os salesianos e o Seminário Maior da arquidiocese. Além da ajuda material, a começar pelo terreno e instalações (na paróquia dos Congregados), o seminário empenhou-se activamente na vida do oratório, sobretudo através da influência do vice-reitor João Nepomuceno Pimenta e do contributo de um grupo significativo de seminaristas (15/20) na formação religiosa dos oratorianos.

Quando os salesianos foram obrigados a sair de Braga, devido aos acontecimentos de 1910, Serafim Rodrigues Guimarães (que tinha sido provedor do Colégio de S. Caetano) lamentava o facto e exprimia o seu grande pesar pelo conseqüente encerramento da obra dos rapazes da rua: «Muita pena tenho que acabe o oratório festivo, de tanta utilidade nesta terra em que se vêem pelas ruas bandos de rapazes criados à lei da natureza [e entregues] aos maus costumes».⁷

Em *Lisboa* funcionaram três oratórios antes de 1910. Dois deles, fundados em 1899, dependiam da casa de formação de Pinheiro

de Cima, às Laranjeiras, e tinham como sede, respectivamente, o primeiro os anexos da mesma casa e o segundo os fundos do paço patriarcal de S. Vicente de Fora.

O oratório do Pinheiro era frequentado pelos rapazes da rua, vindos de Sete Rios, Palma de Cima e de Baixo, Laranjeiras e S. Sebastião da Pedreira. Segundo o testemunho de um dos elementos da equipa, Pe. Henrique Ferreira, esses rapazes mais pareciam vir da selva do que do mundo civilizado. Mas o clima religioso e familiar que aí reinava foi a pouco e pouco modificando esses indivíduos rudes, de modo a que mais tarde pudessem ocupar um lugar digno na sociedade. É a um tal clima de família que se refere com saudade o primeiro frequentador deste oratório (Emílio Santos), numa carta dirigida ao Pe. Pedro Cogliolo em 1927: «Sr. Pe. Pedro, eu sou o primeiro aluno do oratório festivo do Pinheiro [...]. Lembro com bastante saudade os belos dias que passámos naquela saudosa casa do Pinheiro, a alegria sincera que então reinava e o carinho afectuoso que nos ligava como em uma só família».⁸

O oratório de S. Vicente, aberto sob o patrocínio do cardeal D. José Neto e do vigário geral D. Manuel Vieira de Matos, teve como sede os baixos do paço patriarcal de S. Vicente de Fora. Esta obra vinha de algum modo dar continuidade ao desactivado Patronato de S. José que, nos anos 80, aqui nascera por iniciativa do mesmo cardeal D. José Neto. Os rapazes que vagueavam pelas ruas desta zona da cidade - segundo o atrás mencionado Pe. Henrique Ferreira, que às vezes ali prestava serviço - não ficavam a dever nada, quanto a instintos selvagens, aos frequentadores do oratório do Pinheiro. A obra do oratório de S. Vicente de Fora caiu muito bem no ambiente da paróquia. Tanto assim que, tendo os salesianos deixado de estar à sua frente, continuou a funcionar em pleno sob a orientação directa do pároco, Pe. Francisco Esteves, que enriqueceu a actividade oratoriana com uma escola primária e um grupo coral com projecção para além da paróquia.

⁷ Carta Guimarães-Peretto, 29.12.1910 (ASC).

⁸ ASC, F006, fasc. 8.

O terceiro oratório festivo, dirigido pelos salesianos em Lisboa antes de 1910 (e reactivado na década de 30), começou a funcionar, mais tarde que os de Pinheiro de Cima e S. Vicente de Fora, nos anexos das Oficinas de S. José, ou seja, só após a transferência da sede para o Alto dos Prazeres em 1906. É que a sede primitiva na Rua do Sacramento à Lapa não oferecia o mínimo de condições para semelhante género de actividade. A existência de bolsas de pobreza e miséria moral nas proximidades da nova sede confirmava o acerto da escolha do local para o apostolado dos filhos de D. Bosco, orientado prioritariamente para a juventude das classes mais desfavorecidas da sociedade. Foi precisamente com os olhos postos nesta juventude ao abandono que os salesianos decidiram abrir aqui um oratório festivo mediante o qual pudessem fazer chegar até ela a acção religioso-formativa, desenvolvida dentro do internato.

O trabalho persistente junto dos rapazes que vadiavam pelos bairros degradados das cercanias, juntamente com o influxo exercido pela própria escola, foi modificando pouco a pouco a fisionomia moral e cívica da população da zona. Para tal mudança chamava a atenção em 1908 o visconde Júlio de Castilho, depois de uma visita às Oficinas de S. José: «Aqueles sítios dos Prazeres, da Fonte Santa, dos Terramotos, de Alcântara eram todos havidos, por muitos, contrários a todas as ideias de religião. As fábricas que alimentam grande parte dessa população e a desmoralizam, tinham grande culpa no malefício [...]. Pois bem, ao passo que, ao princípio, esses desorientados lares mofavam das Oficinas de S. José, insultavam com dichotes [os salesianos] quando os viam passar [...], hoje respeitam a instituição porque já a conhecem; e, porque a conhecem, apreciam-lhe a utilidade [...]. Os epigramas maldosos tornaram-se elogios [...]. Hoje o falar por aqueles contornos nas beneméritas Oficinas de S. José é ouvir um coro de bênçãos espontâneas, numa torrente de votos pela prosperidade da casa».⁹

⁹ J. de CASTILHO, "Romaria piedosa", no jornal *Portugal*, 24.3.1908.

Que não se tratava de nenhum gueto prova-o a participação dum grupo de alunos do Liceu Pedro Nunes na vida do oratório, em perfeita camaradagem com os coetâneos de condição mais humilde.

Os oratórios após a 1ª República até ao presente

O *Oratório de S. José de Évora* merece uma referência especial pelas circunstâncias que o acompanharam desde a fundação e pelo carácter acentuadamente oratoriano que tem conservado ao longo da sua história. Acerca da experiência inicial, agitada e cheia de interesse ao mesmo tempo, ninguém melhor nos pode informar do que o Pe. Carlos Frigo, um dos actores principais dos acontecimentos.

Escreve ele em 1961 nas suas memórias "Fundação da Casa de Évora" (Forli, 14.12.1961):

«[Passados alguns meses em Lisboa], dois dias após a Páscoa de 1926, parti para Évora, com o Pe. Sutura [superior dos salesianos em Portugal] que, durante a viagem, me ia falando da bondade do arcebispo, das dificuldades vencidas para obter o terreno e a casa [destinados ao oratório]. À chegada fomos logo cumprimentar o arcebispo, que nos abraçou comovido, obrigando-nos a almoçar com ele e usando para connosco da mais requintada cortesia. Em seguida, atravessámos a cidade, ultrapassámos as muralhas que a cercam e, a poucos passos, eis-nos na Quinta do Leitão,¹⁰ quase encostada ao cemitério. Uma casa de campo rodeada de cocheiras, currais, pardieiros (onde antes viviam ciganos em míseras condições), uma boa leira coberta de oliveiras e árvores de fruta, um laranjal com entrada voltada para a casa, um pequeno jardim ao lado e, um pouco mais longe, uma horta com muita hortaliça e um poço munido de nora, à qual se atrelava um animal para extrair a água da rega.

Ao verem chegar à Quinta - esvaziada de tudo pelo proprietário poucos dias antes - estes dois padres estrangeiros, vários rapazes das vizinhanças vieram pôr-se em volta de nós dentro do pequeno pátio interior. Antes de eu entrar em casa, um dos mais sacudidos perguntou-me: "Padre, vocês são jesuítas?" Respondi: "Não, somos salesianos". [...] Em seguida [ele e os colegas] observaram: "Mas não vêm aqui para dar ca-

¹⁰ Nome exacto: Horta do Leitão ou Quinta da Saudade.

tecismo à gente?” “De maneira nenhuma. Fiquem descansados. Vimos unicamente trazer alegria”. Pareceu-me estar a vê-los. Começaram logo a saltar e, atirando com o boné ao ar, gritavam: “Assim está bem, não são jesuítas, não vêm dar-nos catecismo! Muito bem! Assim podemos entender-nos” [...]. E enquanto o Pe. Sutura - com o moço que nos confiara o arcebispo para nos ajudar - entrava a tomar posse da nova casa salesiana, eu fui distribuindo rebuçados àqueles garotos, fazendo-lhes ver que já era seu amigo. E, com os meus botões, ia indagando qual o motivo de semelhante aversão aos jesuítas, mesmo nestes miúdos que de certeza nunca tinham visto aqueles a quem odiavam.

Não foi preciso muito tempo para pôr a casa em ordem [...]. Após a refeição [preparada pelo Pe. Sutura], este apresentou-me o programa de acção: aqui os aposentos, acolá a sala de estudo, daquele lado o pátio para os mais pequenos, por trás dos currais o campo de jogos, depois... Ah! o senhor arcebispo desejava que neste lugar, sob a designação de Oratório de S. José, surgissem e se desenvolvessem todas as obras existentes no Oratório de Valdocco em Turim! Com tais projectos na cabeça, fomos dormir e sonhar... o futuro. O Pe. Sutura ficou dois dias comigo e depois partiu para o Porto, deixando-me sozinho com alguns vinténs e umas orientações sobre a maneira de me comportar com o pároco, ao qual tínhamos feito uma visita na companhia do arcebispo. E imediatamente pus mãos à obra. Todas as manhãs ia celebrar missa à igreja paroquial, a dez minutos de caminho [...]. De volta a casa cuidava do jardim e da horta e procurava pôr um pouco de ordem nos locais anexos onde os rapazes pudessem abrigar-se da chuva. O estábulo - retiradas as manjedouras - foi transformado numa espécie de alpendre. Com uns ferros velhos, usados pelo antigo proprietário para atar a cortiça, fiz dois baloiços. Depois pus-me a fazer outros brinquedos para entreter a pequenada. Junto do estábulo, num campo onde se cultivava milho, foram colocadas duas balizas toscas para o jogo da bola e... os rapazes, terminadas as aulas, vinham ver e andavam por ali completamente à vontade. Um ou outro ajudava-me naqueles trabalhos e a arrancar erva no jardim. Depois de lhes ter dito que tinha corrido o mundo inteiro, assediavam-me de perguntas, querendo saber o verdadeiro motivo que me tinha levado a Évora: quem me tinha mandado, que pretendia fazer, quem me pagava, quanto ganhava, etc.

Entretanto ia-lhes conquistando cada vez mais os corações e, sem eles se aperceberem, procurava incutir-lhes um pouco de educação na maneira de falar e de proceder. Pobres crianças! Quanta ignorância religiosa! [...]. Eram especialistas na arte da pedrada e as pragas e insultos acabavam quase sempre em zaragata. Ora bem, sem ter de intervir com a força - quantas vezes pensei no primeiro sonho de D. Bosco! -, ia reparando como a pouco e pouco, com simples chamadas de atenção e boas maneiras, iam modificando o

comportamento e... enfim as perspectivas eram realmente boas, mas havia que dar tempo ao tempo [...].

Certo dia, um bom homem que vinha todos os dias do campo para a cidade aparece-me em casa e ofereceu-me carne, chouriço e queijo. E vendo que a horta e o jardim precisavam de ser regados, emprestou-me uma jumenta para puxar à nora e acabou por me ceder, trazendo muitas vezes aveia e forragem para dar ao animal. E para mim e o meu ajudante trazia cabrito assado, paio, vinho de qualidade e outros mimos. A Providência Divina mostrou-se verdadeiramente pródiga e só tenho pena de não recordar o nome de tão dedicado benfeitor.

Um dia de Maio um cavalheiro, que me saudava muitas vezes e via com simpatia a incipiente obra dos salesianos, veio dizer-me que na noite anterior [...] os mações de Évora tinham estado reunidos e que, depois de umas arengas animadas [...], tinham barafustado contra o arcebispo por ter chamado para ali os jesuítas, expedindo a seguir um telegrama para o Governo nestes termos: “O povo de Évora protesta contra a invasão jesuítica e requer medidas severas em ordem à salvação da República!” Ele estava ao par disso por ter participado na reunião como antigo sócio [...]. Ao anoitecer desse mesmo dia, logo depois de me ter despedido dos rapazes e ter dado uma saltada ao meu quarto, ouço umas vozes estranhas. Assomo à janela e vejo três sujeitos andrajosos, semblante carrancudo e gestos ameaçadores contra o cancelo, por sinal tão frágil que só servia para impedir a entrada às bestas. Desço em dois tempos, aproximo-me deles - já rodeados de rapazes - e pergunto-lhes com toda a calma e bons modos o que pretendiam, quem procuravam. “Você é um jesuíta - disseram com voz cavernosa - Você é um estrangeiro que veio apoderar-se das nossas casas”.

- Peço desculpa, mas estão enganados. Eu não sou nenhum jesuíta, nem sou nenhum invasor das vossas casas. Vim para aqui chamado pelo senhor arcebispo, que comprou esta casa para acolher e distrair a rapaziada. Se têm direitos a reclamar, razões a fazer valer, vão ter com o senhor arcebispo..., com as autoridades.

- Você, seu jesuíta, arrasta para aqui os nossos filhos, para lhes ensinar o catecismo. Ou se põe daqui para fora ou de contrário...

- Não é verdade! Eu não obrigo ninguém à força, não arrasto para aqui os rapazes. Para aqui vem só quem quer, de livre vontade, e vai embora quando bem entende. Esta casa é a casa da liberdade! (e os rapazes gritaram à uma: “É assim mesmo, é como diz o padre”). E quanto ao catecismo ainda o não ensinei a ninguém. (Vozes: “é verdade, é verdade”). Mas se o ensinasse, não tenham dúvida, os rapazes aprenderiam a ser bons cidadãos e bons portugueses.

Nesta altura, um miúdo dos mais ladinos veio por detrás e disse-me em voz baixa: “Padre, quer que os corramos à pedrada?” “Não, de maneira nenhuma” - respondi-lhe. E dirigindo-me de novo aos três, camba-

leantes de bêbados: “Ouçam cá, tenho viajado muito. Conheci muitos portugueses no Brasil, em Macau, na Califórnia, e em todos encontrei gentileza, tolerância, boa educação. Mas agora vocês, com esse palavriado, com esses modos, levam-me a ter de modificar o bom conceito que fazia de Portugal [...]. Então encararam-me de frente e, sem dizer palavra, lá se foram afastando de mãos nos bolsos, enquanto os rapazes se chegavam a mim, como que a darem-me alento e a certeza de não me abandonarem [...].

Naquela noite foi a custo que engoli uma bucha. Rezei as orações com as lágrimas nos olhos..., lágrimas de reconhecimento e bom prognóstico [...]. O senhor arcebispo, a quem fazia frequentes visitas, tratou-me sempre com carinho de pai. Mais de uma vez me obrigou a tomar com ele o pequeno almoço e insistia continuamente para que, em qualquer necessidade, não tivesse receio de o incomodar, de lhe bater à porta [...].

De qualquer modo, lá se ia avançando e procurando melhorar as coisas. Palavrões eram já muito raros e as brigas menos frequentes. Também já tinha desaparecido o costume de atirar pedras. Mais de uma mãe se mostrara agradecida por ver que os seus filhos já eram mais bem comportados, mais obedientes... ».¹¹



Quinta da Saudade ou Horta do Leitão: Évora

No dia 9 de Julho de 1926, o Pe. Frigo (que teve de seguir para a China) é substituído pelo Pe. José Bernardino Rodrigues, ao qual se junta em Outubro o Pe. Francisco Leite Pereira e em Setembro de 1927 o Pe. José da Silva Lucas. Em Julho de 1928 chega o Pe. Pedro Vicente Morais. Estava mais ou menos desbravado o terreno para lançar as bases de uma obra que, através de variadas vicissitudes, se tem vindo a consolidar e desenvolver até ao presente. A sua característica oratoriana, que sempre conservou, conheceu os seus altos e

baixos em virtude de o pouco pessoal disponível ter de atender também e principalmente à escola primária que surgiu logo em Janeiro do ano seguinte à fundação do oratório.

As dificuldades e carências encontradas pelo Pe. Frigo continuaram a fazer-se sentir por muito tempo, embora se fossem atenuando a pouco e pouco graças à paciente acção pedagógica dos salesianos que se foram sucedendo. Alguns deles deixaram fundas marcas tanto no âmbito do oratório como no da escola, quer pela duração da sua estadia em Évora, quer principalmente pela dedicação aos rapazes da rua e ao povo em geral. Basta lembrar nomes como os dos padres Francisco Leite Pereira (1927-41), Pedro Vicente Morais (1928-60) e Filipe Pereira de Oliveira (1941-50).

Vem a propósito referir que no Concílio Plenário Português, celebrado precisamente em 1926 e no qual participou o Pe. Luís Suter, é recomendado que se incrementem no país os oratórios festivos (decr. 129).

Em *Lisboa* só foi possível reatar o oratório festivo, anexo às Oficinas de S. José, na década de 30 em virtude de só nessa altura, reforçado o pessoal, poder disponibilizar-se alguém para o efeito. Os bairros de Alcântara, Fonte Santa, Maria Pia e Casal Ventoso voltavam a ser as fontes principais donde provinha a matéria prima juvenil.

Na mesma década de 30 é de assinalar um outro oratório festivo, no *Estoril*, que acompanhou o funcionamento da escola primária, aqui fundada em 1933, e acolhia crianças das famílias pobres da localidade e principalmente das redondezas. A presença dos salesianos na estância turística da Costa do Sol contribuiu, no passado, para que este sector da sociedade não caísse no esquecimento e pudesse encontrar, pelo contrário, o caminho da sua dignificação. Com a fundação do colégio na década de 50 pretendeu-se alargar o leque do ensino, estendendo-o a outras camadas sociais, mas sem se perder de vista a atenção que merecem os mais desfavorecidos.

¹¹ C. FRIGO, *Fondazione della casa di Evora - Portogallo*, Istituto Salesiano 'Orselli Santucci', Forlì, 14.12.1961 (AP).

Outros oratórios foram surgindo com o surgir de outras obras e em ligação com elas, dependendo a sua vitalidade do zelo e qualidades dos animadores (Porto, Mogofores, Vila do Conde, Vendas Novas, etc.). São todavia frequentes, nos relatórios dos visitantes extraordinários e dos provinciais às casas, as queixas relativas às actividades especificamente oratorianas, reduzidas muitas vezes à mínima expressão, porque relegadas para segundo plano no quadro organizativo geral.

A partir dos anos 50 foram feitas experiências no sentido de pôr em andamento alguns centros juvenis autónomos e em áreas geográficas próprias, os quais porém tiveram em geral pouca duração. O Oratório Padre Miguel Rua de Areosa (Viana do Castelo) ainda se manteve durante vinte anos (1951-71), mas os de Setúbal e Baixa da Banheira tiveram a breve duração de um ano: 1953-54 e 1963-64 respectivamente.

Projectado para se inserir no contexto de uma paróquia, o *Centro Juvenil S. João Bosco de Mirandela*, mais recente (1983), apresenta



contornos mais pensados e condições de funcionamento e estabilidade mais seguras. As boas instalações de que dispõe, ainda por concluir,¹² foram inauguradas em 1990. Um lar com capacidade para cerca de 50 estudantes constitui uma das suas actividades de maior relevo. Actividades que, por seu turno, se integram no conjunto da vida da paróquia, dedicada também a S. João Bosco e confiada aos cuidados do pessoal salesiano que ali trabalha.¹³

¹² O complexo ficará concluído com a construção de: parque desportivo (em fase adiantada), ginásio e piscina.

¹³ O trabalho pastoral estende-se à paróquia de Carvalhais.

A obra salesiana de Mirandela fica a dever imenso ao casal António de Serpa Pinto Monteiro e Elda Dora Bahamonde Alves de Serpa Pinto, doador do terreno, a Jorge Dobson Rivotti, cujo legado constituiu a base principal para as construções efectuadas, e à Câmara Municipal, pelo apoio moral, técnico e logístico generosamente dispensado.

C - PARÓQUIAS

Foi há relativamente pouco tempo que a Congregação Salesiana começou a considerar as paróquias como campo normal da sua missão evangelizadora, em pé de igualdade com qualquer outra forma de trabalho apostólico como o que se realiza nas escolas, nos centros juvenis, na comunicação social, etc. As Constituições salesianas, antes da renovação pedida pelo Concílio, tinham um artigo que permitia a aceitação de paróquias, mas só a título excepcional.

Em Portugal a primeira paróquia que se aceitou - sob forte pressão do bispo de Vila Real - foi a de Poiães da Régua em 1933, onde os salesianos dirigiam um seminário menor. Só passados 16 anos aceitaram a paróquia de Mogofores, onde também já tinham fundado em 1938 o Instituto S. João Bosco. Nesta altura eram ainda dois casos de excepção. É a partir dos anos 60 que outras paróquias vão sendo aceites em diversos pontos do país (além das que surgem no ultramar): Lisboa (1964), Évora (1966), Vendas Novas (primeiro a de S. Domingos Sávio, em 1966, e posteriormente as de Santo António e de Landeira, em 1983), Funchal (1975) e Mirandela, com a paróquia anexa de Carvalhais (1983).

D - IMPRENSA

1. A imprensa na primeira linha do apostolado bosquiano

A imprensa ocupa um lugar da maior importância no apostolado de D. Bosco, que neste sector, tal como no âmbito dos oratórios e das

escolas, se tornou um dos mais notáveis promotores da cultura popular no seu tempo. Ele próprio deu à estampa inúmeras publicações - de carácter periódico ou não - da sua autoria, destinadas à juventude e ao povo.

O enorme incremento que imprimiu às artes gráficas obedecia precisamente à preocupação de tornar acessíveis às grandes massas da gente humilde os tesouros do saber, através de livros ou opúsculos baratos, escritos numa linguagem simples e atraente. A iniciativa mais bem sucedida e de mais largo alcance neste campo foi a colecção de leituras para o povo, "Leituras católicas", a qual atingiu entre a sua fundação e a morte do fundador (1853-88) o número de 432 fascículos, 70 dos quais, ou à volta disso, são da autoria de D. Bosco. Impacto notável teve também a colecção de teatro educativo "Leituras dramáticas".

Para onde quer que fossem, os seus filhos espirituais levavam esta mesma preocupação de contribuir, em maior ou menor escala, para a educação da juventude e do povo, inclusive através da imprensa e outros meios de comunicação social.

2. Os salesianos e a imprensa em Portugal

No nosso país o esforço dos salesianos neste domínio pouco se fez sentir, quer nos primórdios quer na restauração. Poucos como eram e absorvidos como viviam pelas tarefas educativas do dia-a-dia, não lhes era possível atender a uma actividade que exigia homens disponíveis e capazes. Ainda assim, houve alguns empreendimentos editoriais de certo interesse, como a publicação do *Boletim Salesiano* em língua portuguesa, iniciada em 1902, para Portugal e Brasil; a publicação nos anos 20 da revista *Juventude Missionária*, adaptação luso-brasileira da revista italiana *Gioventù Missionaria*; as Oficinas de S. José, ainda antes de 1910 e a partir de 1930, edita-

ram vários livros de um certo nível. É também digna de ser mencionada a produção literária do Pe. José Carlos Alves Vieira, quer antes de deixar a Congregação (1918), quer depois de incardinado na arquidiocese de Braga.

Mas só nas proximidades de 1950 - concretamente em 1947 - é que, graças principalmente aos esforços do Pe. Humberto Pasquale, são lançadas as bases da Editorial Salesiana do Porto, iniciada anos antes em Mogofores. Com a sua tónica juvenil e voltadas prioritariamente para as camadas humildes do povo, as Edições



Editorial Salesiana: Porto

Salesianas foram avançando paulatinamente até ocuparem um lugar condigno entre as congéneres católicas do nosso país como: Apostolado da Imprensa, Editorial Franciscana, Edições Paulistas, Editorial Boa Nova, Editorial do Perpétuo Socorro.

A Editorial Salesiana do Porto, fiel à sua orientação juvenil e popular, tem-se distinguido por publicações de carácter religioso e didáctico, nomeadamente no campo catequético, e variadas produções no sector audiovisual, em ligação com a Livraria da Doutrina Cristã (LDC) da Itália e com a similar espanhola Centro Catequético Salesiano (CCS). Em ligação com a editorial funciona também uma livraria, a Livraria Salesiana do Porto, com duas filiais, uma em Évora (desde 1966) e outra em Lisboa (desde 1979).

CAPÍTULO IV

PRESENÇA SALESIANA ALÉM-MAR

Como vimos na Iª parte, a província portuguesa começou a alargar a sua acção assistencial e educativa para fora do continente a partir de 1903, com o Orfanato João Baptista Machado em Angra do Heroísmo.

Quando o Pe. Miguel Rua na sua primeira viagem a Portugal (1899), visitou a casa de Pinheiro de Cima em Lisboa, quis que esta casa ficasse a chamar-se “Seminário do Sagrado Coração de Jesus para as colónias portuguesas”. E numa conversa com amigos e cooperadores salesianos nas Oficinas de S. José falou da esperançosa perspectiva missionária que se abria à província salesiana de Portugal, atendendo à imensidão dos territórios de além-mar e ao facto de a dimensão missionária constituir uma das características essenciais do instituto fundado por D. Bosco. E via na casa de formação do Pinheiro a chama sagrada que havia de alimentar essa esperança e dar a seu tempo os almejados frutos. Estes começaram a concretizar-se em 1907 com a ida do primeiro grupo de missionários para Moçambique.

O Orfanato Imaculada Conceição de Macau (1906) e os dois orfanatos de Tanjor e Meliapor na Índia (1906 a 1909), embora canonicamente dependentes de Lisboa, dependiam no entanto da casa-mãe de Turim quanto ao fornecimento do pessoal. Infelizmente a obra de Moçambique foi interrompida, seis anos depois, pela República.

O trabalho missionário da província só pôde ser retomado com êxito na década de 40 em Cabo Verde e em Timor e, na década de 50, de novo em Moçambique. Foi sobretudo para este território que a província portuguesa veio a canalizar as suas principais energias. Mas a necessidade de atender simultaneamente, e com pessoal reduzido, às obras dispersas por outros territórios - Cabo Verde, Timor, Macau (Colégio Dom Bosco, desde 1950) e, embora

por pouco tempo, Goa - fez com que o dispêndio de energias não rendesse talvez o que podia ter rendido se houvesse apenas uma ou duas frentes de acção, como foi a tática seguida pelas salesianas, ao concentrarem todos os seus esforços em Moçambique, onde contam hoje com uma província canonicamente erecta (1992) e prometedora.

1. Cabo Verde



Ao reconhecimento da província salesiana, como corporação missionária por parte do Ministério das Colónias, estava ligada a concessão de um subsídio governamental para a formação do pessoal missionário e o compromisso da província em enviá-lo logo que fosse possível para o ultramar, e concretamente para Timor, antes de qualquer outro território. Todavia o deflagrar da Segunda Grande Guerra (com a invasão da ilha primeiro pelos aliados e a seguir pelos japoneses) veio impossibilitar o cumprimento de tal condição no prazo acordado. Por isso o grupo de seis missionários destinados a Timor acabou por se estabelecer em Cabo Verde em 1943, respondendo ao apelo do bispo local D. Faustino Moreira e aí continuou após a guerra, em virtude de outro grupo se ter formado com destino a Timor, uma vez normalizadas aqui as condições de vida.

Os missionários, chefiados pelo Pe. Francisco Leite Pereira, começaram por se fixar provisoriamente na ilha de S. Nicolau, na expectativa de transitarem depois para a ilha de S. Vicente, onde deveriam tomar conta de uma escola de artes e ofícios logo que o local, entretanto ocupado por militares, ficasse livre para tal efeito. Permaneceram em S. Nicolau até 1955, desenvolvendo simultaneamente actividades missionárias e paroquiais e colaborando também na formação intelectual dos seminaristas da diocese (Pe. João de Moura Pires).

A mudança para S. Vicente começou por se efectuar em 1954, passando para lá apenas dois elementos que tinham chegado a S. Nicolau num segundo tempo, isto é, em 1950, e que por sinal eram irmãos de sangue: Pe. Filipe de Oliveira e Domingos de Oliveira (irmão leigo). Quanto aos outros, ao deixarem S. Nicolau em 1955, alguns foram juntar-se aos dois que já estavam em S. Vicente e os restantes regressaram à metrópole. Após a mudança, foram concluídas as obras de adaptação do edifício destinado à escola de artes e ofícios, começando esta a funcionar com algumas oficinas em regime de internato e externato.

Ao trabalho dentro da escola e no âmbito do oratório festivo anexo vieram juntar-se mais tarde as actividades pastorais da paróquia, que abrange toda a ilha, entrementes entregue aos cuidados dos salesianos (1975). Com a independência, não obstante a profissão de fé dos responsáveis políticos na ideologia marxista, o trabalho dos salesianos pôde continuar na mesma linha do seu ideário, cristão e salesiano, sem sobressaltos de monta (aliás o estabelecimento da independência foi também relativamente pacífico) e até com mais amplas perspectivas ao nível da escola. Nesta, de facto, além da instrução primária e da prática oficial, passaram a ser ministrados os cursos industrial e liceal. E, graças a apoios especiais vindos da Alemanha, está já na fase conclusiva um amplo projecto no campo da formação profissional. A obra de Cabo Verde continua ligada à província portuguesa.

2. Timor

Após a experiência gorada de missão em Timor (1927-29), a acção dos salesianos nesse longínquo território português foi retomada bastantes anos mais tarde, com bases mais seguras, em 1946, e com uma orientação mais bem definida quer no campo propriamente missionário, quer no campo especificamente assistencial e escolar. Após a primeira experiência na capital (Díli) (1946), abriram-se as casas de Fuloro (1948), Ossu (1960), Baucau (1961), Fatumaca (1964). A presença salesiana tem-se mantido até aos nossos dias, apesar das dificuldades surgidas, após o 25 de Abril de 1974, com a invasão indonésia (finais de 1975).

Desde 1983 as casas de Timor ficaram a depender canonicamente da província das Filipinas. Actualmente (1994) trabalham lá 29 salesianos de diversas nacionalidades (portuguesa, italiana, espanhola, eslovaca, belga, filipina, indiana, mexicana), além de 8 timorenses, entre os quais o bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo, administrador apostólico de Díli. Entretanto, os professores nativos em formação, fruto de um trabalho relativamente recente e assíduo, são cerca de 40.

3. Goa

Em 1946 o patriarca D. José da Costa Nunes acolhe na sua diocese de Goa alguns salesianos estrangeiros expulsos da Índia: os padres Vicente Scuderi e Luís Ravalico, italianos, e, alguns anos mais tarde (1951), os padres João Mora, italiano, José Carreño, espanhol, e outros. As diversas obras que aqui vão surgindo - oratório festivo de Pangim e actividades anexas (escola primária, escola profissional, lar S. Domingos Sávio, escola secundária inglesa, etc.), missão de Odxel, oratórios de Portais e Caranzalém, missão de Valpói - ficam ligadas à província de Madrastra até 1960. Nesta altura, já sob a jurisdição da província portuguesa, recebem um reforço de pessoal português. Com a anexação do território pela União Indiana (1961), as casas de Goa integram-se novamente na província de Madrastra e os salesianos portugueses são forçados a sair (1962).

4. Macau

Voltamos a Macau para salientar, antes de mais, o desenvolvimento notável que teve o humilde orfanato das origens, hoje um dos maiores colégios da cidade, e a fundação de outro colégio de maiores proporções ainda, o Colégio Yuet-Wah, ambos para chineses. Outras obras menores, mas nem por isso menos significativas (na ilha de Coloane), merecem ser lembradas: leprosaria, missão S. Francisco Xavier, escola D. Luís Versiglia.



Colégio Dom Bosco: Macau

E voltamos, além disso, para salientar também a presença, desde 1950, de um outro importante colégio para filhos ou descendentes de portugueses (macaenses): o Colégio Dom Bosco. Note-se que já desde 1940 funcionava no antigo orfanato uma secção portuguesa com o mesmo nome e para o mesmo fim. A construção do Colégio Dom Bosco ficou a dever-se à convergência de muitas boas vontades entre a população macaense - sobressaindo a dedicação do Dr. Pedro Lobo - e a apoios substanciais conseguidos através dos governadores Gabriel Maurício Teixeira, Albano de Oliveira e Pedro Correia de Barros. Das diversas obras salesianas de Macau, esta é a única que depende da província portuguesa, quer do ponto de vista canónico quer do ponto de vista do pessoal que lá trabalha (as outras dependem todas da província chinesa com sede em Hong Kong). Isto até 1999, pois a partir da integração de Macau na China o Colégio Dom Bosco seguirá provavelmente a mesma sorte das outras casas salesianas existentes no território.

5. Moçambique

Repetidos apelos, sobretudo por parte de D. Rafael da Assunção (1920-36), foram dirigidos aos salesianos após a Iª República para retomarem a obra que tinham dirigido na ilha de Moçambique entre 1907 e 1913. Eles voltaram sim, em 1952, mas desta vez - solicitados pelo cardeal D. Teodósio de Gouveia - para trabalhar noutra zona. Começam por assumir a direcção do Instituto Mouzinho de Albuquerque na Namaacha (instrução primária e, após a entrada dos salesianos, ciclo preparatório e ensino industrial). Em 1955 é-lhes confiada a missão de S. José de Lhanguene em Lourenço Marques (hoje Maputo), incluindo uma escola primária e um lar para estudantes do ciclo preparatório, comércio, indústria e liceu. Em 1963 iniciam, também na capital, a construção do Colégio Dom Bosco (com internato), que vem a ser inaugurado em 1967 e abrange o ciclo



Namaacha: Oratório Salesiano

preparatório e o ensino liceal e complementar. Em 1975, pouco antes da independência, abre a missão de Moatize (1ª fase).

A independência traz consigo uma série de problemas: nacionalização dos bens da Igreja, desmandos e violências - provocadores de choques psicológicos que levam alguns missionários a repatriar-se -, alteração das condições de trabalho nos que, apesar das dificuldades, optam por ficar. Estes, porém, vêm a sua acção apostólica reduzida ao círculo familiar e paroquial ou aos contactos pessoa a pessoa. Nas escolas, contratados como simples professores, é-lhes proibida qualquer actividade

de carácter confessional. Entretanto, a situação tende a melhorar desde fins da década de 80: algumas casas vão sendo devolvidas e novas fundações vão sendo efectuadas (lar e escolas da Missão de S. José de Lhanguene, missão de Moatize), já em clima de liberdade religiosa.

Algumas dessas fundações, com projectos



Maputo: Casa S. Domingos Sávio (aspirantado)

de largo alcance social, estão a ser subsidiadas pela cooperação americana (reabilitação do lar e do centro de promoção da Missão de S. José), francesa (reabilitação das escolas da Missão de S. José de Lhanguene) e alemã (construção do Centro de Formação da Matola), e ainda pelo centro dinamizador das missões salesianas sediado em Roma. O próprio Governo, num gesto de simpatia e de confiança pela Sociedade Salesiana, condeceu-lhe a grande Escola de Artes e Ofícios de Moamba, cuja recuperação está a ser custeada pela União Europeia.

Um outro aspecto muito importante da nova fisionomia da obra salesiana em Moçambique é o lançamento local das estruturas formativas para as vocações autóctones. As casas, que constituem actualmente uma delegação, continuam por enquanto a depender da província portuguesa. Vislumbra-se a constituição de uma província salesiana autónoma, abrangendo possivelmente Angola, visto existir já, entre as duas delegações, uma certa convergência de objectivos e um intercâmbio no campo da formação do pessoal salesiano.

6. Vocações autóctones

Os salesianos portugueses só tardiamente se debruçaram a sério sobre o problema das

vocações autóctones nos diversos territórios ultramarinos para onde foram trabalhar. É certo que alguns elementos nativos, por exemplo de Timor e Cabo Verde, desde há muito vinham sendo encaminhados para as casas de formação do continente. Mas a organização, *in loco*, de estruturas com esse fim só começou com a independência dos povos colonizados. E os frutos não se fizeram esperar.

Em Timor, por exemplo, apesar da situação que lá se vive, o surto vocacional tem sido surpreendente nestas duas últimas décadas, tanto assim que, neste momento, os salesianos timorenses, alguns já sacerdotes, aproximam-se dos 50.

Moçambique, por seu lado, tornou-se também um centro vocacional importante desde que se pensou em abrir ali, além de um aspirantado, um noviciado, comum às duas delegações de Moçambique e Angola (as casas de Angola dependem da província brasileira de São Paulo). Os estudantes de filosofia e teologia frequentam por enquanto um seminário salesiano no Zaire. Presentemente Moçambique conta já com cinco salesianos nativos, um dos quais ordenado sacerdote em 1993.

Apesar das falhas e limitações que lhe possam ser apontadas, a actuação dos salesianos portugueses nas missões, sobretudo de há uns quarenta anos a esta parte, tem jus a ser lembrada ao lado da de outros institutos religiosos que se têm dedicado empenhadamente à obra da evangelização ultramarina. Figuras notáveis neste campo merecem ser tiradas do anonimato como, não falando dos vivos, os padres Martinho Recalcati (em Moçambique), José da Silva Lucas (em Macau e na China), Francisco Leite Pereira (em Cabo Verde e Moçambique), João de Moura Pires e Filipe Pereira de Oliveira (em Cabo Verde), José Bernardino Rodrigues, José Correia Rola, Manuel José Preto e Joaquim Marvão (em Timor), e o irmão leigo António Machado (em Moçambique e no Brasil).

CAPÍTULO V

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E FORMAÇÃO

1. Um itinerário acidentado

O caminho percorrido pela província portuguesa, no que respeita ao cultivo das vocações e à formação do pessoal nos cem anos da sua existência, tem sido um caminho acidentado e incerto.

a) Primórdios

Desde a chegada dos primeiros salesianos a Braga em 1894, o problema vocacional pôs-se logo como um dos problemas vitais para o futuro da obra em Portugal. O Pe. Filipe Rinaldi foi o primeiro a compreendê-lo e a sublinhá-lo. E enquanto não se conseguiu uma casa adequada para acolher e orientar convenientemente os candidatos à vida religiosa, procurou-se dentro do próprio Colégio de S. Caetano dar esta orientação, da melhor maneira possível, ao grupo de alunos desejosos de seguir o ideal de D. Bosco, incluindo o noviciado. Devido a reclamações por parte da Comissão Administrativa contra tal iniciativa, considerada incompatível com os estatutos do colégio, houve que dar os passos necessários para resolver o problema doutra forma.

Reconhecia-se que não convinha deixar sair de Braga o noviciado, por se considerar esta cidade e região um ambiente dos mais sadios do ponto de vista das vocações. A casa, porém, não aparecia. Acabou, sim, por aparecer, mas nas proximidades de Lisboa (Quinta de Pinheiro de Cima). O novo ambiente não oferecia as vantagens do de Braga quanto à fecundidade vocacional. Mas, segundo o Pe. Cogliolo, oferecia outras: a situação, por exemplo, junto da capital tornaria «mais fácil conseguir os meios de subsistência, pois o norte de Portugal é em geral bastante pobre».¹

E pensava talvez na generosidade dos benfeitores lisboetas. Todavia as coisas não correram conforme o previsto: efectivamente, passou-se penúria na casa do Pinheiro, único centro aliás de orientação e formação da província antes de 1910, pois além do noviciado e de um grupo de aspirantes, aqui faziam como podiam os seus estudos os filósofos e um ou outro teólogo. Um ou outro porque, além do seu reduzido número, este ou aquele era chamado a tapar algum buraco nas casas enquanto ia alternando o trabalho com o estudo pessoal. De resto, o nível de estudos em Pinheiro de Cima não podia ser muito elevado, porque os professores eram poucos e alguns improvisados e tinham de atender a outros encargos de responsabilidade. De qualquer modo, aqui se formaram aqueles que haviam de relançar a obra salesiana após a 1ª República.

b) Após o interregno

Foi também com grandes sacrifícios que, após o interregno de 1910-20, se procurou resolver o problema da preparação do pessoal nas suas várias fases: aspirantes, noviços, estudantes de filosofia e teologia.

Casas de aspirantes - De 1924 a 1941 funcionou apenas uma casa para a preparação dos candidatos à vida salesiana: o Seminário Sagrado Coração de Jesus em Poiães da Régua. A escolha do lugar, que, como se viu, foi devida às facilidades oferecidas por D. Manuel Vieira de Matos, veio a merecer reparos por parte de vários visitantes extraordinários, atendendo sobretudo ao facto de o acharem muito fora de mão. Os alunos (à volta de 70, distribuídos por 4 anos) provinham de diversos pontos do país, predominando os da província transmontana e sendo quase todos gratuitos.

¹ Carta ao Pe. Miguel Rua, 1897 (ASC).

A casa foi-se mantendo a custo com os magros recursos de que dispunha e com as módicas ajudas com que as outras casas, também pobres, lhe iam minorando as carências. Neste ponto merece uma referência especial a Oficina de S. José do Porto. Se na província tivesse havido a preocupação de abrir um ou outro colégio para a classe média, como advertia o Pe. Rota em 1928, seriam evitáveis casos aflitivos como os de Pinheiro de Cima e Poiães da Régua (e não foram os únicos).

Em 1941 abre um novo aspirantado em Mogofores, junto ao noviciado, atendendo a que o de Poiães já se tornava insuficiente e tendo em vista dar maior facilidade de acesso às vocações do centro e do sul do país.

Passados alguns anos foi-se verificando que a casa de Poiães necessitava de ser repensada, atendendo à sua reduzida capacidade, à sua degradação progressiva e às interrogações que continuava a levantar a sua localização. Acabou por se decidir o seu encerramento provisório em 1956. Considerados os prós e os contras, prevaleceu a ideia de que se construísse aí um novo edifício, capaz de dar continuidade ao aspirantado interrompido. A construção foi lenta devido a vários percalços, mas em 1975 o edifício estava pronto para receber os aspirantes que, entretanto (no intervalo de 1960-75), tinham passado para Arouca.

Noviciado - O ano de 1929 marca a retomada do noviciado na restauração. O primeiro lugar escolhido para ele foi o Seminário de Poiães da Régua, ao lado do aspirantado. Permanece aqui até 1933, ano em que se fixa no Estoril, ao lado da escola primária, ali iniciada alguns meses antes. Como nem todos, quer a nível da província quer a nível do Conselho Geral, viam com bons olhos a presença dos noviços numa estância turística tida por demasiado mundana, acabou por se transferir o noviciado para Mogofores em 1938. Mas, a partir da década de 50, continua a peregrinar até à década de 80, passando por Manique de Baixo (1953-76), Arouca (1976-82) e Vilarinho de Vila do Conde, onde se encontra actualmente.

Filosofia - O curso de filosofia começa por funcionar também no Seminário de Poiães da Régua e acompanha o noviciado para o Estoril em 1933. Aqui se mantém até à inauguração da casa de Manique de Baixo (1953) - e de novo junto do noviciado -, onde tem continuado até aos nossos dias. Ultimamente, porém, não como curso autónomo, mas articulado com a teologia. Entre 1970 e 1975 os estudantes frequentam o Instituto Superior de Estudos Teológicos, em Lisboa, e, a partir de 1975, a Universidade Católica, também em Lisboa, além de um ou outro no Porto.

Teologia - Se, a partir da restauração, o noviciado tem tido uma vida errante, esta situação de instabilidade tem afectado particularmente a teologia. Na década de 30 os estudos teológicos são feitos em Itália: Crocetta (Turim) e Monteortone (Pádua). Em 1939, por causa da guerra, a Itália é substituída pela Espanha (Madrid), mas só até 1942, ano em que os superiores maiores autorizam que os estudos teológicos sejam feitos em Portugal, a título provisório. O lugar escolhido é o Estoril, onde se conta com o contributo dos professores do curso de filosofia, além de um ou outro vindo de fora. Como se tratava de uma situação de emergência, em 1952 os teólogos voltam para o estrangeiro, desta vez repartidos por Itália (Roma, Nápoles e Messina), Espanha (Madrid, Barcelona e Córdoba), França (Lião) e Inglaterra (Ramsey-Southampton). Entre 1960 e 1964, de novo no Estoril. Desta vez, já com professorado próprio, inicia-se a organização de uma biblioteca especializada e projecta-se a construção de um edifício autónomo, junto do colégio, para sede do Instituto Teológico, projecto que, todavia, não vingou. Em 1964, os estudantes de teologia voltam mais uma vez para o estrangeiro: Espanha (Barcelona, Sevilha e Salamanca) e, nos anos 70, Alemanha (Benediktbeuern) e Irlanda.

E mais uma vez ainda em Portugal, obedecendo a um compromisso da província em aderir, com outros religiosos, a um centro comum de estudos eclesiásticos: Instituto Superior de Estudos Teológicos (ISET). Mas foi sol de

pouca dura (1967-75) devido às suspeitas de desvios doutrinários que, de vários quadrantes, sobre ele recaíram, provocando o seu encerramento. Extinto o ISET, veio a adesão à Universidade Católica, mas só durante alguns anos, pois ultimamente os teólogos têm passado a frequentar de novo institutos salesianos lá fora (Itália e Espanha).

A dispersão dos estudantes de teologia por outros países terá contribuído para não se sentir muito a vantagem de ter ao serviço da província um certo número de especialistas no âmbito das ciências eclesiológicas. Da parte dos superiores maiores não faltou, contudo, quem chamasse a atenção para a necessidade de pensar seriamente no problema. O Pe. Pietro Berruti, por exemplo, interpelava o Pe. Hermenegildo Carrà (provincial), em 1942, nestes termos: «Não tens nenhum clérigo para mandar à Gregoriana ou ao Pontifício Ateneu da Crocetta [Turim]? Faz o possível, pois é a melhor maneira de preparar seriamente o futuro da província».²

Por seu lado o Pe. Carrà, lutando com enorme falta de pessoal, queixava-se amargamente ao mesmo Pe. Berruti de se ver privado dos poucos elementos (italianos) que ia mandando formar à Itália, sendo depois aí retidos para incumbências de vária ordem. E concluía que o melhor era não fomentar os graus académicos, para não ver a província cada vez mais depauperada de elementos entre os mais válidos: «[São-me retirados os elementos que mando qualificar], e depois quer que me anime a enviar alguém para a Gregoriana ou para a Crocetta? *Ad quid?* Para ficar depois aí retido? [Parece-me não valer a pena]».³

O segundo salesiano português enviado à Itália para a licenciatura em filosofia (1947) por lá ficou também para leccionar no Pontifício Ateneu Salesiano. Foi só a partir dos anos 70, que a província, tendo já atingido um nível razoável de maturidade cultural, começou a dispor de alguns elementos capazes de integrar o corpo docente da Universidade Católica.

2. Situação presente

a) Centros de orientação vocacional

Até há relativamente pouco tempo não se fazia nenhuma separação entre orientação vocacional e formação. Isto é, os centros de orientação vocacional ou aspirantados⁴ eram também considerados centros de formação. Ao mesmo tempo que ia fazendo a sua caminhada de discernimento vocacional, o candidato recebia uma formação progressiva na linha da vocação religiosa, sacerdotal ou laical.

Colégio Salesiano Sagrado Coração de Jesus (Poiães da Régua) - Desde a sua abertura em 1924 faziam-se aqui os estudos dos primeiros quatro anos após a instrução primária, os quais serviam de preparação para o no-



viciado. Terminado o 4º ano de preparatórios, os aspirantes, considerados idóneos, seguiam para o Estoril ou, a partir de 1938, para Mogofores a fim de darem início ao noviciado. Como acima se viu, de 1956 a 1975 o seminário de Poiães esteve encerrado e ultimamente foi transformado em colégio, com os níveis de ensino até ao 9º ano de escolaridade, conservando no entanto a sua característica de centro de orientação vocacional, mas num ambiente de maior abertura e completa normalidade.

² Carta de 15 de Agosto de 1942 (ASC).

³ Carta de 29.9.1942 (ASC).

⁴ Advirta-se que o termo “aspirante” não tem hoje o mesmo sentido que tinha no passado. Hoje só se fala de aspirantes a partir do 10º ano de escolaridade, precedido de uma caminhada de orientação vocacional.

Colégio Salesiano S. João Bosco (Mogofores - Anadia) - Paralelamente ao Seminário Sagrado Coração de Jesus de Poiars da Régua, começou a funcionar em Mogofores (Instituto S. João Bosco) um segundo centro de aspirantes, a partir de 1941, e, tal como em



Poiars da Régua e com os mesmos níveis de ensino, o actual colégio salesiano de Mogofores conserva idênticas preocupações vocacionais.

Escola Salesiana Imaculada Conceição (Porto) - O prédio n. 555 da Rua Pinto Bessa, no Porto - deixado em testamento por Berta Botelho à Congregação Salesiana - foi inicialmente a sede da Associação dos Cooperadores Salesianos, do Boletim Salesiano e outros



periódicos divulgativos de carácter popular. Funcionou também aqui um centro de orientação de jovens aspirantes a irmãos leigos até 1969, altura em que estes passaram para Arouca.

Quando, por determinação da Igreja,⁵ começou a ser retardada a idade mínima para a entrada no noviciado, houve que procurar um lugar onde os candidatos, após o 9º ano de escolaridade, pudessem continuar os estudos e dar início ao aspirantado. Escolheu-se a princípio o Colégio dos Órfãos do Porto (1975). Depressa, porém, se verificou que faltavam aqui as condições requeridas para a devida orientação espiritual e salesiana. Pensou-se então em destinar a Escola Imaculada Conceição para esse efeito (1978). Assim, além de se garantir um ambiente mais recolhido e uma orientação mais cuidada, mantinha-se a opção pelo Porto, cidade onde os institutos religiosos são geralmente bem aceites e onde a variedade de obras salesianas oferecem aos jovens aspirantes um bom campo de experiência congregacional.

b) Centros de formação

Até ao imediato pós-Concílio os centros vocacionais - de carácter indistintamente orientativo e formativo - tinham o nome de seminários, aspirantados ou postulantados. Mas, após alguns anos de reflexão, quer a Santa Sé quer os diferentes institutos religiosos foram emanando documentos em que se distinguiram e especificavam com maior rigor as diversas fases da caminhada vocacional.⁶ Ajustando-se, pois, às disposições da Igreja, a Congregação Salesiana estabeleceu que somente a partir do “pré-noviciado” (12º ano de escolaridade) começaria o tempo de formação para a vida religiosa. Até aí deveria falar-se apenas de orientação vocacional. Tal é a norma que vigora desde 1978.

⁵ Cf. *Renovationis causam*, Instrução da S. Congregação para os religiosos e institutos seculares, 1969.

⁶ Cf. *ibid.*, n. 4.

Presentemente, e não obstante a exiguidade de espaços, os jovens em regime de *pré-noviciado* convivem na mesma casa, Escola Imaculada Conceição, com os colegas aspirantes que frequentam o 10º e o 11º anos. A partir da década de 60, em todas as etapas de orientação e formação, equivalentes ao curso dos liceus, os alunos começaram a fazer exames públicos.

O *noviciado*, que entre os salesianos tem a duração de um ano, encontra-se desde 1982 na povoação de Vilarinho, concelho de Vila do Conde.



Vilarinho: casa de noviciado (edifício antigo)

O *pós-noviciado* funciona em Manique de Baixo e abrange os estudos mais ou menos correspondentes ao antigo curso de filosofia



Manique: Instalações do pós-noviciado

(três anos), hoje articulado com a teologia, e os alunos frequentam a Universidade Católica em Lisboa. A este período segue-se um outro de dois anos, consagrado à vida prática no contexto das actividades específicas da missão salesiana: tirocínio ou estágio.

Os estudantes de *teologia* têm vindo a frequentar, nestes últimos anos, institutos superiores da Congregação na Itália e na Espanha.

TERCEIRA PARTE

***FAMÍLIA SALESIANA
E DESAFIOS QUE HOJE LHE SÃO POSTOS***

O artigo 5 das Constituições renovadas da Sociedade de S. Francisco de Sales apresenta a Família Salesiana como «um vasto movimento de pessoas que, de vários modos», se dedicam ao bem da juventude. E acrescenta que esta Família é constituída pelos grupos cuja fundação se deve a D. Bosco - Sociedade de S. Francisco de Sales, Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e Associação dos Cooperadores Salesianos - e por outros grupos surgidos posteriormente, como é o caso do Instituto (secular) das Voluntárias de D. Bosco, fundado pelo beato Filipe Rinaldi em 1917.

O espírito que a todos anima leva-os a viver «em comunhão fraterna» e a entregar-se á mesma missão que lhe vem do fundador, no respeito pela vocação específica de cada um. Mais ainda, continua o artigo citado: os antigos alunos fazem também parte da Família Salesiana «pela educação recebida. E a sua pertença torna-se mais estreita quando se comprometem a participar na missão salesiana no mundo». E fazem-no através dos diversos tipos e níveis de associação.

O mesmo artigo acentua ainda que a Sociedade Salesiana tem particulares responsabilidades em relação aos outros grupos: «manter a unidade do espírito e estimular o diálogo e a colaboração fraterna para enriquecimento recíproco e maior fecundidade apostólica». Aos grupos mencionados há que acrescentar a Associação Devotos de Maria Auxiliadora, reconhecida como grupo integrante da Família Salesiana em 1989. Todos eles estão representados em Portugal. Há todavia mais onze grupos reconhecidos, mas sem representação no nosso país. Outros ainda aguardam a sua vez.

Na sua breve existência histórica a Família Salesiana conta já com um número significativo de heróis da santidade, reconhecida como

tal pela Igreja. Nesta galeria entram bispos, sacerdotes, leigos consagrados ou plenamente inseridos no mundo (como cooperadores salesianos), religiosas, jovens (como Domingos Sávio e Laura Vicuña). Entre os cooperadores salesianos há leigos e figuras do clero secular, bispos e presbíteros que, apesar da sua completa autonomia em relação aos salesianos, entendem, no entanto, estabelecer com eles um laço de comunhão espiritual e de solidariedade operativa. Lembremos, por exemplo, entre nós, o Pe. Cruz, que decidiu passar os últimos anos de vida entre os filhos de Santo Inácio, e D. Manuel da Conceição Santos, arcebispo de Évora e verdadeiro pai dos salesianos que chamou para a sua diocese. O número aumentaria se quiséssemos incluir nele personalidades sobre as quais D. Bosco exerceu um influxo directo, como S. Leonardo Murialdo, os beatos Frederico Albert, Luís Guanella, Luís Orione e José Allamano. Os dois primeiros colaboraram com ele na obra oratoriana de Turim e os outros foram seus alunos no Oratório de Valdocco. Guanella ainda chegou a ser salesiano durante três anos.

Santos canonizados (data da canonização entre parênteses): João Bosco, fundador da Sociedade de S. Francisco de Sales (1934); Maria Domingas Mazzarello, co-fundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora ou salesianas (1951); Domingos Sávio, aluno do primeiro oratório de Turim (1954).

Beatos: Miguel Rua SDB, primeiro sucessor de D. Bosco no cargo de superior geral (1972); Luís Versiglia SDB, mártir, e Calisto Caravario SDB, seu companheiro de martírio (1983); Laura Vicuña, aluna das salesianas da Argentina (1988); Filipe Rinaldi SDB, terceiro sucessor de D. Bosco (1990) e Madalena Morano FMA (1994).

Veneráveis: André Beltrami SDB; Zeferino Namuncurá, aluno índio dos salesianos da Argentina; Augusto Czartoryski SDB; Teresa Pantellini FMA; mons. José Marelo (coop.); Doroteia Chopitea (coop.); Simão Srugi SDB (irmão leigo); Luís Variara SDB.

Servos de Deus: mons. Vicente Cimatti SDB; Rodolfo Komorek SDB; Eusébia Palomino FMA; mons. Luis Olivares SDB; Luís

Martens SDB; José Quadrio SDB; Laura Meozzi FMA; um grupo avultado de mártires da revolução espanhola, etc.

Cooperadores portugueses: Alexandrina da Costa (Balazar); Pe. Francisco da Cruz (S.J.); Manuel da Conceição Santos (arcebispo de Évora e fundador do instituto Servas da Santa Igreja); Sílvia Cardoso (Porto) e Maria da Conceição Rocha (Viana do Castelo).

CAPÍTULO VI

GRUPOS UNIDOS A SOCIEDADE SALESIANA

1. Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora



Santa Maria Domingas Mazzarello

Uma congregação paralela à Sociedade Salesiana

O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, fundado em 5 de Agosto de 1872, teve um início modesto na pequena aldeia piemontesa de Mornese. Fundadora, com S. João Bosco, deste novo instituto religioso - destinado à educação da juventude feminina (e hoje aberto ao sector masculino) - foi Santa Maria Domingas Mazzarello. Conduzida pelo Espírito, Maria Mazzarello viveu na sua adolescência e juventude uma experiência espiritual e pastoral semelhante à de S. João Bosco. Nascido de um projecto divino, manifestado aos fundadores, o instituto expandiu-se rapidamente pelos cinco continentes. Hoje conta 16.701 religiosas (16.249 professoras e 452 noviças), 1.568 casas e 85 províncias espalhadas por 82 nações.¹

Além da co-fundadora, canonizada em 1951, o Instituto das FMA tem actualmente nos altares uma aluna - Laura Vicuña, beatificada em 1988 - e a Irmã Madalena Morano, beatificada em Novembro de 1994. Conta ain-

da uma venerável, Irmã Teresa Valsé Pantellini, bem como seis servas de Deus: Irmãs Carmen Moreno e Amparo Carbonell, mártires da guerra civil espanhola (+ 1935); Eusébia Palomino (+1935); Maria Troncatti (+1969); Maria Romero Meneses, grande promotora de obras sociais (+1977), e Laura Meozzi, primeira superiora da província polaca (+1951).

As Filhas de Maria Auxiliadora em Portugal

As primeiras FMA chegaram a Portugal em Janeiro de 1940, a pedido do servo de Deus D. Manuel Mendes da Conceição Santos, arcebispo de Évora. Assumiram, como obra inicial, a direcção da Casa Pia Feminina da mesma cidade. Três anos mais tarde, e precisamente a 17 de Abril de 1943, entravam também na "Secção 28 de Maio", da Casa Pia de Lisboa, situada no Monte da Caparica. Esta obra viria a dar, mais tarde, muitas e afeições das antigas alunas.

Os primeiros tempos foram marcados pela pobreza e pelo sacrifício, devido ao período da Segunda Guerra Mundial e às dificuldades inerentes ao tipo de obras assumidas. As Irmãs eram ainda pouco numerosas e a vida, nestes internatos, austera e absorvente. Contudo - e talvez por isso mesmo -, as vocações portuguesas foram surgindo e os fundamentos da província, alicerçados no trabalho e na temperança, na fé, na caridade e na alegria de uma entrega sem reservas à juventude feminina mais carenciada, foram penhor do futuro desabrochar do primeiro grão de trigo lançado à terra. Novas fundações foram aparecendo: Setúbal (1947), Freixedas (1947), Golegã (1951), Porto (1951), Aguda (1952) e ainda,

¹ Estatística de Janeiro de 1994. O Anuário Pontifício dá o número total de 16.820.

nos primórdios, três presenças fugazes que não foi possível manter: Vila Seca (Poiães da Régua), Instituto Condessa de Rilvas (Lisboa) e Hospital de Pinhel. Entretanto, partiam as primeiras missionárias para Moçambique (1952) e abria-se no Estoril a Casa Provincial (1953).

Durante 14 anos, as casas das FMA em Portugal e Moçambique estiveram agregadas à província madrilena de Santa Teresa. Com o Ano Mariano de 1954, centenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, foi canonicamente erecta a província portuguesa, dedicada a Nossa Senhora de Fátima e com sede no Monte Estoril. Contava nessa altura 10 casas: 9 em Portugal e 1 em Moçambique. O noviciado, estabelecido na Casa Provincial, ajudou a inculturar em Portugal o carisma salesiano feminino e exerceu uma notável força de atracção para novas vocações. A partir dessa altura, a presença das FMA consolidou-se e expandiu-se.

Expansão em Portugal continental

A partir da erecção canónica da Província Portuguesa de Nossa Senhora de Fátima, a expansão assumiu em Portugal continental um ritmo acelerado. Abriram-se alguns lares, 2 colégios liceais (Estoril e Vendas Novas), várias escolas primárias (Cascais, Porto, Setúbal, Viana do Castelo...) e 6 escolas infantis. As FMA de Portugal entraram também no Hospital do Barreiro (1955). Iniciaram-se actividades de tipo profissional, com cursos diurnos e nocturnos de corte, costura, bordados, dactilografia, etc., em 5 externatos (Cascais, Évora, Freixedas, Golegã, Paranhos da Beira).

Hoje, as FMA de Portugal estão presentes em 17 casas distribuídas por nove dioceses e exercem a sua acção em 8 escolas infantis (Aguda, Areosa, Cascais [Bº da Assunção], Cascais [Bº do Rosário], Golegã, Monte Estoril, Paranhos da Beira e Setúbal); 5 escolas primárias (Aguda, Areosa, Cascais [Bº da Assunção], Monte Estoril [Casa Provincial], Setúbal); 2 colégios de ensino básico (Externato do Rosário em Cascais e Colégio Laura Vicuña em Vendas Novas); 3 internatos (Con-

vento Novo [Évora], Porto, Setúbal). Mantêm, além disso, três centros sociais (Golegã, Galiza [Estoril] e Paranhos) e 2 presenças pastorais particularmente significativas (Vagos [Aveiro] e Paderne [Algarve]). Os numerosos centros de cooperadoras e cooperadores, de antigas alunas e antigos alunos corresponsabilizam na missão salesiana muitos leigos desejosos de fazer parte da Família de D. Bosco e de partilhar a vivência da sua espiritualidade. O ideal do voluntariado social e missionário vai seduzindo cada vez mais os jovens particularmente sensíveis aos valores cristãos e ao espírito dos santos fundadores, que as FMA procuram viver e irradiar.

Em Moçambique

Por desígnios da Providência, foi da Casa Pia de Lisboa, antigo lazareto destinado aos navegantes chegados do ultramar, que partiu a primeira expedição das Irmãs destinadas a Moçambique. As autoridades da época, confiantes no bom resultado a obter com a aplicação do sistema educativo de D. Bosco, insistiram em confiar-lhes uma importante obra assistencial, o Instituto João de Deus, da Namaacha, dependente da Assistência Pública de Moçambique.

As primeiras FMA, juntamente com os salesianos que iam aí assumir a obra masculina paralela, chegaram ao seu destino a 24 de Setembro de 1952. As 6 Irmãs pioneiras (4 portuguesas e 2 italianas) puderam dedicar-se a tempo inteiro, e com boas condições de trabalho, à educação e ao ensino das alunas. O instituto tinha nessa altura em funcionamento uma escola primária oficial e um curso profissional de formação feminina para as alunas mais velhas. Desta primeira fundação irradiou a obra missionária consequente das FMA em Moçambique e também na África do Sul (Brentwood-Park), junto dos filhos de emigrantes portugueses, a partir de 1965.

Em 1961 começou em Moçambique a “era missionária” propriamente dita, que levou as Irmãs para o norte a pedido do então bispo de Porto Amélia, D. José dos Santos Garcia. Em

1961 assumiam a missão do Chiure, no distrito de Cabo Delgado, onde se encarregaram das obras tradicionais: internato feminino, dispensário, catequeses na sede e visitas às aldeias, catecumenato em ligação com as 14 escolas primárias da missão. Leccionavam também na anexa Escola de Professores Catequistas autóctones, dirigida, tal como a missão, pelos PP. da Sociedade das Missões Católicas Ultramarinas.

Dois anos mais tarde assumiam a missão de Macomia e em 1964 entravam na Casa Maria Auxiliadora, situada na capital do distrito, actual cidade de Pemba. Várias Irmãs, além de atenderem às obras paroquiais anexas, leccionavam ainda no colégio liceal de S. Paulo, pertencente à diocese. A chegada das FMA à diocese, e de modo especial à capital do distrito, causou tanta alegria ao respectivo bispo que, em sinal de gratidão, quis dar o nome de Maria Auxiliadora à segunda igreja construída na cidade e que foi a primeira em toda a África a ser dedicada a Nossa Senhora com este título.

Em 1964 as FMA assumiam outro internato assistencial, o “Lar da Criança” em Tete. O ritmo não abrandava e por isso em 1965 já foi possível inaugurar o Colégio Maria Auxiliadora, também na Namaacha, com internato e semi-internato, ensino primário e liceal.

Em 1970 as Irmãs inauguravam uma nova presença (a última antes da independência do território), assumindo a orientação do Lar D. Cristina Arantes e Oliveira, pertencente também à Assistência Pública e que se destinava a ser o prolongamento da obra do Instituto João de Deus, acolhendo as alunas que vinham concluir na cidade os seus estudos e não podiam contar ali com apoio familiar.

No momento em que foi proclamada a independência de Moçambique, trabalhavam no território 61 Irmãs da província portuguesa (um terço dos seus efectivos): 44 portuguesas, 9 italianas, 6 espanholas, 1 irlandesa e 1 norte-americana.

A viragem operada em 1975, com a proclamação da independência e as circunstâncias em que se deu, levou à nacionalização e encerra-

mento definitivo de várias casas, sobretudo daquelas que estavam mais directamente ligadas à educação e ao ensino. A história das FMA em Moçambique conheceu por isso sofrimentos e recuos. Hoje existe aqui uma província autónoma, desde 1992, dedicada a S. João Bosco, pujante de vida nova, rica de obras diferenciadas e com um rosto tipicamente africano. Nela se incluem as casas que as Irmãs dirigem em Angola.

Traços característicos

Depois deste breve olhar de conjunto sobre a génese e a história da Província Portuguesa Nossa Senhora de Fátima das Filhas de Maria Auxiliadora, é fácil definir as características que distinguiram desde o início a sua fisionomia:

1ª Obras assistenciais e de promoção humana em favor da juventude feminina mais carenciada.

2ª Forte vitalidade missionária, que levou à constituição da actual província moçambicana S. João Bosco.

3ª Atenção particular às actividades de cunho pastoral e catequético.

Quanto à realidade de hoje, podemos afirmar que é clara e comprometida a opção pelos jovens com os quais contactam as 17 casas em que as FMA se dedicam a “educar evangelizando e a evangelizar educando”, quer se trate de alunos, antigos alunos, cooperadores, oratorianos, catequizandos, grupos paroquiais ou de compromisso juvenil salesiano, voluntários da Associação VIDES, etc.

2. Associação dos Cooperadores Salesianos

Uma associação de leigos empenhados

A Associação dos Cooperadores Salesianos é uma associação de fiéis de ambos os sexos - leigos na sua quase totalidade (há também eclesiásticos inscritos) - os quais, animados pelo espírito da Sociedade Salesiana e com ela

empenhados na prática da caridade evangélica, privilegiam acções orientadas para o amparo e formação da infância e juventude, no meio em que estão inseridos. Trata-se de uma associação que apresenta certa semelhança com as ordens terceiras das antigas ordens religiosas, e faz parte da organização mundial do apostolado dos leigos.

Os primeiros cooperadores remontam ao início da obra dos oratórios de Turim (1841), em que D. Bosco promovia a cooperação de pessoas de boa vontade, sacerdotes e leigos, nas diversas tarefas implicadas no movimento dominical da juventude, desencadeado pelo jovem sacerdote piemontês. Entretanto a aprovação pontifícia dos cooperadores salesianos, como associação religiosa e apostólica, data de 1876. Governava então a Igreja Pio IX e ele próprio quis ser o primeiro cooperador inscrito.

D. Bosco considerava os cooperadores e cooperadoras verdadeiros salesianos no mundo, ao lado dos salesianos consagrados e das FMA, vivendo no seu ambiente familiar e social o mesmo ideal daqueles e destas. Mas queria-os dotados de um espírito verdadeiramente eclesial e católico: «O fim directo dos cooperadores não é ajudar os salesianos, mas servir a Igreja, os bispos, os párocos, sob a alta direcção dos salesianos... E ajudar estes outra coisa não é senão ajudar uma das tantas instituições actuaes na Igreja católica».

A associação dispõe de um órgão de ligação interna, o *Boletim Salesiano*, editado nas mais diversas línguas, incluindo a portuguesa (durante bastante tempo, desde o início em 1902, havia uma única edição para Portugal e Brasil; mas desde 1940, cada país tem a sua). E rege-se por um regulamento de vida apostólica próprio, cujas linhas fundamentais, vindas do fundador, se mantêm no texto recentemente reformulado (1986) à luz do Concílio Vaticano II e do novo Código de Direito Canónico, e tendo também em conta a renovação das Constituições e regulamentos da Congregação Salesiana e do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Em Portugal

Muitas vezes os cooperadores precederam os salesianos em países onde aqueles já existiam e desenvolviam a sua acção apostólica. Foi o que aconteceu em Portugal graças à intervenção de cooperadores distintos e dedicadíssimos, como os padres Sebastião de Vasconcelos, relativamente ao Porto, Francisco da Cruz, relativamente a Braga, e Laurindo Leal Pestana, relativamente à Madeira, bem como os bispos D. Manuel Vieira de Matos, relativamente a Poiões da Régua, e D. Manuel da Conceição Santos, relativamente a Évora.

Além disso, acompanharam sempre de perto a acção dos salesianos nos diversos campos do apostolado. Hoje, em quase todos os lugares em que estes trabalham existem centros organizados de cooperadores, com os seus encontros periódicos (mensais por via de regra) de formação e vivência espiritual, além dos encontros extraordinários a nível nacional, em que costumam participar também elementos dos centros orientados pelas FMA.

As formas de cooperação variam muito de lugar para lugar, de acordo com as circunstâncias e bem assim com a disponibilidade e grau de empenhamento das pessoas. Em todo o país o número global de associados anda à volta de um milhar. Nestes últimos tempos tem vindo a ser feito um esforço no sentido de injectar sangue novo na associação com o incremento de elementos jovens.

3. Confederação Mundial Antigos Alunos de D. Bosco

Núcleo propulsor de um amplo movimento salesiano e ecuménico

Embora sem a força vinculativa da Sociedade Salesiana, do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e da Associação dos Cooperadores Salesianos, a associação dos antigos alunos tem a vantagem de agrupar elementos não só de todas as raças, línguas e condi-

ções sociais, mas também de todos os credos e posicionamentos mentais (agnosticismo, por exemplo). É que, se nem todos eles podem comprometer-se a testemunhar os valores cristãos, todos no entanto podem assumir o compromisso de testemunhar e promover os valores humanos que lhes foram inculcados pela educação recebida e manter viva a preocupação pela causa dos jovens e dos pobres.

Dentro do movimento dos antigos alunos, a ideia de uma organização de elementos mais sensíveis e dinâmicos - em ordem a manter viva a chama do ideal salesiano e de a tornar operante em gestos concretos de solidariedade social - começou a concretizar-se, com o aplauso de D. Bosco, em 1878. A ideia teve o seu período de gestação a partir de 1870, ano em que, por iniciativa do antigo aluno do Oratório, Carlos Gastini, se iniciou uma série de encontros informais de antigos alunos de D. Bosco com o seu antigo mestre, tendentes a estreitar os laços de amizade que a todos unia no mesmo ideal.

Com o andar do tempo foram-se multiplicando as “uniões” ou “centros” locais. E estes, por sua vez, foram-se articulando em organizações mais abrangentes, graças particularmente à acção do Pe. Filipe Rinaldi desde que, em 1901, foi escolhido para integrar o Conselho Geral da Congregação. Surgiram assim as federações a nível nacional e internacional, com os respectivos quadros directivos. No primeiro congresso internacional de antigos alunos, efectuado em Turim em 1911, foi eleito o primeiro presidente da Federação Mundial na pessoa do prof. Pedro Gribaudo, federação que em 1964 mudou o nome para Confederação Mundial Antigos Alunos de D. Bosco.

A partir de 1973 há o cuidado de distinguir dois conceitos complementares: movimento e associação. O *movimento* estende-se a todos os que passaram por alguma instituição educativa salesiana e mantêm um mínimo de adesão ao ideário salesiano. A *associação* aponta para um compromisso operativo, mais ou me-

nos empenhado, no âmbito da missão de D. Bosco, resultando daí uma pertença mais estreita à Família Salesiana.²

O ano de 1979 marca uma data do maior significado para a história dos antigos alunos salesianos: o ingresso da Confederação no círculo de órgãos consultivos não governamentais acreditados no Conselho da Europa, o que revela o peso que lhe é reconhecido, inclusivamente no plano político.

Em Portugal

Os antigos alunos salesianos começam a organizar-se em Portugal em 1930, sob o impulso do Pe. Pedro Rota. Além do que cada um procura fazer no seu ambiente de vida e, nalguns casos, em colaboração com os antigos mestres, desenvolvem hoje a sua acção organizada, a nível do país, através da Federação Nacional de Antigos Alunos de D. Bosco e, a nível local, através dos diversos centros. O número total de antigos alunos inscritos é de cerca de 1.600. Dois grupos de antigos alunos, provenientes de antigas colónias portuguesas, merecem uma referência particular: o primeiro (agregado ao centro de Lisboa) é constituído por antigos alunos de Timor (cerca de 90), que se reúnem anualmente nas Oficinas de S. José; o segundo, por antigos alunos de Moçambique (cerca de 70), que se reúnem, também anualmente, no Colégio Salesiano S. João Bosco de Mogofores.

Alguns centros promovem uma série de iniciativas interessantes, sobretudo nos campos desportivo, cultural e social, como os de Évora, Porto e Estoril. Este último tem já em fase adiantada de construção um importante centro social na Amoreira, que beneficiará largamente, e já beneficia em medida apreciável, a população daquela zona.

² Cf. *Const.*, art. 5.

4. Instituto Voluntárias de D. Bosco

Uma forma de vida consagrada em plena secularidade

O Instituto Voluntárias de D. Bosco (salesianas seculares consagradas) nasceu em Turim em 1917, com o nome de “Filhas de Maria Auxiliadora no século”, para as distinguir da congregação religiosa “Filhas de Maria Auxiliadora” (tiveram ainda outros nomes: “Zeladoras da Sociedade de S. Francisco de Sales” e “Cooperadoras Oblatas de S. João Bosco”). Tomaram o nome definitivo de Voluntárias de D. Bosco em 1959, sendo então 248 elementos. Foi seu fundador o beato Filipe Rinaldi.

Até meados do século o desenvolvimento das voluntárias processou-se lentamente, pois a ideia de viver a consagração no meio do mundo era ainda uma novidade. Com efeito, só em 1947 Pio XII reconhece os institutos seculares através da Constituição Apostólica “Provida Mater Ecclesia”. O reconhecimento oficial das Voluntárias de D. Bosco, como instituto secular de direito pontifício, data de 1978. Nessa altura o número de associadas era de 464, o que representava um avanço considerável. Note-se, de facto, que em 1943 as associadas eram apenas 16, mas em 1964 tinham já alcançado o número de 287. Em 1983 o Instituto contava com 740 membros, tendo subido o seu número para 1220 em Janeiro de 1994.

Estão organizadas em grupos (6 a 25 consagradas) e sub-grupos (menos de 6), uns e outros - com a respectiva responsável - em ligação com a assembleia regional. Apesar de não terem vida comunitária, como é próprio dos institutos seculares (que se situam na órbita não da vida religiosa mas da vida laical), nem por isso deixam de viver em comunhão não só mediante o espírito das Constituições, mas também mediante encontros periódicos, destinados à oração e reflexão em comum, à formação permanente e aos exercícios espirituais. A voluntária de D. Bosco procura irradiar o espírito do Evangelho e do carisma salesiano

exercendo as mais variadas profissões e tarefas - com relevo para as que se relacionam mais directamente com os jovens -, inserida no contexto real da sociedade como qualquer outra mulher.

Em Portugal

Em Portugal as Voluntárias de D. Bosco começam a ser conhecidas e a despertar interesse em meados da década de 70. Em 1978 reúne-se no Porto o primeiro grupo de interessadas pela vida do instituto e em 1981 três delas fazem a sua primeira profissão em Fátima, havendo mais quatro no aspirantado. Em 1994 o instituto conta com 12 elementos: 8 professoras perpétuas e 4 aspirantes. No seu conjunto formam um grupo - com a sua responsável, o seu conselho local no Porto e o assistente salesiano - em ligação com a responsável regional (espanhola). Têm encontros regulares de formação e vivência religiosa e é em Fátima que habitualmente se encontram para o retiro espiritual e as profissões, perpétuas ou temporárias.

5. Associação Devotos de Maria Auxiliadora

Uma associação não apenas devocional

Embora se trate, como o nome indica, de uma associação de carácter devocional, a dimensão apostólica faz parte da sua dinâmica. Está ligada à história do santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, construído por D. Bosco em Turim e inaugurado em 1868. A erecção canónica e a aprovação dos estatutos remontam a 1869. O centenário da morte de D. Bosco fez nascer em muitos membros da associação, pertencentes a diversos países (com destaque para os de Portugal e Espanha), o desejo de que a mesma fosse oficialmente reconhecida como grupo constitutivo da Família Salesiana. O desejo foi acolhido pelo superior geral, com o seu conselho, e o reconhecimento teve lugar em Julho de 1989.

Em Portugal

No âmbito da província portuguesa, a Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora conheceu um relativo florescimento nos primeiros tempos. Entrou depois numa longa fase de quase apagamento. Ultimamente tem vindo

a renovar-se e a tentar um mínimo de organização e formação, tomando ao mesmo tempo consciência de que hoje não pode limitar-se a um conjunto de práticas religiosas e ao uso de um distintivo, mas tem de assumir o apostolado como parte integrante da sua espiritualidade.

CAPÍTULO VII

DESAFIOS À FAMÍLIA SALESIANA HOJE

O conteúdo deste capítulo reproduz, por vezes textualmente, algumas das reflexões do último CG da Congregação (CG23) e o pensamento do superior geral, Pe. Egidio Viganò.

1. Unidade na diversidade em ordem a um projecto comum.

Há já alguns anos que o superior geral dirigiu à Família Salesiana a seguinte palavra de ordem: “Para a frente, juntos”. O apelo, “para a frente”, aponta a missão; a advertência, “juntos”, acentua o espírito de comunhão. A missão da Família Salesiana entre os jovens “pobres e abandonados” deve expandir-se em iniciativas, em novas presenças, em espírito de inventiva apostólica. O espírito de comunhão deve crescer em autenticidade e em organicidade. Cada grupo da Família Salesiana tem a sua identidade própria e goza de uma justa autonomia. Identidade e autonomia que de modo nenhum devem pôr em causa a comunhão. Este primeiro desafio, “ir para a frente, juntos”, pode expressar-se em alguns objectivos concretos e urgentes:

a) *Robustecer* o conhecimento de D. Bosco e, como consequência, a nossa caridade pastoral. O que equivale a aprofundar o conhecimento do carisma comum em ordem àquela caridade pastoral, viva, actuante e criativa que implica o serviço aos jovens nesta recta final do século XX.

b) *Evangelização educadora da juventude*. Para a Família Salesiana a acção evangelizadora é a melhor pedagogia. É necessário traduzir o Evangelho em mensagem para a juventude de hoje, situar a fé no centro da cultura, renovar a capacidade de comunicação. Esta compenetração existencial entre evangelização e educação conduz a uma promoção integral cristã ou, em outros termos, a uma educação

libertadora cristã. A evangelização estende-se a todos os compromissos pedagógico-culturais da condição juvenil.

c) *Formação específica* de cada grupo e trabalho com os leigos. A unidade no carisma de D. Bosco não suprime as diferenças. É importante que cada grupo cuide a identidade e a formação específica como elementos enriquecedores da comunhão.

Além desta preocupação pela identidade, uma outra tarefa é proposta: difundir e tornar participantes dos valores salesianos o maior número possível de leigos, de forma a criar um vasto movimento polarizado no espírito de D. Bosco.

d) *A pastoral vocacional*. A exemplo de D. Bosco, é uma obrigação da sua Família promover e cultivar a dimensão vocacional de toda a pastoral juvenil. O dever de educar os jovens no discernimento da vocação pessoal nasce do direito que assiste a cada um de ser orientado, antes mesmo da consideração duma determinada situação das vocações na Igreja.

2. Os leigos, com D. Bosco, para os jovens

É este o segundo desafio: promover a vocação do leigo ao serviço dos jovens segundo o espírito de D. Bosco. São três os motivos desta preocupação da Família Salesiana com os leigos.

Em primeiro lugar, um motivo eclesial. Em sintonia com a eclesiologia do Vaticano II, a Família Salesiana toma consciência da responsabilidade que tem na formação de leigos capazes de colaborar em Igreja, segundo a sua índole própria, na obra salvífica de Jesus Cristo.

O segundo motivo relaciona-se com a própria natureza da Família Salesiana, que é cons-

tituída, também, por alguns grupos de leigos. Importa que o leigo, inserido nesta Família, seja um leigo “salesiano”, salesianidade que se inspira na caridade pastoral de D. Bosco. O leigo salesiano é alguém que trabalha na Igreja ao serviço dos jovens, segundo o espírito e o carisma bosquiano.

O terceiro motivo é de ordem prática: aproveitar ao máximo a colaboração dos leigos seculares. Embora a preocupação pelo laicado deva ter em primeiro lugar uma motivação eclesial e teológica, é certo que, neste momento de crise de vocações, tem também uma intenção pragmática de suplência e ajuda. É este um dos maiores desafios que hoje se coloca à Família Salesiana. A crise vocacional criou um grande desequilíbrio entre a grandiosidade e complexidade das obras e o escasso número de religiosos educadores. Como colmatar este desequilíbrio de modo a evitar a descaracterização da acção pedagógica? A resposta deve ser procurada na formação salesiana dos leigos colaboradores. Embebidos no espírito salesiano, estes leigos poderão tornar-se cooperantes directos e eficazes e colmatar assim as deficiências provocadas pela crise vocacional.

3. Missão salesiana e mundo do trabalho

Desde pequeno, D. Bosco viveu no mundo do trabalho: primeiro no contexto rural da sua terra e depois no contexto urbano (Turim) da época pré-industrial e industrial. Os problemas de emprego e ocupação para sobreviver eram rotineiros na sua família. A infância de João Bosco aparece-nos dominada pelas realidades laborais. Como estudante, ganha o pão a trabalhar. Mais tarde, a opção de ser missionário da juventude coloca-o em contacto com turbas de jovens trabalhadores, que vinham procurar trabalho na cidade de Turim, enfrentando desta forma os fenómenos resultantes do desequilíbrio social: migração, trabalho infantil, exploração, ignorância. A atenção aos jovens “aprendizes” (como então se dizia) e a escola de artes e ofícios ou escola profissional aparecem desde as origens como duas caracte-

terísticas da identidade da missão salesiana.

A experiência espiritual e apostólica do fundador cria nos salesianos, seus seguidores, uma afinidade carismática e uma congénita sintonia com o mundo do trabalho e as necessidades dos jovens que para ele se encaminham. A acção pastoral e de testemunho no meio dos trabalhadores é um dos empenhos mediante os quais se exprime a vocação salesiana ao serviço das classes mais necessitadas. Por isso o salesiano procura aprofundar o conhecimento do mundo operário, dos seus problemas e aspirações, das causas da sua atitude perante a Igreja e a fé, impelido a anunciar o “evangelho do trabalho”: a consistência própria e objectiva do trabalho como factor de humanização e progresso, e também as suas ambivalências e perigos; o lugar central do homem como sujeito, origem e finalidade do trabalho; uma espiritualidade entendida como fermento de espírito e graça no interior concreto das realidades laborais, sem diminuir a justa autonomia que as caracteriza. Quer dizer, à luz do Evangelho procura incorporar o mundo e a cultura do trabalho numa verdadeira “civilização do amor”.

O mundo do trabalho foi para D. Bosco um dos espaços naturais e privilegiados da sua predilecção pelos pobres. A seu exemplo, o salesiano é também chamado a anunciar a Boa Nova sobretudo aos pobres, promovendo-os como homens e como cristãos e habilitando-os para o trabalho, no acolhimento positivo dos progressos técnicos. Qualquer desvio desta linha fundamental do carisma do fundador constitui motivo sério de apreensão.

Nesta ordem de ideias, os salesianos portugueses estão empenhados em recuperar a dimensão técnico-profissional que no passado teve grande ressonância na sociedade e ainda está presente na designação de algumas das suas instituições: Oficinas de S. José (Lisboa), Escola Profissional de Santa Clara (Vila do Conde), Escola de Artes e Ofícios (Funchal). Consideramos, até, que a significatividade do agir dos filhos de D. Bosco (quer dizer, a transparência carismática das suas obras) passa pela opção pelos pobres realizada no mundo do trabalho.

4. Comunicação social

D. Bosco, levado pela sua inata capacidade de prever o futuro, intuiu o peso crescente que a comunicação social estava a assumir. Dedicou-lhe a maior atenção, desde o início do seu apostolado, e disse a propósito da imprensa: «Neste campo, D. Bosco quer estar na vanguarda do progresso». Está aqui um dos grandes desafios lançados aos salesianos neste final do século XX, dadas as mudanças sócio-culturais que nos envolvem e a importância da comunicação social como presença educativa das massas, plasmadora de mentalidades e criadora de cultura. O progresso acelerado nos últimos anos faz da comunicação social um factor de primeira ordem na criação da opinião pública, ou seja, exerce um papel decisivo na dialéctica cultural, na vida social e nos costumes.

A Família Salesiana no seu conjunto e os salesianos em particular consideram o vasto campo da comunicação social como um lugar de novas e significativas presenças. O porquê desta atenção aos *media* está no facto de estes entrarem no âmbito da missão salesiana. Os meios de comunicação social são para os salesianos instrumentos de realização do seu projecto apostólico.

Quem tem por missão educar e evangelizar a juventude não pode deixar de atender aos aspectos positivos, sem dúvida, mas também negativos deste vasto sector do ambiente sócio-cultural. Considerados como uma espécie de “escola paralela”, os meios de comunicação social, ao fornecerem informações heterogéneas, contraditórias e entre si alternativas, tendem a demolir a estrutura unitária no interior das várias culturas, expondo o receptor ao risco bem real da superficialidade (o homem audiovisual!). Os salesianos têm consciência de que é necessário formar nos jovens um apurado sentido crítico, bem como um dinamismo positivo e confiante em ordem a recuperar os *media* para a sua finalidade e intencionalidade últimas: serem factores de humanização, de solidariedade, de fraternidade, numa palavra, criadores de espírito de família a nível planetário.

Resumindo, e em palavras do superior geral, são três as prioridades que se colocam aos salesianos hoje:

a) *Capacidade de evangelização* através da comunicação social: levar aos jovens, em linguagem mediática, o Evangelho de Jesus Cristo.

b) *Formação do salesiano* para a comunicação social: ultrapassar a passividade de um critério unicamente defensivo e realizar uma verdadeira mudança de mentalidade.

c) *Promoção da informação salesiana*. Sem uma informação correcta sobre as origens, a história e a vida actual da Congregação e da Família Salesiana, não há circulação da linfa vital no organismo, esvazia-se o conceito de identidade e o sentido de pertença vai-se atrofiando.

No seguimento de D. Bosco, cumpre aceitar o desafio lançado pela idade espacial das comunicações.

5. Evangelização dos jovens e promoção vocacional

Os salesianos existem para dar continuidade a este projecto do fundador: ser na Igreja sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres. Entre as diversas expressões deste amor, consideram fundamental e prioritário o imperativo da educação para a fé ou evangelização. «No seu começo - dizia D. Bosco - a acção da Congregação reduzia-se ao catecismo». Também hoje, qualquer obra salesiana só é justificável se for dirigida, organizada e realizada tendo em vista esta finalidade apostólica. Por conseguinte, há que aceitar - como lembra o 23º CG (1990) - as exigências da evangelização dos novos tempos e das novas situações, tomando consciência dos desafios que se levantam:

a) O desafio do *afastamento-alheamento*: como superar as barreiras físicas, psicológicas e culturais que separam os jovens do mundo da fé?

b) O desafio da *pobreza e marginalização*: as condições desumanas em que vivem tantos jovens são um obstáculo aos valores do espírito. A comunidade salesiana é convidada a ser a voz dos que não têm voz, a ser pobre com os pobres, a ser sinal de esperança.

c) O desafio da *irrelevância da fé na vida e na cultura*: os valores religiosos são colocados à margem dos elementos que compõem a nova sociedade e dos aspectos considerados essenciais no mundo contemporâneo. A proposta religiosa já não encontra um espaço cultural para se exprimir de forma compreensível. Trata-se de um problema de novos conteúdos, de nova linguagem e de novas formas de comunicação.

d) O desafio do *encontro com outras opções religiosas, cristãs ou não cristãs*: como estabelecer um diálogo entre o catolicismo e outras opções no reconhecimento mútuo dos próprios valores?

e) O desafio da *vida quotidiana*: é a síntese e a matriz de todos os outros desafios. Muitos jovens experimentam-no da forma mais dolorosa: na fome que procura o pão; na opressão que procura a liberdade; na solidão que procura a segurança; no absurdo que procura o sentido e a esperança.

Perante estes desafios, os salesianos sentem-se interpelados e são levados a verificar e avaliar a sua capacidade de resposta. O primeiro passo consiste em ir ao encontro dos jovens a fim de superar as distâncias e barreiras - físicas, psicológicas e culturais - que os separam dos adultos. Ir ao encontro deles, nos lugares onde vivem. É o segundo passo, à imitação de D. Bosco, que também saía para a rua e entrava nas oficinas e nos diversos lugares de trabalho. "É nos lugares onde os jovens vivem" que se auscultam os seus problemas e aspirações. O terceiro passo consiste em valorizar o património de qualidades que todo o jovem possui. Amando e fazendo-se amar, o salesiano educador procurará descobrir no coração do jovem os anseios mais profundos e as energias e recursos, por vezes ignorados, mas sempre presentes na alma juvenil.

A promoção vocacional constitui o coramento de toda a acção educativa e evangelizadora e dela depende o futuro da missão salesiana. Esta, na verdade, encontra-se confrontada com o défice vocacional do instituto religioso ao qual, antes de qualquer outro grupo da Família a que pertence, compete levar por diante esta mesma missão.

Em nossos dias o problema das vocações não pode ser encarado como há trinta ou quarenta anos atrás, em que a uns tantos jovens, previamente contactados com o vago desejo de serem padres ou religiosos, se dava uma formação especificamente orientada para esta meta, num ambiente separado da vida real. O problema tem de ser hoje enquadrado no âmbito de uma pastoral mais ampla e baseada nas implicações da fé baptismal: a pastoral juvenil.

A pastoral juvenil salesiana tem que actuar prioritariamente no contexto dos colégios existentes na província. Nos primórdios a fonte das vocações era fundamentalmente o Colégio dos Órfãos de S. Caetano que, além do ambiente bracarense já por si vocacionalmente propício, tinha a vantagem de possuir, ao lado dos aprendizes, um grupo de estudantes de boas famílias. Pois era sobretudo deste grupo que provinham os elementos que professaram depois na Congregação: um número relativamente avultado. Quanto às outras casas só a de Lisboa (Oficinas de S. José) se evidencia um pouco. Desde 1920 até meados do século, foram também poucas as casas que contribuíram com algum candidato para aumentar os efectivos da província.

A falha terá dependido, como foi observado, da inexistência de colégios? Hoje, existindo apenas colégios, como explicar a mesma infecundidade vocacional do tempo em que só havia internatos de artes e ofícios? Terá de se atribuir o facto unicamente à quebra de motivações, face ao ideal da vida consagrada, que se vem acentuando no Ocidente de há umas décadas para cá? Talvez a resposta tenha também algo ou muito a ver com a maneira como funciona a pastoral juvenil nos diversos contextos colegiais.

A actual situação - caracterizada pelo

alargamento da idade juvenil, com o consequente adiamento das decisões e pelo fenómeno da secularização que entrou nas instituições educativas - exige novas experiências e novas metodologias. A saber: os grupos de referência vocacional, as comunidades-proposta, as escolas de oração, os retiros, os acampamentos de Verão, as semanas vocacionais.

Hoje a reflexão da Congregação concentra-se principalmente na comunidade local como lugar privilegiado de realização do projecto vocacional. É na casa salesiana que os jovens

entram em contacto com a vocação salesiana. À comunidade local cabe, pois, descobrir os sinais do chamamento, imprimir uma séria orientação, apresentar a proposta vocacional de forma explícita e sistemática, acompanhar pessoalmente os jovens no caminho do discernimento da vontade de Deus.

Parecem-nos ser estes os principais desafios que hoje se colocam à Família Salesiana. Ela procura aceitá-los com humildade, realismo e esperança, confiante na boa vontade das pessoas e, sobretudo, no auxílio de Deus.

CONCLUSÃO

1. Um contributo largamente solicitado

Não foi por iniciativa própria que os salesianos entraram em Portugal, mas porque larga e instantemente solicitados. Em Outubro de 1877 o Pe. Daniel Rademaker lembrava a D. Bosco, seu amigo, que seria uma bênção para Portugal se também aqui fosse lançada a obra dos oratórios. Um mês depois é o bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Lacerda, que escreve de Lisboa a D. Bosco, pedindo-lhe que, sem deixar de dar a prioridade ao Brasil, não se esqueça da juventude portuguesa.

Mas é sobretudo a partir da década de 1880 que começam a chover, de diversos lados, pedidos em cadeia junto do educador italiano para que inicie em Portugal fundações a favor dos jovens pobres e abandonados. É precisamente em 1880 que, no Porto, o Pe. Sebastião de Vasconcelos dá os primeiros passos para a realização do seu plano de salvar os rapazes da rua, com a cooperação dos salesianos. No ano seguinte, em Lisboa, a Associação Operária Católica solicita igualmente a intervenção dos salesianos com o mesmo objectivo. Em 1884 é o cardeal D. José Neto que escreve directamente a D. Bosco para que envie os salesianos para a sua diocese. As respostas que de Turim se vão sucedendo, ano após ano, são dilatórias por alegada falta de pessoal. De Braga partem para Turim vários pedidos de 1888 em diante. E, tal como no continente, alguns bispos do ultramar envidam esforços, mais ou menos pela mesma altura, em ordem a conseguir a presença salesiana para as suas dioceses, ou seja, para Macau, Moçambique e Meliapor.

Mais tarde, passada a tempestade da Iª República, repetem-se as diligências para a abertura de novas casas, sobressaindo nesta fase a grande figura do arcebispo de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos.

2. Ao serviço de que juventude?

Os apelos que de Portugal são dirigidos aos salesianos têm todos a mesma motivação: acudir aos jovens pobres e abandonados, prepará-los para a vida mediante uma formação cristã e humana e a aprendizagem de um ofício. Contudo, não houve ninguém que se lembrasse de que os salesianos, salva a preferência pelos pobres inculcada por D. Bosco, poderiam alargar a sua acção educativa de modo a abranger outros estratos sociais, abrindo por exemplo alguma escola secundária. Na verdade, a ideia dominante em Portugal acerca do educador piemontês (basta ler a imprensa da época) era de que a sua obra se circunscrevia ao mundo dos rapazes da rua e à sua dignificação pelo trabalho qualificado (escolas de artes e ofícios).

Significativo a este respeito é o caso do Pe. Sebastião de Vasconcelos. Tendo ido a Turim a falar com D. Bosco e visitado várias instituições por este fundadas, escolas-oficinas e colégios, a sua atenção vai apenas para as do primeiro tipo. Isto, aliás, de acordo com a preocupação que o absorvia: fundar no Porto uma escola-oficina para os rapazes vadios.

E, já antes dele, o bispo brasileiro D. Pedro Lacerda lembrara a D. Bosco, ao apresentar-lhe a situação da juventude portuguesa, que a tábua de salvação estava nas escolas de artes e ofícios. E outra não era a preocupação que levava de Turim para o Rio de Janeiro, onde contava para breve com o contributo dos salesianos principalmente nesta área. Mas, ao contrário do que veio a acontecer em Portugal, os salesianos no Brasil, paralelamente ao ensino profissional, começaram logo a ministrar o ensino secundário a alunos da classe média destinados a profissões liberais.

É um facto que, entre nós, os salesianos dos primórdios e da restauração ou não tiveram a

coragem de moderar a catadupa de pedidos que iam numa só direcção ou até acharam bem secundar esta tendência, pensando que assim estavam mais em conformidade com o espírito do fundador. É clara a tal respeito a palavra de ordem do primeiro superior da província portuguesa, Pe. Pedro Cogliolo, que outra coisa não via senão escolas de artes e ofícios para os pobres.

Semelhante orientação unidireccional terá contribuído para criar na opinião pública portuguesa a impressão de que os salesianos tinham como únicos destinatários da sua missão os rapazes mais desamparados da sociedade, sem preparação ou competência, portanto, para assumir outras responsabilidades educativas acima deste nível. Era o que observava o Pe. Pedro Rota quando da visita extraordinária às casas de Portugal em 1928, lamentando que a província portuguesa estivesse a dar uma imagem redutora da Congregação ao excluir do seu projecto pedagógico o ensino secundário à classe média.

Por outro lado, importa reconhecer que a acção dos salesianos, no campo da formação profissional, é digna de registo no cenário do ensino técnico no nosso país pelas características metodológicas que a distinguem da metodologia seguida pelas escolas do Estado. Ao contrário destas, que sobrevalorizavam a teoria em detrimento da prática, as escolas salesianas procuravam manter o equilíbrio das duas componentes do ensino técnico.

3. Face à crise do ensino técnico-profissional

A situação da escola salesiana, circunscrita ao sector profissional, só começou a ser significativamente alterada a partir dos anos 60. Foi com efeito a partir de então que o ensino secundário, para o qual os salesianos tinham começado a voltar-se na década anterior, veio a sobrepor-se ao técnico, ficando este reduzido à mínima expressão. Antes do nosso, porém, já outros países mais industrializados tinham sido atingidos pela crise do ensino técnico-profissional que, na sua forma tradicional, se tornava inviável face aos progressos das novas tecnologias. Só algumas escolas, que tiveram a capacidade de fazer a mudança, adaptando-se aos novos progressos, puderam continuar a afirmar-se neste campo específico.

Entre nós a unificação do ensino eliminou à partida qualquer tentativa de redimensionamento. A substituição das escolas, destinadas à educação de rapazes pobres, por colégios poderia levar a pensar que os salesianos passavam a alhear-se dessa categoria social, privilegiada por D. Bosco, para se voltarem de preferência para as classes mais elevadas. Mas os dados fornecidos por cada um dos colégios actuais, graças sem dúvida aos apoios vindos do Ministério da Educação ou de outras entidades, mostram ser significativo o número daqueles que ou são gratuitos ou não pagam a mensalidade completa.

4. A força dos desafios

São muitos os desafios com que a Igreja hoje se defronta. Como instituição da Igreja, a Sociedade Salesiana vê-se particularmente confrontada com os desafios que se prendem com as modalidades do seu apostolado ou missão específica. O último Capítulo Geral, celebrado em 1990 (CG 23), reflectiu detidamente sobre esta problemática e propôs à Congregação pistas de resposta a tais desafios, sobretudo no campo da pastoral juvenil, centrada na educação para a fé.

Entre os vários pontos de reflexão, os capitulares alertaram, por exemplo, para a necessidade de, no diálogo educativo com os jovens, ter bem presente a irrelevância que representa para as novas gerações o factor religioso e a dependência em que vivem relativamente aos *media*: conteúdos transmitidos ou insinuados e linguagem utilizada (mundo das imagens a sobrepor-se ao mundo dos conceitos). Daí a urgência em preparar convenientemente os educadores neste campo para não se sentirem desfasados e poderem transmitir a mensagem cristã de forma compreensível e credível.

A importância, aliás, da comunicação social já tinha sido significativamente acentuada em anteriores Capítulos Gerais, de tal forma que veio a encontrar eco no próprio texto das Constituições renovadas (1984): a comunicação social constitui uma das «prioridades apostólicas da missão salesiana» (art. 43).

O desafio posto aos educadores salesianos pela sensibilidade de uma juventude reticente face ao mundo sobrenatural adquire uma acuidade acrescida quando se trata de apresentar, entre as variadas opções de realização humana e cristã, a opção radical pela vida consagrada. O défice vocacional, que mais ou menos por toda a parte se faz sentir, constitui uma prova palpável de semelhante situação e ao mesmo tempo um estímulo a descobrir as formas mais adequadas de apresentar a proposta da radicalidade evangélica.

Uma congregação como a dos salesianos - que nasceu voltada prioritariamente para os jovens pobres mergulhados no mundo do trabalho, e que durante um século (mais ou menos entre 1860 e 1960) lhes dedicou as principais atenções através da formação profissional - tem vindo a fazer, nas últimas décadas, um sério exame de consciência sobre a sua fidelidade ao espírito das origens, ou seja, à opção pelos jovens pobres e pelo mundo laboral. Daí os esforços em recuperar o ensino técnico, adequado naturalmente ao novo contexto da sociedade. A província portuguesa, ao tentar fazer tal recuperação, sente-se particular-

mente interpelada por um passado em que privilegiou esse tipo de ensino.

O facto de D. Bosco ter fundado uma família espiritual constituída por diversificados grupos apostólicos - aos quais confiou o mesmo espírito de missão ao serviço da juventude e das classes mais humildes - tem levado os mesmos grupos (especialmente a Sociedade Salesiana) a interrogar-se sobre a maneira mais eficaz de levar por diante a missão comum.

Até há relativamente pouco tempo, a força da união entre eles manifestava-se mais ao nível afectivo e espiritual do que propriamente ao nível da missão em acto. Esta exige mais do que simples encontros, ora para tratar temas de mútuo interesse, ora para conviver e estreitar laços em clima de oração e fraternidade. Exige, particularmente, esforços solidários para elaborar planos de conjunto e realizar, também em conjunto, acções apostólicas nos mais variados campos e níveis. À luz e sob o impulso do Concílio Vaticano II - que sublinha o dinamismo de comunhão como uma das dimensões essenciais do mistério da Igreja - sente-se, cada vez mais intensamente, a necessidade da abertura ao diálogo e à colaboração recíproca.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
SIGLAS OU ABREVIATURAS	8
INTRODUÇÃO: O FUNDADOR DA SOCIEDADE SALESIANA	9
1. D. Bosco e o mundo dos jovens	11
2. Acção multiforme	12
3. Um homem plenamente do seu tempo	12
4. D. Bosco e Portugal	13
5. Duas cronologias	13
[Gráficos]	21
PRIMEIRA PARTE: PRIMÓRDIOS E RESTAURAÇÃO (1894-1940).....	25
CAPÍTULO I: AO SERVIÇO DA JUVENTUDE CARENCIADA	27
A - PRIMÓRDIOS (1894-1910)	27
1. Colégio dos Órfãos de S. Caetano, Braga (1894)	28
2. Oficinas de S. José, Lisboa (1896)	30
3. Casa de formação, Pinheiro de Cima (1897)	30
4. Orfanato João Baptista Machado, Angra do Heroísmo (1903)	31
5. Oficina de S. José, Viana do Castelo (1904)	32
6. Orfanato Imaculada Conceição, Macau (1906)	32
7. Escola de Artes e Ofícios, Moçambique (1907)	33
8. Dois orfanatos na Índia (Tanjor: 1906; Meliapor: 1909)	34
9. Oficina de S. José, Porto (1909)	34
10. Interrupção brusca	34
B - RESTAURAÇÃO (1920-1940).....	36
1. Seminário Sagrado Coração de Jesus, Poiares da Régua (1924)	36
2. Oratório de S. José, Évora (1926)	37
3. Timor (1927).....	38
4. Asilo de S. ^{mo} António, Estoril (1932).....	39
5. Instituto S. João Bosco, Mogofores (1938)	40
6. Escola Agrícola, Semide (1938).....	40
C - ALGUNS ACIDENTES DE PERCURSO	42
1. Dificuldades e contrastes	42
2. Limitações	42
D - PARA ALÉM DA PROVÍNCIA PORTUGUESA	44
1. Ao serviço dos emigrantes	44
2. Salesianos portugueses no Brasil	44
CAPÍTULO II: ÁLBUM DE FAMÍLIA	45
1. Patrocinadores da obra salesiana	45
2. Figuras salesianas de relevo	47

SEGUNDA PARTE: APÓS A RESTAURAÇÃO (1940-1994)	57
CAPÍTULO III: PRESENÇA SALESIANA NO CONTINENTE E NAS ILHAS	59
A - ESCOLAS E SEU PERCURSO EVOLUTIVO	59
<i>Escolas reestruturadas ou de recente fundação</i>	61
1. Colégio Oficinas de S. José (Lisboa), 61 - 2. Escola Técnica e Liceal Salesiana de Santo António (Estoril), 62 - 3. Externato Oratório de S. José (Évora), 62 - 4. Colégio dos Órfãos Nossa Senhora da Graça (Porto), 63 - 5. Escola Salesiana de Artes e Ofícios (Funchal), 64 - 6. Escola Profissional de Santa Clara (Vila do Conde), 65 - 7. Colégio Salesiano Sagrado Coração de Jesus (Poiães da Régua), 65 - 8. Colégio Salesiano S. João Bosco (Mogofores), 66 - 9. Escola Salesiana S. Paulo (Manique de Baixo), 66	
<i>Escolas encerradas</i>	67
1. Oficina de S. José (Porto), 67 - 2. Escola Agrícola (Semide), 67 - 3. Casa Pia Masculina (Évora), 67 - 4. Colégio S. Domingos Sávio (Vendas Novas), 67 - 5. Escola Profissional de S. ^o António (Izeda), 67 - 6. Colégio Salesiano (Arouca), 68 - 7. Lar D. Dinis (Lisboa), 68	
B - ORATÓRIOS FESTIVOS OU CENTROS JUVENIS	68
1. D. Bosco e os oratórios	68
Oratório das origens, Incarnação de uma pedagogia, 68 - Um espaço aberto de liberdade, alegria e vida familiar, 69 - Um ambiente de promoção, 70 - Uma instituição paradigmática, 70	
2. Os oratórios em Portugal	70
Os primeiros oratórios, 70 - Os oratórios após a 1 ^a República até ao presente, 72	
C - PARÓQUIAS	75
D - IMPRENSA	75
1. A imprensa na primeira linha do apostolado bosquiano	75
2. Os salesianos e a imprensa em Portugal	76
CAPÍTULO IV: PRESENÇA SALESIANA ALÉM-MAR	77
1. Cabo Verde	77
2. Timor	78
3. Goa	78
4. Macau	79
5. Moçambique	79
6. Vocações autóctones	80
CAPÍTULO V: ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E FORMAÇÃO	81
1. Um itinerário acidentado	81
Primórdios, 81 - Após o interregno, 81	
2. Situação presente	83
Centros de orientação vocacional	83
Colégio Salesiano de Poiães da Régua, 83 - Colégio Salesiano de Mogofores, 84 - Escola Imaculada Conceição do Porto, 84	
Centros de formação	84
Pré-noviciado, 85 - Noviciado, 85 - Pós-noviciado, 85 - Teologia, 85	

TERCEIRA PARTE: FAMÍLIA SALESIANA E DESAFIOS QUE HOJE LHE SÃO POSTOS	87
[Introdução]	89
CAPÍTULO VI: GRUPOS UNIDOS À SOCIEDADE SALESIANA	91
1. Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora	91
Uma Congregação paralela à Sociedade Salesiana, 91 - As FMA em Portugal , 91 - Expansão em Portugal continental, 92 - Em Moçambique, 92 - Traços característicos, 93	
2. Associação dos Cooperadores Salesianos	93
3. Confederação Mundial Antigos Alunos de D. Bosco	94
4. Instituto secular Voluntárias de D. Bosco	96
5. Associação Devotos de Maria Auxiliadora	96
CAPÍTULO VII: DESAFIOS À FAMÍLIA SALESIANA HOJE	99
1. Unidade na diversidade	99
2. Os leigos, com D. Bosco, para os jovens	99
3. Missão salesiana e mundo do trabalho	100
4. Comunicação Social	101
5. Evangelização dos jovens e promoção vocacional	101
CONCLUSÃO	105
1. Um contributo largamente solicitado	107
2. Ao serviço de que juventude?	107
3. Face à crise do ensino técnico-profissional	108
4. A força dos desafios	108

Edição: Província Portuguesa da Sociedade Salesiana
Composição: Orlando Camacho
Impressão e Acabamento: Grafiton, Lda.
Rua do Colégio, 159 A - Bairro da Castelhana
2685 S. João da Talha
Depósito Legal: 86515/95
Tiragem: 3.000 ex.

A presente publicação visa uma primeira abordagem da história (resumida) dos salesianos em Portugal, onde trabalham desde Novembro de 1894, com a interrupção de 1910-1920. Na introdução delinea-se a figura e a acção de S. João Bosco, bem como a natureza e expansão do instituto religioso por ele fundado: a Sociedade Salesiana. Na primeira e segunda partes mostra-se a maneira como esta se inseriu e foi desenvolvendo no meio português: privilegiando primeiro (primórdios e restauração) instituições educacionais ligadas ao mundo do trabalho e à juventude carenciada (escolas de artes e ofícios e "oratórios festivos"), volta-se predominantemente, a partir de meados do século XX, para o sector colegial por força das transformações sociais e escolares. Na terceira parte indicam-se alguns desafios que se colocam hoje à missão dos salesianos no mundo e particularmente no nosso país.